



Bioética e o contexto hermenêutico da iopolítica

Vanessa Lemm

Maurizio Lazzarato Agustín Domingo Moratalla Victor Penchaszadeh Fermin Roland Schramm Alfredo Veiga-Neto

Leia também

- Alex Preukschat ■
- Luís Carlos Dalla Rosa
- Moysés Pinto Neto, Rodrigo Nunes
 - e Caio Almendra
 - Assunta Romio
 - Michael Löwy ■
 - Perfil: Signorá Konrad ■
 - Fernando Del Corona

A Bioética e o contexto hermenêutico da Biopolítica

Biopolítica como teorema da Bioética é o tema do IX Colóquio Internacional IHU que se realiza nos dias 17 e 18 de outubro de 2017, na Unisinos – campus São Leopoldo, e que inspira a revista IHU On-Line desta semana. Alguns dos/das conferencistas que estarão presentes no evento contribuem com esta edição.

Vanessa Lemm, professora na Universidade de New South Wales, na Austrália, inspirada nos trabalhos de Roberto Esposito, discute a biopolítica na perspectiva da obra de Nietzsche.

Maurizio Lazzarato, filósofo e sociólogo que vive em Paris, autor de inúmeros livros, inclusive alguns traduzidos para o português, define a política da dívida como a melhor expressão da biopolítica de nosso tempo. "A dívida é uma máquina de guerra composta por automatismos financeiros", afirma.

Agustín Domingo Moratalla, professor na Universidad Internacional Menéndez Pelayo, Espanha, retoma a noção de dom para pensarmos uma ética condizente com o mundo atual. "As éticas do cuidado recuperaram esta ideia de doação que está relacionada com a sensibilidade, o cuidado desinteressado dos outros e a generosidade", frisa.

Victor Penchaszadeh, professor do Departamento de Ciências da Saúde da Universidad Nacional de La Matanza, Argentina, debate como os atuais estudos da genética contribuem para as garantias civis. "A genética deve agradecer às Avós da Praça de Maio, Argentina, por haver dado a esta disciplina a oportunidade de se redimir de seu passado com uma aplicação a favor dos direitos humanos", pontua.

Fermin Roland Schramm, pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz, propõe uma bioética fundada no cuidado.

Alfredo Veiga-Neto, professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. aborda a relação entre a biopolítica e a educação, propondo a noção de ecogovernamentalidade.

Complementam a edição as entrevistas com **Alex Preukschat**, um dos principais nomes

do mundo no debate sobre as tecnologias blockchaim, especialmente os bitcoins; com **Michael Löwy**, que apresenta seu recente livro *Centelhas – marxismo e revolução no século XXI* (São Paulo: Boitempo, 2017); e com **Luís Carlos Dalla Rosa**, sobre o seu livro *Economia para a vida: a rebelião dos limites e o itinerário teológico para uma economia solidária* (São Leopoldo, RS: Sinodal, 2016).

A recente pesquisa realizada por Datafolha e que mostra a prevalência de jovens entre os apoiadores de Jair Bolsonaro, como possível candidato às eleições presidenciais brasileiras em 2018, é debatida por **Rodrigo Nunes**, **Moysés Pinto Neto** e **Caio Almendra**.

Teresa de Ávila sempre esteve presente na história do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, através de, especialmente, publicações, entrevistas e artigos. Por ocasião do início do Ano Jubilar Teresiano, no dia 15 de outubro de 2017, publicamos o artigo *Moradas de Santa Teresa de Jesus: um itinerário de Amor* de **Assunta Romio**, doutoranda de teologia na Escola Superior de Teologia – EST, São Leopoldo, RS.

Blade Runner 2049, filme de Denis Villeneuve, é comentado por **Fernando Del Corona**, e a Profa. Dra. **Signorá Konrad** é o perfil da semana.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!



Foto: Boris Thaser/

Sumário

- Temas em destaque
- Agenda
- Alex Preukschat: Bitcoins e a difícil fuga do sistema financeiro mundial
- 11 Luís Carlos Dalla Rosa: Para romper com a lógica da piedosa esmola, uma economia de vivência comunitária
- 16 Moysés Pinto Neto; Rodrigo Nunes; Caio Almendra: Tudo que se refere à eleição de 2018 é sintoma da gravidade da crise política
- 21 Assunta Romio: Moradas de Santa Teresa de Jesus: um itinerário de Amor
- 29 Tema de Capa | Vanessa Lemm: Uma política de vida ao invés de uma política sobre a vida. A biopolítica afirmativa de Nietzsche
- 34 Tema de Capa | Maurizio Lazzarato: A política de guerra da dívida
- 38 Tema de Capa | Agustín Domingo Moratalla: A transformação do dom na bioética da ecologia integral
- 41 Tema de Capa | Victor Penchaszadeh: Genética a favor dos direitos humanos e da preservação da vida
- 44 Tema de Capa | Fermin Roland Schramm: A transformação da bioética na ética do cuidado
- 48 Tema de Capa | Alfredo Veiga-Neto: Em busca de uma ecogovernamentalidade
- 54 Michael Löwy: Revolução ecossocialista e o desafio de não ceder à resignação
- 57 Perfil: Signorá Konrad
- 59 Cinema | Fernando Del Corona: Admirável futuro novo
- 62 Publicações | Claudio de Oliveira Ribeiro: Comportamentos normatizados e a noção de profanação na obra de Giorgio Agamben
- 63 Outras edições



ISSN 1981-8769 (impresso) ISSN 1981-8793 (on-line)

A IHU On-Line é a revista do Institu-to Humanitas Unisinos - IHU. Esta publicação pode ser acessada às segun-das-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

Diretor de Redação Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU Ricardo Machado – MTB 15.598/RS (ricardom@unisinos.br)

Jornalistas João Vitor Santos — MTB 13.051/RS (joaovs@unisinos.br)

Lara Ely – MTB 13.378/RS (laraely@unisinos.br)

Patricia Fachin - MTB 13.062/RS (prfachin@unisinos.br)

Vitor Necchi – MTB 7.466/RS (vnecchi@unisinos.br)

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico Ricardo Machado

Editoração Gustavo Guedes Weber

Atualização diária do sítio Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evlyn Zilch, Anielle Silva, Victor Thiesen e William Gonçalves.





Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS CEP: 93022-000 Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128 e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling **Administrativo:** Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)

Revolução 4.0. "Há muito mais promessa do que realidade.



"O que caracteriza o que vem sendo chamado de Revolução 4.0-4.0 rigorosamente é um nome quase que comercial ou uma manufatura avançada, como os americanos chamam — é o aproveitamento e a reunião de uma série de desenvolvimentos."

Mario Sergio Salerno é graduado, mestre e doutor em Engenharia de Produção. Leciona na USP. Acesse a entrevista completa em http://bit.ly/2yqOOVw.

A política de Temer é uma temeridade. É preciso distribuir e integrar, para prosperar



Quando se trata de analisar as decisões adotadas pelo atual governo federal, é preciso separar, de um lado, as propostas econômicas e, de outro, as políticas sociais. "A política econômica é boa, o problema está em todo o resto, nas políticas sociais e ambiental, na falta de governança e reputação do governo."

Eduarda La Rocque é graduada, mestra e doutora em Economia. Acesse a entrevista completa em http://bit.ly/2gm4YcS.

O Código Ambiental Rural precisa ser preservado.



Há um dito popular de que, quando não se considera algo importante, vai se deixando de lado, quase esquecendo. É o popular "empurrando com a barriga". É exatamente o que se faz historicamente no Brasil com a legislação ambiental.

Raoni Rajão é professor da UFMG. Graduado em Ciência da Computação, mestre e doutor em Organização, Trabalho e Tecnologia.

Acesse a entrevista completa em http://bit.ly/2x04ko7.

O ajuste, da maneira que foi feito no Brasil, é totalmente equivocado.



As políticas de austeridade que têm sido adotadas em muitos países desde a crise econômica internacional de 2008 "partem do princípio de que hoje a culpa é de vocês, ou seja, do povo, que quer saúde de graça, que gasta demais, que pressiona os orçamentos".

Luiz Gonzaga Belluzzo é graduado em Direito, mestre em Economia Industrial e doutor em Economia. Acesse a entrevista completa em http://bit.ly/2xIQCFP.

"A questão é: que tipo de país queremos ser?"



"Não houve qualquer tendência secular de aumento ou redução, com a fração do 1% mais rico oscilando entre 20% e 25% durante boa parte do tempo; por outro lado, essa estabilidade não significou pura estagnação, pois houve idas e vindas, por vezes abruptas".

Pedro Ferreira de Souza, doutor em Sociologia, pesquisador do Ipea. Acesse a entrevista completa em http://bit.ly/2zrNwYW.

4

Textos na íntegra em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Confira algumas notícias públicas recentemente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Aumentam números de assassinatos, suicídios e mortalidade infantil de índios

Em 2016 ocorreram 735 casos de óbitos de crianças indígenas menores de 5 anos,
106 casos de suicídios e 118
assassinatos de indígenas
no Brasil. Isso significa um
aumento em todos os dados
monitorados pelo Conselho Indígena Missionário
(Cimi), em relação ao ano
anterior. O governo e representantes políticos da bancada ruralistas são apontados
como corresponsáveis.

Reportagem publicada por Amazônia. org, disponível em https://goo.gl/ dSstzm.

Magistrados dizem que reforma trabalhista não pode ser aplicada como foi aprovada

Aprovada no Congresso Nacional e sancionada pela Presidência da República, a reforma trabalhista ainda não foi discutida pelos tribunais, mas juízes, desembargadores e ministros da Justiça do Trabalho já dizem que as novas normas não poderão ser aplicadas integralmente.

Reportagem de Matheus Teixeira publicada por Consultor Jurídico, disponível em https://goo.gl/HwCKWe.

Guerra da França ao glifosato deve acelerar aprovação do 'Pacote do Veneno' no Brasil

A guerra declarada pela França ao agrotóxico glifosato nas duas últimas semanas deverá causar efeitos indesejáveis no Brasil. O mais preocupante deles é a pressão de fabricantes dessas substâncias para medidas que permitam a desova de estoques encalhados. Já há meio caminho andado para isso, tanto no Executivo como no Legislativo.

Notícia publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo, disponível em https://goo. gl/Zkjz2E.

"Sociedade brasileira cultua a violência"

Uma pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em conjunto com o Datafolha, mostrou que o medo da violência é uma das principais razões para que o brasileiro tenha propensão a posições autoritárias.

Entrevista com o sociólogo Renato Sérgio de Lima publicada por Deutsche Welle, disponível em https://goo. gl/N3SyMj.

Demissão de chefe de combate à escravidão teria sido compra de votos a Temer

O governo de Michel Temer resolveu demitir o chefe do combate à escravidão, André Roston, do cargo de coordenador da divisão de fiscalização para erradicação do trabalho escravo. A suspeita é de que o mandatário foi pressionado pela bancada ruralista.

Reportagem publicada por Jornal GGN, disponível em https://goo.gl/inooyD.

"60% dos que indicam voto em Bolsonaro são jovens"

A mais recente pesquisa Datafolha sobre as eleições presidenciais brasileiras mostrou que Lula lidera as intenções de voto e que cerca de 60% dos eleitores que indicam voto em Bolsonaro neste momento são jovens, com menos de 34 anos.

Diretor do Datafolha, Mauro Paulino, em entrevista feita ao vivo na página do Facebook do El País, disponível em https://goo.gl/PhfvCW.

17 e 18/out

Programação https://goo.gl/mWb9Kw

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Unisinos Campus São Leopoldo

Os múltiplos critérios da justiça distributiva: Análise ético-jurídica da distribuição de moradias populares pelo poder público

19/out

Horário

17h30min às 19h

Conferencista Prof. MS Celito De Bona – Unioeste

Local

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Unisinos Campus São Leopoldo

Lançamento do livro A era do capital improdutivo.

19/out

Horário

19h30min às 22h

Conferencista

Prof. Dr. Ladislau Dowbor – PUC-SP

Local

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Unisinos Campus São Leopoldo

6

A quarta Revolução Industrial e o futuro dos empregos

23/out

Horário

19h30min às 22h

Conferencista

MS João Roncati - People+Strategy Consultoria Empresarial

Local Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Unisinos Campus São Leopoldo

Podem as cidades existir sem os direitos humanos?

24/out

Horário

19h30min às 22h

Conferencistas

Jacques Távora Alfonsin; Ezequiel Morais

Unisinos Campus POA Torre Educacional

2º Ciclo de Estudos - A reinvenção política no Brasil contemporâneo. Limites e perspectivas

25/out

Horário

19h30min às 22h

Programação https://goo.gl/p4vgTq

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Unisinos Campus São Leopoldo



26/out

Horário

17h30min às 19h

Conferencista

Profa. Dra. Maria Augusta Maturana – Unisinos

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Unisinos Campus São Leopoldo

VII Seminário Observatórios: pesquisas, instituições e sociedade nas tramas da crise

30 e 31/out

Horário

19h30min às 22h

Programação https://goo.gl/WnsYG1

Unisinos Campus POA Torre Educacional

A evolução da internet das coisas e da inteligência artificial e seus impactos na sociedade

31/out

Horário

19h30min às 22h

Conferencista

Esp. Maurício Francisco Casotti – Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações – CPqD

Local

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Campus Unisinos São Leopoldo



(terça-feira)

Jacques Távora Alfonsin

ONG Acesso, Cidadania e Direitos Humanos

e Ezeguiel Morais

Movimento Nacional de Luta pela Moradia Ocupa Prefeitura de Porto Alegre – MNLM

19h30min às 22h | Unisinos - Campus Porto Alegre ihu.unisinos.br

8

Bitcoins e a difícil fuga do sistema financeiro mundial

Alex Preukschat, apesar de ser um dos grandes especialistas e entusiastas das tecnologias Bitcoin, é moderado ao analisar a possibilidade de se criar um sistema econômico totalmente alheio às instituições internacionais

Ricardo Machado | Tradução: Henrique Denis Lucas

uando se fala em bitcoin, é prudente começar pelo princípio. Antes de ser uma moeda, o bitcoin e uma espécie de protocolo que regulamenta uma moeda descentralizada que opera fora do sistema financeiro mundial. Esta moeda leva o mesmo nome do protocolo: bitcoin. "Esta proposta de valor, na maioria dos casos, faz sentido se o sistema monetário de um país está repleto de interferências externas e altamente manipulado, levando-o a catástrofes monetárias que motivam as pessoas a recorrer a formatos de dinheiro alternativos, da mesma forma que em alguns países as pessoas recorrem ao dólar ou ao euro para as suas transações comerciais", explica Alex Preukschat, em entrevista por e-mail à IHU On-Line, assessor de desenvolvimento estratégico e gestão de projetos no ecossistema Blockchain, tecnologia que deu origem aos bitcoins.

O cenário encontra seus limites, justamente, nos órgãos financeiros de mercado ou estatais, como descreve Preukschat. "O que certamente tem importância é como se pode fazer intercâmbio de dinheiro (dólares, euros etc.) com criptomoedas, e se essas trocas forem limitadas em algumas jurisdições, certamente afetaria o preço destas

criptomoedas, mas isso não necessariamente determinaria seu fim", pondera. "Meu cenário ideal estaria em encontrar um modelo intermediário híbrido no qual o mais importante, a distribuição equitativa na sociedade, seja conseguida através de ferramentas como a *Blockchain*, com os sistemas de gestão clássicos", complementa.

Alex Preukschat é um entusiasta das novas mídias e pesquisa as transformações sociais impulsionadas pelas novas tecnologias e economia peer-to-peer. É assessor de desenvolvimento estratégico e gestão de projetos no ecossistema Blockchain. Ao longo de sua carreira, trabalhou no setor financeiro e turismo em aspectos relacionados à tecnologia, marketing digital e desenvolvimento de negócios, em diferentes países. É autor, juntamente com Josep Busquet e José Angel Ares, da Graphic Novel *Bitcoin*: a caca a Satoshi Nakamoto (São Paulo: Editora SESI-SP, 2017) e do livro Blockchain: la revolución industrial de internet (Ediciones Gestion 2000, 2017). Além disso, é criador de jogos para celular inspirados no mundo das criptomoedas, da MoneyFunGames. com e cofundador da Blockchain Espanha (BlockchainEspana.com).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – As novas tecnologias derivadas da revolução 4.0 podem reorganizar as dinâmicas de um contexto profundamente mediado pelas relações econômicas? Alex Preukschat – Isso já está sendo feito e é previsto que a combinação de tecnologias, como a Inteligência Artificial, a Internet das Coisas - IoT, os *Big Data*, os *Robots*, os Drones, a *Blockchain* e muitos outros, mudem a nossa forma de

interagir com o mundo de maneira profunda.

Todas estas tecnologias abrem o campo para reinventar os processos de intercâmbio entre todas as pessoas do mundo. Esses processos mui-

"O que certamente tem importância é como se pode fazer intercâmbio de dinheiro com criptomoedas"

tas vezes definem como nos relacionamos e, portanto, também podem alterar as bases da sociedade e da geopolítica.

IHU On-Line – Do que se trata as tecnologias *Blockchain*? Como funcionam?

Alex Preukschat – A tecnologia *Blockchain* nos ajuda a criar ambientes de segurança em transações em que não há confiança nas contrapartidas participantes, sem a necessidade de ter de recorrer a uma entidade central confiável.

IHU On-Line – De que forma as tecnologias como a Inteligência Artificial, a Internet das Coisas, os *Big-data*, entre outros, podem revolucionar o mundo em que vivemos, em relação às *Blockchains*?

Alex Preukschat – É cedo para dizer, mas podemos imaginar como exemplo um dos muitos seguros de carro, oferecidos de maneira dinâmica, considerando o histórico do comportamento de condução do motorista, que utilizando sensores da IoT e compartilhando essa informação de forma anônima, através de uma Blockchain, poderá receber ofertas de companhias de seguros na sua medida. Em um processo de criação de um produto deste tipo, feito sob medida, essas tecnologias poderiam intervir em conjunto para facilitar modelos de negócio completamente novos em praticamente qualquer área de atividade econômica.

IHU On-Line – Quais são os limites e as potencialidades das moedas digitais como os *Bitcoins*?

Alex Preukschat — O protocolo *Bitcoin* foi criado como uma moeda descentralizada sem a necessidade de bancos centrais ou bancos comerciais. Esta proposta de valor, na maioria dos casos, faz sentido se o sistema monetário de um país está repleto de interferências externas e altamente manipulado, levando-o a catástrofes monetárias que motivam as pessoas a recorrer a formatos de dinheiro alternativos, da mesma forma que em alguns países as pessoas recorrem ao dólar ou ao euro para as suas transações comerciais.

Mas além das aplicações monetárias para as quais o *Bitcoin* foi concebido, existe toda uma gama de possíveis aplicações que poderiam assimilá-lo à *Blockchain* de *Ethereum*, com ampliações como o *Rootstock*¹, *Sidechains*² ou *Light*ning *Network*³.

IHU On-Line – Qual é a chance de sobrevivência para um sistema econômico alheio ao sistema financeiro mundial, in-

1 Rootstock ou RSK: é uma plataforma inteligente de contrato que conecta tecnologias blockchains (bitcoin, por exemplo) por meio de tecnologias sidechains. (Nota da IHU On-Line)

cluindo bancos e Estado?

Alex Preukschat – Todas as blockchains públicas são a expressão de pessoas de todo o mundo, querendo colaborar e participar neste tipo de projetos. Nesse sentido, são projetos totalmente vinculados à realidade do mundo. O que certamente tem importância é como se pode fazer intercâmbio de dinheiro (dólares, euros etc.) com criptomoedas, e se essas trocas forem limitadas em algumas jurisdições, certamente afetaria o preço destas criptomoedas, mas isso não necessariamente determinaria seu fim.

IHU On-Line – De que maneira as *blockchains* vão além das criptomoedas?

Alex Preukschat – A origem da Blockchain está no bitcoin. Uma blockchain pública, como o Bitcoin, é composta de três coisas: um token⁴ (bitcoin), um protocolo (Bitcoin) e uma blockchain (o registro descentralizado de transações).

O nome de criptomoeda não está correto no meu ponto de vista. O protocolo *Bitcoin* foi criado para ser um dinheiro descentralizado para as pessoas, mas nem todas as *blockchains* públicas foram criadas para ser uma alternativa ao dinheiro de moedas fiduciárias. No caso do *Ethereum*, a emissão de *tokens*

² **Šidechain:** é uma blockchain que valida dados de outras blockchains. Essa tecnologia foi desenvolvida como uma alternativa para promover integração entre blockchains e adicionar funcionalidades, sem a necessidade de se modificar os scripts das blockchains. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Lightning Network:** consiste em se utilizar canais de micropagamentos instantâneos espalhados pela rede que removem o risco de se delegar a custódia de fundos a terceiro. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Token:** é um dispositivo eletrônico gerador de senhas, geralmente sem conexão física com o computador, podendo também, em algumas versões, ser conectado a uma porta USB. Existe também a variante para smart cards e smartphones, que são capazes de realizar as mesmas tarefas do token. (Nota da **IHU On-Line**)

é ilimitada. Ele foi criado para ser um computador universal para a execução de contratos inteligentes (*smart contracts*) e não pode ser chamado de criptomoeda, mas é um *token* para uma *blockchain* pública. Por isso eu não gosto do termo criptomoeda, porque há muito poucos projetos que possam ser comparáveis ao *Bitcoin*.

"Meu cenário ideal estaria em encontrar um modelo intermediário híbrido"

IHU On-Line – O que o leva a ser otimista sobre as tecnologias *Blockchain*?

Alex Preukschat – Acredito que não temos razões claras para sermos otimistas ou pessimistas. Uma das lições importantes do mundo das blockchains públicas é que a comunidade é a chave para criar um sistema de confiança viável. Sem uma grande oportunidade para as pessoas interessadas em uma blockchain pública não há este ambiente de confiança.

Pessoas como eu se concentram em enfatizar os benefícios futuros da tecnologia *Blockchain* para gerar interesse em todos os níveis da sociedade, mas, da mesma forma que coisas muito boas podem ocorrer, também poderia ser criada uma visão distópica em relação à tecnologia *Blockchain* de dados distribuídos irreversivelmente e rastreáveis por todo o mundo (e especialmente pelos países mais fortes) contra os interesses da maioria, se não for implementada corretamente com uma grande comunidade ativista seguindo o desenvolvimento desses projetos.

IHU On-Line – Como evitar que as tecnologias *Blockchain*, concebidas como uma fuga do sistema financeiro, se tornem uma outra cadeia aprisionada pelas lógicas da financeirização?

Alex Preukschat — Eu acredito ser pouco provável que uma visão totalmente descentralizada do mundo venha a se concretizar, mas ao mesmo tempo, uma grande parte do mundo sofreu muito com as forças de centralização que, no final de contas, danificaram todos os seus participantes. Meu cenário ideal estaria em encontrar um modelo intermediário híbrido no qual o mais importante, a distribuição equitativa na sociedade, seja conseguida através de ferramentas como a *Blockchain*, com os sistemas de gestão clássicos.

IHU On-Line – As novas tecnologias vinculadas às *blockchains* tendem a reduzir ou agravar as desigualdades?

Alex Preukschat – É uma pergunta muito interessante e não tenho uma resposta clara para mim mesmo sobre o que poderia acontecer. A história da humanidade parece indicar que estamos nos movendo

em oscilações de mais e de menos desigualdade. O normal deveria ser vermos uma distribuição desigual, mas tenho a esperança de que a longo prazo veremos sistemas descentralizados que beneficiem todas as pessoas, tal como descrito por Dee Hock⁵, em seu livro *One from Many* (Createspace Pub, 2009).

IHU On-Line – No âmbito global, como está o debate político sobre a regulamentação e tributação das criptomoedas?

Alex Preukschat – Os poderes efetivos do mundo estão diante de um importante dilema. Por um lado, os países mais desenvolvidos do mundo, como o Japão e Singapura ou a cidade de Londres não querem perder a oportunidade de continuar a manter sua liderança internacional e investem de maneira ativa no desenvolvimento de um ecossistema potente. Por outro lado, há países onde os poderes efetivos são tão importantes que conseguem frear praticamente qualquer iniciativa local através de medidas regulatórias, prejudicando o desenvolvimento desta tecnologia em seus países e protegendo seus interesses econômicos. Isso não é nada novo e acontece em muitos outros setores também.

5 Dee Ward Hock (1929): é o fundador e ex-CEO da Visa. Em 1968, Hock trabalhou em um banco local no estado de Washington, que foi franqueado pelo Bank of America para emitir sua marca de cartão de crédito, a "BankAmericard". Após uma série de acidentes improváveis, Hock ajudou a inventar e se tornou executivo-chefe do sistema de crédito que posteriormente se tornou a Visa. Logo no início, ele convenceu o Bank of America a desistir da propriedade e do controle do programa de licenciamento de cartões de crédito "BankAmericard", formando uma nova empresa, o BankAmerica National, que era de propriedade de seus bancos membros. O nome foi mudado para Visa em 1976. (Nota da IHU On-Line)



Para romper com a lógica da piedosa esmola, uma economia de vivência comunitária

Luís Carlos Dalla Rosa analisa as perspectivas do que chama de "economia plural" como caminho para fazer frente às lógicas de mercado, mantendo em equilíbrio o desenvolvimento humano

João Vitor Santos

ara o professor Luís Carlos Dalla Rosa, a chamada economia solidária é muito mais do que uma prática produtiva. "Trata-se de uma economia plural, na medida em que ela acontece a partir de organizações populares que resgatam a sujeiticidade humana, sem esquecer da sua integração com a natureza", explica. Assim, compreende essa perspectiva como um caminho para fazer frente ao modo de produção capitalista, desde a lógica de consumo até a geração de desigualdades. "A solidariedade, enquanto uma dimensão econômica, não é uma condição automática e não surge porque simplesmente há uma situação de miserabilidade. Porém, a introdução da solidariedade, ao lado da autogestão e da cooperação, pode criar um circuito que fundamenta um novo projeto de sociedade", destaca.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, Dalla Rosa ainda analisa os programas governamentais. "Como se percebe nas políticas que foram adotadas pelos governos Lula e Dilma, a distribuição de renda significou mais um acesso aos bens de consumo, que em um primeiro momento é justo e necessário, do que propriamente uma perspectiva que pudesse desencadear processos emancipatórios", analisa. Para ele, "se os programas governamentais de distribuição de renda não implicarem ou

não estiverem associados a políticas de diminuição de desigualdades sociais, podem ser questionados até que ponto conseguem dar conta das condições que geram realidades de pobreza". Por isso, defende: "a solidariedade é uma vivência comunitária, relação eu-outro, não é uma esmola, uma mera caridade".

Luís Carlos Dalla Rosa é graduado em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul - UCS, possui doutorado em Teologia pela Faculdades EST, de São Leopoldo, e realizou estágio pós-doutoral em Teologia na EST e na Princeton Seminary Theological, nos Estados Unidos. Atua como professor de Antropologia Cultural e Religiosa na Faculdade Dom Bosco de Porto Alegre e supervisor Pastoral da Gerência Social da Rede Marista. Entre suas publicações, destacamos Educar para a sabedoria do amor: a alteridade como paradigma educativo (São Paulo: Paulinas, 2012) e Economia para a vida: a rebelião dos limites e o itinerário teológico para uma economia solidária (São Leopoldo, RS: Sinodal, 2016).

Dalla Rosa ministra a palestra "Economia para a vida. A rebelião dos limites e o itinerário teológico para uma economia solidária", dentro do programa IHU Ideias, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, no dia 23-11. Saiba mais em http://bit.ly/2xsSuHp.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como o senhor compreende o conceito de economia solidária?

Luís Carlos Dalla Rosa – Certamente estamos falando de um jeito diferente de pensar e organizar a di-

mensão econômica. Trata-se de uma economia plural, na medida em que ela acontece a partir de organizações populares, trabalhadores e trabalhadoras que resgatam a sujeiticidade humana, sem esquecer da sua integração com a natureza. Mais do que um modo de produção, podese entendê-la como um modo de viver, a partir da ideia da cooperação, do viver melhor juntos, da relação democrática.

Embora suas raízes remontem ao século XIX, a partir do movimento socialista e cooperativo owenista - Robert Owen1 -, no Reino Unido, tenha-se em conta que a economia solidária é uma reinvenção dos movimentos sociais e sindicais que ganha forca no fim do século XX, uma época de crise econômica, em que ressurge o problema de desemprego em muitos países industrializados, após um período de pleno emprego (1940-1970) e de acomodação da classe trabalhadora no assalariamento. A economia solidária, enquanto terminologia, surge no Brasil nos anos 1980, mas é um movimento que ocorre no mundo todo e reporta a outras experiências similares. Há organizações e associações cooperadas em ao menos trinta países, incluindo o Brasil, que incluem uma diversidade de atores sociais e pessoas que atuam tanto no campo de fomento como na realização de práticas de economia solidária. As práticas são variadas: comércio justo, financas éticas, mercado social, cooperativas de produção e consumo responsável, clubes de troca etc.

A solidariedade, enquanto uma dimensão econômica, não é uma condição automática e não surge porque simplesmente há uma situação de miserabilidade. Porém, a introdução da solidariedade, ao lado da autogestão e da cooperação, pode criar um circuito que fundamenta um novo projeto de sociedade. Permite-se vislumbrar, na economia solidária, uma economia de práxis libertadora. É libertadora, dentre outros motivos, porque se sustenta a partir do protagonismo de trabalhadores

e trabalhadoras, atores sociais que assumem sua história e colocam em prática uma forma de existência social baseada na democracia participativa, cooperação e solidariedade.

Aqui destaco sua força conceitual ou perspectiva que se pode dizer utópica, mas que não podemos perder de vista que há também suas incongruências e mazelas. Esse aspecto retomo adiante, sobretudo quando toco na questão dos desafios.

"Mais do que um modo de produção, pode-se entendê-la [economia solidária] como um modo de viver"

IHU On-Line – Qual a diferença entre a economia solidária e o assistencialismo baseado no sistema capitalista/financeirista, muito presente em programas governamentais?

Luís Carlos Dalla Rosa — Como ponto de partida, ao menos como tentativa, a economia solidária se contrapõe ao metabolismo capitalista que se baseia na competição, no individualismo, na exploração, na pretensão de levar vantagem pela derrota do/a Outro/a. Destaco ainda que, na economia solidária, a relação com o trabalho não é a da alienação que se alimenta da lógica da oferta e procura, em que os trabalhadores recebem salários desiguais e escalonados por critérios de mercado, como o da meritocracia.

Creio que a economia solidária pode colocar em questão as dinâmicas assistencialistas que perpassam a lógica capitalista, lógica esta que foi assumida inclusive por governos ditos progressistas como, por exemplo, no contexto brasileiro, em que a era Lula-Dilma não foi capaz de enfrentar os desafios impostos pelo capital financeiro, porque em certa medida preferiu jogar o jogo do "partido de Wall Street", para usar uma expressão de David Harvey², geógrafo britânico. Nesse sentido, cabe destacar que, embora haja a organização de uma Secretaria de Economia Solidária, a partir de 2003, sob a responsabilidade de Paul Singer³, as iniciativas dos governos petistas permaneceram como políticas de governo, mas não se tornaram políticas de Estado.

A manutenção de investimentos governamentais depende da boa vontade do executivo que, conforme a conveniência, realiza suas políticas de apoio ou não. E quando o faz, coloca-se na perspectiva assistencialista. A solidariedade é uma vivência comunitária, relação eu-outro, não é uma esmola, uma mera caridade. Muitas vezes, a piedade humilha as pessoas.

A economia solidária não precisa estar atrelada aos programas governamentais. Muitas das iniciativas nasceram e continuam se organizando a partir de articulações próprias. Nesse sentido, creio que a economia solidária tem o potencial de provocar uma fissura, um estranhamento na dinâmica do mercado. Recuperase a dimensão da cidadania, do sujeito que participa da comunidade, o sujeito social. A economia solidária proporciona o contato direto e a criação de vínculos, aspectos que não são bem vistos para muitas empresas tradicionais, na medida em que eles podem fortalecer a união dos trabalhadores e trabalhadoras e interferir na ordem e na hierarquia estabelecidas pela lógica capitalista.

¹ Robert Owen (1771-1858): foi um reformista social do País de Gales, considerado um dos fundadores do socialismo e do cooperativismo. Foi um importante integrante da corrente de socialistas utópicos. (Nota da IHU On-Line)

² **David Harvey** (1935): é um geógrafo marxista britânico, formado na Universidade de Cambridge. É professor da City University of New York e trabalha com diversas questões ligadas à geografia urbana. (Nota da **IHU On-Line**) 3 **Paul Singer** (1932): austríaco, de Viena, mora no Brasil desde 1940. É formado em Economia e Administração, doutor em Socialdais além do

³ Paul Singer (1932): austríaco, de Viena, mora no Brasil desde 1940. É formado em Economia e Administração, doutor em Sociologia, além de outras formações. Possui 23 obras publicadas e atualmente é professor titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Quais os desafios para se conceber uma economia solidária?

Luís Carlos Dalla Rosa - Aqui cabe chamar atenção para alguns desafios que percebo no contexto da economia solidária que, além do Brasil, tem articulações em outros países como, por exemplo, Argentina, Uruguai, Bolívia, Portugal, Espanha, Itália, Suíca, Estados Unidos, África do Sul, Bangladesch... Certamente não se pode falar de uma única forma de economia solidária, na medida em que ela perfaz diferentes modalidades de iniciativas, com cunho associativo ou cooperativo, desde o artesanato, reciclagem, alimentação, cultura, turismo, educação e formação, microcrédito e financas, agricultura familiar, produção e comércio justo, confecção, fiação e tecelagem... Uma visita ao portal espanhol de economia solidária4 pode oferecer uma ideia da amplitude dessas iniciativas. No Brasil, o Banco Palmas⁵ pode ser destacado como um dos exemplos que tem dado certo e tem beneficiado uma diversidade de iniciativas. A Feira de Economia Solidária, de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, que reúne uma rede de iniciativas, pode ser apontada como um símbolo desta caminhada.

Desafios

No entanto, não são poucos os seus desafios. Pode-se perguntar até que ponto a economia solidária de fato consegue fazer frente à economia capitalista, na medida em que há o perigo de sua instrumentalização por parte desta. Nesse sentido, é ainda oportuna a observação de Rosaldo Schütz⁶, quando diz que a economia solidária pode significar "uma forma não convencional de reintegração dos destroços e das migalhas humanas e materiais e, até mesmo, de

formas econômicas não capitalistas, aos circuitos do capital⁷⁷.

Nesse sentido, de forma irônica, costumo dizer que, para o capital, não há nenhum problema uma camiseta estampar a imagem de um Che Guevara8 ou uma Frida Kahlo9. Se isso vender e gerar lucro, pode até se tornar um produto de grife e estar no circuito do capital. Agora, o que o discurso capitalista não suporta é a concepção de sociedade e de ser humano que Che Guevara e Frida Kahlo podem inspirar em termos de luta. Isso também vale para a economia solidária. Embora seus princípios se diferenciem da perspectiva capitalista, trata-se em geral de uma proposta econômica convivendo com a economia de mercado e, como tal, coloca-se o problema de como de fato os empreendimentos de economia solidária podem ser diferentes sem entrar na dinâmica do capital.

Um dos principais desafios enfrentados pelos empreendimentos de economia solidária está na sua relação com a economia capitalista baseada na concorrência e sensível às suas leis de oferta e procura. Para as iniciativas de economia solidária que, em geral, formam-se sem acúmulo de capital e contando com

7 SCHÜTZ, 2008, p. 49. (Nota do entrevistado) 8 Che Guevara (Ernesto Guevara de la Serna ou El Che, 1928-1967): um dos mais famosos revolucionários comunistas da história. Foi tema da edição 239 da **IHU On-Line**, de 8-10-2007, disponível em http://migre.me/2pebG. (Nota da **IHU On-Line**) 9 **Frida Kahlo** (1907-1954): pintora mexicana. Entre 1922 e 1925, frequentou a Escola Nacional Preparatória do Distrito Federal do México. Em 1925, aos 18 anos, aprende a técnica da gravura com Fernando Fernandez. Então sofreu um grave acidente. Um bonde, no qual viajava, chocou-se com um trem. O para-choque de um dos veículos perfurou-lhe as costas, causando uma fratura pélvica e hemorragia. Frida ficou muitos meses entre a vida e a morte no hospital, teve que operar di versas partes e reconstruir por inteiro seu corpo, que estava todo perfurado. Tal acidente obrigou-a a usar coletes ortopédicos de diversos materiais, e ela chegou a pintar alguns deles (como o colete de gesso da tela intitulada A Coluna Partida') Durante a sua longa convalescença, começou a pintar, usando a caixa de tintas de seu pai e um cavalete adaptado à cama. Em 1928, entrou no Partido comunista mexicano e conheceu o mura lista Diego Rivera, com quem se casa no ano se-guinte. Sob a influência da obra do marido, adotou o emprego de zonas de cor amplas e simples, num estilo propositadamente reconhecido como rocurou na sua arte afirmar a identidade nacional mexicana, por isso adotava com muita frequência temas do folclore e da arte popular do México. Entre 1930 e 1933 passa a maior parte do tempo em Nova Iorque e Detroit, com Rivera. Entre 1937 e 1939, recebeu Leon Trotski em sua casa de Coyoacán. A ela a **IHU On-Line** dedicou o nú-mero 227, intitulado *Frida Kahlo.* 1907-2007. Um olhar de teólogas e teólogos, disponível em http://bit.ly/2xtSm5I. (Nota da **IHU On-Line**)

equipamentos obsoletos (como os herdados de fábricas falidas), tornase problemático acompanhar o modo de produção capitalista, tanto em termos de custos de produção como em questões de mercado como, por exemplo, preço e qualidade que são determinantes na relação comercial. Daí a importância da organização de redes como uma estratégia, não a única, que deve ser coerente com a proposta da economia solidária.

Não obstante, não é apenas o aspecto da viabilidade econômica ou nível de renda que conta como critério de análise, mas é interessante considerar também como a economia solidária incide sobre o processo de um desenvolvimento mais integral das pessoas envolvidas, bem como da comunidade implicada. Nesse sentido, cabe notar que, apesar das dificuldades, a economia solidária não tem apenas conquistado espaço enquanto forma de sobrevivência, mas também como promoção de elementos emancipatórios das pessoas envolvidas. Um exemplo disso é o protagonismo e a liderança de mulheres em diferentes iniciativas de economia solidária, embora esta constatação ainda não signifique uma real superação da cultura androcêntrica que também se faz presente na econômica solidária.

IHU On-Line – De que forma a teologia pode contribuir no debate sobre economia solidária?

Luís Carlos Dalla Rosa – Falo aqui a partir de uma perspectiva de teologia pública, a partir da qual também me associo à concepção defendida pelo teólogo Rudolf von Sinner¹⁰, segundo o qual trata-se de defender uma práxis teológica que "mantém a sensibilidade da teologia para problemas ligados ao bem comum e para os quais são possíveis

⁴ Endereço: http://www.economiasolidaria.org/(Nota do entrevistado)

Conheça o projeto em http://www.institutobancopalmas.org/ (Nota do entrevistado) 6 Economia solidária. In: LE MONDE DIPLOMA-

lo: Ed. Livraria Instituto Paulo Freire, 2008, p. 49. (Nota do entrevistado)

¹⁰ Rudolf von Sinner: professor de Teologia Sistemática na EST de São Leopoldo e pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Tem doutorado em teologia pela Universidade de Basileia, na Suíça, e pós-doutorado pelo Centro de Investigação Teológica de Princeton, nos Estados Unidos. Entre suas publicações estão Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas (São Leopoldo: Sinodal, 2007), no qual também trata da Teologia Pública. (Nota da IHU On-Line)

contribuições a partir da fé cristã"11.

Pois bem, a partir desse ponto de partida, entendo que a teologia também pode e deve interagir com o campo da economia, sobretudo numa perspectiva de defesa da vida. Se a teologia tem como ponto de partida o Deus da vida, e a economia, enquanto *oikonomia*, implica cuidar das condições necessárias para o viver, então, economia e teologia têm implicações mútuas, seja na forma crítica como propositiva. E isso impacta no debate sobre a economia solidária.

Tenha-se em conta que muitas iniciativas de economia solidária foram fomentadas ou apoiadas por comunidades ou organismos eclesiais, como no caso da Cáritas Brasileira, entidade vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, que ajudou a configurar a concepção da economia popular solidária, uma forma de atuacão articulada junto aos excluídos e excluídas. Do mesmo modo, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB, por iniciativa da Fundação Luterana de Diaconia -FLD, assume a economia solidária como um de seus projetos sociais.

Como essas vivências e práticas impactam na teologia ou como a teologia pode contribuir para uma caminhada eclesial, inserida também no contexto da economia solidária, são desafios que tocam na forma como a fé cristã busca assumir a perspectiva do Deus da vida, quiçá o sentido de uma economia de Deus que se traduz na busca por uma economia que é do cuidar para que todos(as) tenham vida, incluindo a dimensão da natureza. Nesse sentido, a economia solidária surge como uma expressão que diz respeito também ao quefazer teológico.

IHU On-Line – Teologicamente falando, de que forma as lógicas capitalistas neoliberais

se contrapõem às perspectivas cristãs?

Luís Carlos Dalla Rosa - Talvez tenhamos que ter presente quais perspectivas cristãs, na medida em que há também, dentre essas, as que se coadunam muito bem com a lógica neoliberal. Ali se pode falar em teologias que servem como armas ideológicas da morte, como bem o diz, no título de um de seus principais livros, Franz Hinkelammert¹² (1983). Porém, quando em sua autenticidade a fé cristã assume como ponto de partida a perspectiva de Jesus de Nazaré que grita na boca dos empobrecidos, marginalizados, imigrantes, das mulheres e juventudes que sofrem toda sorte de violência, então, pode-se falar de perspectivas cristãs que se contrapõem ao capitalismo hoje em voga.

Isso porque estamos diante de uma lógica econômica que, em nome do lucro – um fetiche, uma idolatria –, exige sacrifício do humano e também da natureza. O mercado se torna como que uma religião, diante da qual a crítica ou a proposição de justiça social, direitos humanos e mais democracia se tornam, para essa visão de mundo, nocivas para a economia que, no caso, torna-se sinônimo de livre mercado.

IHU On-Line – Hinkelammert, um dos autores trabalhados pelo senhor, justifica a crítica à economia política

12 Franz Hinkelammert (1931): economisinfluenciado pelo marxista luterano Helmut Gollwitzer, obteve Doutorado em Economia pela Universidade Livre de Berlin. Entre 1963 e 1973, foi professor da Universidade Católica do Chile e integrante do CEREN. Entre 1973 e 1976, foi pro-fessor da Universidade Livre de Berlin. Entre 1978 e 1982, foi diretor do Curso de Pós-Graduação em Política Econômica da Universidade Autônoma de Honduras e professor e investigador do Conselho Superior Universitário Centroamericano (CSUCA) Foi fundador, diretor e docente do Departamento Ecumênico de Investigações (DEI), em San José (Costa Rica). Como economista tinha especial interesse pela ideologia da economia. Começou a se interessar por sociologia por meio da leitura de textos de Max Weber e de Karl Marx, e por teologia, por meio da leitura de textos de Hel-mut Golwitzer. Em 1963, Himkelammert chegou ao Chile, convidado pela Fundação Adenauer. Na época, era ligada à democracia cristã, que na época contava com correntes reformistas no Chile Ministrou cursos sobre utopia, projetos de transformação, teorias de desenvolvimento, teoria da dependência e outros temas afins na universidade e em movimentos sociais. Nesse processo rompeu com a democracia cristã e com a Fundação Adenauer. (Nota da IHU On-Line)

neoliberal na tese de que a racionalização obtida por meio da competitividade que gera eficiência-rentabilidade é, na verdade, irracional, pois seria incoerente reduzir o conceito de eficiência ao de rentabilidade. O senhor se associa a essa perspectiva? Por quê?

Luís Carlos Dalla Rosa - Sim, concordo com a posição defendida por Hinkelammert. Aliás, um economista e teólogo alemão, mas radicado na América Latina, que é caro tanto à teologia como à filosofia da libertação e que merece ser mais estudado. Ora, isso porque a eficiência entendida como rentabilidade (lucro) que se origina da competitividade significa o sacrifício do próprio humano, sobretudo dos mais pobres, e da natureza. É o que Hinkelammert chama de "ideologia do heroísmo coletivo", uma razão utópica que não se reconhece como tal e se apresenta como única alternativa e, mediante a promessa do progresso técnico-científico, pretende realizar o paraíso na terra, mas que acaba produzindo o inferno.

Assim é que, por exemplo, em novembro de 2015, atônitos, acompanhamos o rompimento das barragens de contenção de rejeitos e produtos químicos da mineradora Samarco¹³, na região de Mariana, Minas Gerais, causando mortes, destruição, devastação, contaminação. Tudo isso em nome do quê? Para os defensores do livre mercado, esse evento de Mariana é apenas um sacrifício colateral, porque suas vítimas estavam no lugar errado. Daí o sentido da irracionalidade implicada por Hinkelammert em sua crítica à economia de livre mercado.

IHU On-Line – Quais os limites de programas governamen-

13 **Desastre de Mariana**: na tarde de 5 de novembro de 2015, a barragem de Fundão – localizada no subdistrito de Bento Rodrigues, a 35 quilômetros do centro do município de Mariana (MG) – rompeu e transformou toda a localidade em um grande mar de lama e destruição. A Samarco é a empresa da área de mineração responsável pela barragem. A seção Notícias do Dia, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, publicou diversos materiais sobre o caso. Confira em http://bit.ly/2bSer8z. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ SINNER, Rudolf Von. Teologia pública: um olhar global. In: CAVALCANTE, Ronaldo; _____. Teologia Pública em debate. São Leopoldo: Sinodal / EST, v. 1, 2011, p. 34. (Nota do entrevistado)

tais de distribuição de renda? Em que medida se associam e se dissociam das perspectivas de economia solidária?

Luís Carlos Dalla Rosa - Se os programas governamentais de distribuição de renda não implicarem ou não estiverem associados a políticas de diminuição de desigualdades sociais, de promoção da cidadania e do protagonismo dos sujeitos, podem ser questionados até que ponto conseguem dar conta das condições que geram realidades de pobreza, de injustiça. Tal como se percebe nas políticas que foram adotadas pelos governos Lula e Dilma, a distribuição de renda significou mais um acesso aos bens de consumo, que em um primeiro momento é justo e necessário, do que propriamente uma perspectiva que pudesse desencadear processos emancipatórios e de empoderamento. Nessa direção, é importante destacar as acões ou políticas afirmativas que criam oportunidades sociais e podem contribuir para a expansão das capacidades humanas e da qualidade de vida, no sentido defendido por Amartya Sen¹⁴, em sua obra Desenvolvimento como liberdade (1999).

De modo que são estas as perspectivas que mais se associam à economia solidária, quando justamente se pensa sobre a possibilidade de gerar oportunidades reais e condições sociais intervenientes na realidade das pessoas, para que possam ser capazes de decidir e agir sobre seus rumos, como sujeitos de sua história. Tudo isso não exclui a importância e a necessidade da implementação de programas de renda mínima, os quais devem ser reconhecidos pela sua condição ética, ante a realidade de miserabilidade de muitas famílias. De nada adianta falar de cidadania, emancipação, democracia, quando as necessidades básicas não são atendidas. A democracia começa com o pão partilhado.

IHU On-Line – Como trabalhar as futuras gerações para que desenvolvam a perspectiva de economia para a vida, e não centrada nas lógicas de consumo e acumulação?

Luís Carlos Dalla Rosa - Não apenas com as futuras, mas também com atuais gerações, creio que o papel da educação, a qual não se resume à escolar ou universitária, é ainda imprescindível. Mas é preciso pensar também sobre os modelos de educação, pois nem todos comungam com a perspectiva de uma economia para a vida. Com efeito, quando se fala em inovação e mudança no campo da educação, muitas vezes, implicam-se apenas na troca de roupagens, para continuar no mesmo. Ora, precisamos de ações educativas que primem pela promoção da competência e sensibilidade solidária, no sentido defendido por Hugo Assmann¹⁵ e Jung Mo Sung¹⁶ (2000), em que educar não significa apenas tocar a dimensão do intelecto, mas também do existencial, da sensibilidade. E isso implica promover vivências e ações pedagógicas que toquem o desejo das pessoas, na linha da solidariedade, do encontro, do reconhecimento do outro que inclui o cuidar do meio ambiente, da natureza que nos cerca.

A promoção de relações democráticas e da cidadania deve ser uma prática de toda relação educativa. Nesse sentido, podemos reconhecer as inicia-

tivas de economia solidária como uma experiência pedagógica que pode fomentar uma outra forma de conceber a vida, que inclui a dimensão econômica, mas que implica pensar também o contexto cultural, artístico, ecológico... A participação da juventude nas diferentes iniciativas da economia solidária ou experiência de voluntariado solidário expressam alternativas de formação, inclusão social e geração de trabalho e renda que têm como ponto de partida o protagonismo dos próprios jovens, e isso é decisivo para a formação das novas gerações.

Enfim, a economia solidária tem o potencial de integrar diferentes dimensões da vida, além da questão da economia propriamente dita, possibilitando inclusive numa forma de promoção de política pública de resgate e promoção de jovens em situação de vulnerabilidade social e de violência. Tendo em conta o atual contexto, imerso na lógica da cultura de consumo, o desafio é suscitar experiências de uma outra cultura possível. E, nesse sentido, a economia solidária pode ser um bom ponto de partida.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Luís Carlos Dalla Rosa - Importante salientar que a crise atual não pode ser vista como uma situação momentânea ou que diz respeito apenas ao campo econômico. Trata-se, com efeito, de uma crise civilizacional, que diz respeito a um paradigma de mundo que se origina a partir do próprio pensamento moderno e suas crenças como a ideia do progresso infinito da ciência e da técnica. Essa razão utópica que pesa sobre a vida real, como denuncia Hinkelammert, impõe-se sobre o ser humano e a natureza. Daí o desafio que toca também a nós, a partir das palavras do Papa Francisco: "pensando no bem comum, hoje precisamos imperiosamente que a política e a economia, em diálogo, coloquemse decididamente a serviço da vida, e especialmente da vida humana" (PAPA FRANCISCO. Laudato si'. São Paulo: Paulus, 2015, p. 111).■

¹⁴ Amartya Sen (1933): economista indiano, autor do livro Desenvolvimento com liberdade (São Paulo: Cia das Letras, 2000). Em 1998, a Real Academia da Suécia conferiu o prêmio Nobel de Economia a Sen "por devolver uma dimensão ética ao debate dos problemas econômicos vitais". Foi galardoado com o prêmio em memória de Alfred Nobel das Ciências Econômicas, pelas suas contribuições ao Welfare Economics. Confira a entrevista Amartya Sen e uma nova ética para a economia publicada na edição 175 da IHU On-Line, de 10-4-2006, disponível em http://bit.ly/2ctjc9e. (Nota da IHU On-Line)

¹⁵ **Hugo Assmann:** é professor na Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo. É doutor em Teologia pela Pontificia Universidade Gregoriana (PUG), Itália. É gaúcho, foi professor de teologia no Seminário de Viamão na década de 1960. Exilado, foi um dos pioneiros da teologia da libertação. Uma vez radicado na Costa Rica, inicia uma importante pesquisa, juntamente com Franz Kinkelammert sobre Economia e Teologia. Já de volta ao Brasil, dedica-se aos temas da educação. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁶ Jung Mo Sung: é professor do Programa de Pós-graduação em Cièncias da Religião da PU-C-SP e da UMESP. É também pesquisador do IFAN-USF. Autor de diversos livros, entre eles, Competência e sensibilidade solidária: educar para esperança, 2ª. ed., 2001, Vozes (em coautoria com Hugo Assmann); Desejo, mercado e religião, 3ª. ed., 1998, Vozes; Teologia e Economia, 2ª. ed., 1995, Vozes. (Nota da IHU On-Line)

Tudo que se refere à eleição de 2018 é sintoma da gravidade da crise política

Moysés Pinto Neto, Rodrigo Nunes e Caio Almendra ponderam sobre a prevalência de jovens entre os eleitores que manifestam preferência por Jair Bolsonaro

Vitor Necchi

ma pesquisa divulgada recentemente pelo Instituto Datafolha revelou que cerca de 60% dos eleitores que indicam sua preferência por Jair Bolsonaro, do PP, caso ele concorresse à presidência do Brasil, são jovens, com menos de 34 anos. A mesma pesquisa indicou o fato de que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, lidera as intenções de votos nos primeiro e segundo turnos, mesmo condenado e sendo réu em outros processos da Operação Lava Jato. Para aprofundar o entendimento sobre estes cenários, a revista **IHU On-Line** entrevistou, por e-mail, o militante social e produtor audiovisual Caio Almendra e os professores e doutores em Filosofia Moysés Pinto Neto e Rodrigo Nunes. Para os três pesquisadores foram feitas as mesmas duas perguntas.

Almendra afirma que, para se compreender por que uma eventual candidatura de Bolsonaro recebe adesão de setores mais jovens, é preciso antes entender a maneira como ideias e, principalmente, a imagem desse político se difundem. "Bolsonaro e seus satélites são extremamente eficientes na internet, mobilizando afetos a partir de discursos rasos, ufanistas e sensacionalistas", explica.

Para Pinto Neto, a juventude tem tradição de investir na contracultura. Os atuais jovens brasileiros "viveram no clima majoritariamente progressista (nasceram para o mundo com Lula no poder) e veem no conservadorismo uma forma de protestar contra o sistema". Ao mesmo tempo, o conservadorismo se repaginou,

"associando-se a gamers e metaleiros, contrapondo-se ao 'politicamente correto' e, com isso, ganhando alguma aura paradoxalmente contracultural".

Nunes salienta que "a primeira coisa a observar é que, embora esta presença expressiva entre a juventude tenha surpreendido a muitos, o recorte mais importante no eleitorado de Bolsonaro ainda é o de classe". Não há outro candidato com performance superior à dele em famílias que têm renda familiar mensal acima de dois salários mínimos. Para o professor, "a esquerda brasileira encontra-se em uma crise de identidade profunda - um fim de ciclo em que o velho não termina de morrer e o novo não acaba de nascer e não demonstra capacidade de se conectar com seu próprio tempo". Ao resumir o cenário, diz: "Em todos os seus aspectos, o voto em Lula, como tudo mais que tange a 2018, em última análise é menos prova dos méritos de Lula que sintoma da gravidade da crise política e dos deméritos do sistema como um todo".

Moysés Pinto Neto é doutor em Filosofia (PUCRS) e professor da Universidade Luterana do Brasil - Ulbra.

Rodrigo Nunes é doutor em Filosofia pelo Goldsmiths College, Universidade de Londres, e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio.

Caio Almendra é militante social, estudioso de tecnologia e produtor audiovisual.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Uma pesquisa do Instituto Datafolha revelou

que cerca de 60% dos eleitores sonaro neste momento são joque indicam voto em Jair Bol- vens, com menos de 34 anos.

Como este dado deve ser interpretado?

Movsés Pinto Neto - Há uma tradição de longa data, mas reforcada sobretudo na década de 1960, pela qual a juventude investe na contracultura. Esses jovens viveram no clima majoritariamente progressista (nasceram para o mundo com Lula no poder) e veem no conservadorismo uma forma de protestar contra o sistema. Junte-se a isso a repaginada que o conservadorismo deu a si próprio, associando-se a gamers e metaleiros, contrapondo-se ao "politicamente correto" e, com isso, ganhando alguma aura paradoxalmente contracultural. O trabalho de Angela Nagle¹, Kill All Normies², mostra que houve uma inversão da contracultura para o campo conservador no caso da alt-right norte-americana. A influência do Estados Unidos, que se reflete cada vez mais nas guerras culturais online brasileiras, faz com que o fenômeno se reproduza por aqui. A juventude é cheia de energia e vontade de mudar. O que a esquerda ou os progressistas em geral estão oferecendo em relação a isso? 20133 foi sufocado pela esquerda - até hoje continuam tentando enterrar o acontecimento - e, a partir daí, quem ocupou as ruas mesmo? O principal nome da esquerda (não meu, certamente) é Lula. Dá para olhar para frente com isso? Falta uma alternativa antissistêmica.

Além disso, os jovens são cheios de energia e potência. O discurso da culpa e da vitimização, assim como os inúmeros enquadramentos estereotipados, vai sendo descartado por figuras mais ambíguas, anti-heróis, capazes de ao mesmo tempo ser novidade e potência (Kim⁴, Holiday⁵) e embaralhar as cartas do tabuleiro identitário. Eles deslocam não apenas a polaridade oprimido/opressor excessivamente rígida nas políticas de identidade, como também apresentam uma narrativa de subietivação.

A mesma razão serve, para além do nível comportamental, para o nível do projeto de futuro, em que apenas o liberalismo apresenta uma visão transformadora do Brasil, enquanto a esquerda fica com a resistência – chegando-se ao ponto de defender os oligopólios econômicos e fazer vista grossa à corrupção plutocrática em nome dos empregos ou da economia nacional. Na falta de imaginação que banhou o neodesenvolvimentismo, o vazio acabou sendo preenchido pelos liberais, uma vez que são aqueles que apresentam uma ruptura com o modelo atual, tachando de conservadores seus rivais - e mesmo que saibamos que o neoliberalismo faliu no hemisfério Norte.

Finalmente, como mostram estudos de Crary⁶, Bifo⁷ e outros, é uma geração que vive enfurnada nas telas, na infoesfera, e com isso passa por uma vigorosa corrosão da experiência corpórea. A memeficação da política facilita a adesão a fórmulas fáceis e populistas, uma vez que desfaz a complexidade do mundo, e quem soube ocupar esse espaço de youtubers primeiro foram os conservadores. Os jovens perderam o contato com o atrito do real e não diferenciam mais o que é sério e o que é brincadeira.

Como disse Giuseppe Cocco⁸, é o fascio-fakismo. Eles realmente não acreditam que o palhaço seja homofóbico, violento ou machista – tudo se perde na ambiguidade e indecidibilidade sobre o sentido verdadeiro ou falso do que é dito.

Em síntese, um fenômeno meio político – substantivado no imenso vazio político e na insatisfação geral, cumulado com falta de alternativas de esquerda – e meio cultural-capilatístico – onde mescla um imenso déficit de atenção e outro imenso déficit de experiência (ambos causados pela intoxicação das redes e pela aceleração dos ritmos da vida).

Rodrigo Nunes - A primeira coisa a observar é que, embora esta presença expressiva entre a juventude tenha surpreendido a muitos, o recorte mais importante no eleitorado de Bolsonaro ainda é o de classe. Acima de uma renda familiar mensal de dois salários mínimos, ele tem uma performance superior à de qualquer outro candidato, inclusive João Doria; é abaixo dessa faixa (onde está, claro, a maioria da população) que ele perde a dianteira. Entre os mais jovens, por outro lado, ele perde tanto para Lula quanto para Marina (no cenário sem Lula). Ou seja, o dado mais importante ainda é que se trata de uma candidatura das classes A, B e C.

Um esquema simples, mas eficiente, para analisar a ascensão da direita no mundo todo consiste em identificar na sua origem as ansiedades causadas pela realidade ou pela ameaca de dois tipos de perda: a perda de privilégios e a perda de direitos. É óbvio que estas ansiedades estão presentes, em maior ou menor grau, em diferentes indivíduos e setores sociais; mas também é óbvio que, quanto mais alto na pirâmide social se está, menor é o medo de perder direitos e maior o medo de perder privilégios. Então há um recorte de classe aí também, embora ele não funcione de maneira mecânica; uma das funções

2 Kill All Normies: Online Culture Wars From 4Chan And Tumblr To Trump And The Alt-Right. Zero Books: 2017). (Nota da **IHU On-Line**) 4 Kim Kataguiri (1996): ativista nascido em Salto (SP), conhecido por ser cofundador e coordenador do Movimento Brasil Livre - MBL. Em outubro de 2015, a revista americana TIME classificou Kataguiri como um dos adolescentes mais influentes do mundo naquele ano. (Nota da IHU On-Line) 5 Fernando Holiday [Fernando Silva Bispo] (1996): político nascido em São Paulo (SP), filiado ao Democratas (DEM), elegeu-se vereador de São Paulo com 48.055 votos nas eleições de 2016, sendo o primeiro homossexual assumido

2016, sendo o primeiro homossexual assumido a ocupar tal cargo. É um dos coordenadores do Movimento Brasil Livre - MBL e ficou conhecido por convocar protestos favoráveis ao impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. (Nota da IHU On-Line)

6 **Jonathan Crary** (1951): nascido nos Estados Unidos, é professor de arte moderna e teoria da arte. Autor do livro 24/7 – Capitalismo Tardio e os Fins do Sono (São Paulo: Cosac Naify). (Nota da **IHU On-Line**)

7 Franco Berardi [Bifo] (1949): filósofo, escritor e agitador cultural italiano, nascido em Bolonha. Oriundo do movimento operaísta, foi professor secundário em Bolonha e sempre se interessou sobre a relação entre o movimento social anticapitalista e a comunicação independente. (Nota da IHU On-Line)

¹ Angela Nagle: escritora norte-americana, cursou doutorado na Dublin City University. Contribui para a Dublin Review of Books. É coeditora da Ireland Under Austerity, da Manchester University Press. (Nota da IHU On-Line)

³ Jornadas de Junho: os protestos no Brasil em 2013 foram várias manifestações populares por todo o país que inicialmente surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público, principalmente nas principais capitais. Em seu ápice, milhões de brasileiros estavam nas ruas protestando não apenas pela redução das tarifas e a violência policial, mas também por uma grande variedade de temas como os gastos públicos em grandes eventos esportivos internacionais, a má qualidade dos serviços públicos e a indignação com a corrupção política em geral. Os protestos geraram grande repercussão nacional e internacional. A edição 191 do Cadernos IHU ideias, #Vemprarua. Outono Brasileiro?, traz uma série de entrevistas sobre o tema, disponível em https://goo.gl/BfGtjM. (Nota da IHU On-Line)

⁸ **Giuseppe Cocco:** cientista político pela Université de Paris VIII e pela Università degli Studi di Padova. É mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade pelo Conservatoire National des Arts et Métiers e em História Social pela Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne), onde concluiu seu doutorado em História Social. Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. (Nota da **IHU On-Line**)

do discurso conservador é justamente fazer com que os mais ameaçados de perder direitos se preocupem mais com a perda de "privilégios" – com impedir que as mulheres tenham acesso ao aborto, por exemplo, do que com uma saúde pública de qualidade.

O momento histórico, nacional e mundial, cruza ao mesmo tempo a ameaça de perda de direitos (austeridade, "uberização" crescente, degradação ambiental etc.) e, apesar de tudo, um avanço do empoderamento de minorias (e, através da educação, das classes mais baixas), o que muitos acabam sentindo como uma perda de privilégios: do privilégio patriarcal, do privilégio branco, do privilégio heteronormativo etc. É, portanto, terreno fértil para a radicalização política, seja à esquerda (explorando a perda de direitos), seja à direita (misturando a perda de direitos com a perda de privilégios). A classe média brasileira, que está vendo a recessão roubar-lhe as perspectivas oferecidas pelo período lulista ao mesmo tempo que experimenta o incômodo da política de cotas, do encarecimento do trabalho doméstico etc., é particularmente fértil.

Onde a esquerda tem sabido responder a estas ansiedades, ela tem conquistado amplamente o apoio da juventude; no Reino Unido, sobretudo, e nos Estados Unidos, em menor grau. Mas a esquerda brasileira encontra-se em uma crise de identidade profunda – um fim de ciclo em que o velho não termina de morrer e o novo não acaba de nascer – e não demonstra capacidade de se conectar com seu próprio tempo.

Some-se a isso outro fenômeno mundial que é a crise do "centrismo", isto é, o consenso político que governou o mundo nas últimas três décadas, em que centro-esquerda e direita blindavam a administração da economia – ninguém questionava os pilares da gestão neoliberal – e as diferenças políticas se reduziam cada vez mais a questões cosméticas. A crise mundial iniciada em 2007 escancarou o fato de que os maiores partidos das maiores democracias eram todos, acima de tudo, defensores dos mesmos interesses: do mercado financeiro e das grandes corporações. Isto abriu uma grande crise de representação que, no Brasil, veio acompanhada de um escândalo de corrupção suprapartidário sem precedentes.

Tudo isto alimenta uma descrença muito grande no sistema político e em sua capacidade de reformar-se, de onde surge a ideia de que apenas uma liderança forte, vinda "de fora" do sistema, seria capaz de dobrá-lo. Se o eleitorado mais jovem é sensível a isso, é, em primeiro lugar, tanto porque eles atingiram a maioridade durante o período de maior crise do centrismo quanto porque, na falta de uma perspectiva histórica mais longa (o que inclui a experiência de já ter se deixado enganar no passado...), eles são mais suscetíveis à promessa de soluções fáceis.

Mas também há mais que isso. Falar em "perda de privilégios" ressalta a natureza reativa do recrudescimento do conservadorismo: ele reage a mudanças que vê a seu redor. E onde o empoderamento de negros, mulheres, homossexuais, índios etc. é mais visível hoje do que nas universidades, nas escolas, entre a juventude? Estas transformações causam uma angústia em seu entorno, um sentimento de incerteza sobre o mundo e sobre si mesmo, que, para alguns, acaba sendo respondida pelo discurso conservador – que nos assegura, precisamente, que cada coisa tem seu lugar e que há uma ordem correta a fazer valer, nem que seja à forca. A obscenidade característica deste discurso (o seu ar de "pronto, falei") é o mecanismo de dessublimação pelo qual os indivíduos podem descarregar a tensão de incerteza que as mudanças lhes causam e encontrar aliados que compartilham essa angústia. (Sobre a obscenidade, falei aqui: http://bit.ly/2gVVfIn)

Não se trata, é claro, de igualar o sofirimento psíquico de quem é vítima de preconceito com aquele de quem se beneficia de uma estrutura de opressão, mas de identificar um dos mecanismos pelo qual o preconceito se reproduz e reforça. É preciso, contudo, um certo cuidado. A socióloga Angela Nagle provocou bastante polêmica ao identificar, em seu livro *Kill All Normies*, uma relação especular entre a alt right norte-americana e os chamados "Tumblr liberals" ou "social justice warriors" — militantes progressistas cuja radica-

lização retórica nas redes sociais teria gerado, como reação, o caldo de cultura no qual a nova direita prosperou. Ora. é óbvio que essa dialética existe; o problema do argumento de Nagle é que lhe falta um pouco de perspectivismo político para entender que aquilo que uma progressista como ela percebe como radicalismo não é necessariamente o mesmo que um conservador quer dizer quando usa essa palavra. Para este último, potencialmente qualquer feminismo, qualquer ativismo negro ou homossexual, por mais moderado, já seria incômodo, excessivamente radical. Logo, não dá para dizer simplesmente que, se existe reação, é porque os ativistas "exageram"; há setores da sociedade para quem a luta dos oprimidos sempre parecerá, à primeira vista, um "exagero".

Aliás, não se pode falar no crescimento do discurso conservador nos últimos anos sem atribuir a responsabilidade também à mídia corporativa, que o alimentou ativamente e, por ação ou omissão, flerta com ele até hoje. No auge do pacto lulista, enquanto a vida da maioria das pessoas estava melhorando, era inútil tentar convencê-las de que o governo era ruim. O que restava, então, era uma mistura de pânico moralista e paranoia da Guerra Fria, do qual a oposição inteira, inclusive a mais "moderna", se utilizou. Foi isto que trouxe a extrema direita para o centro do debate político, mesmo se os grandes veículos de comunicação pretendem hoje distanciar-se dela.

Por último, há a natureza da comunicação contemporânea, especialmente entre os mais jovens, que se dá predominantemente através das redes sociais. Destas, destaco três elementos que contribuem para o fortalecimento do discurso conservador (e de radicalismos em geral). Primeiro, o fato de que a mediação técnica, ao eliminar a presença física do outro, diminui a possibilidade de empatia; as pessoas chegam a extremos de violência "virtual" a que dificilmente chegariam cara a cara. Segundo, o fato de que o conteúdo é "memeficado", feito para ser consumido rapidamente, o que favorece o efeito retórico fácil e os gestos simbólicos de "coragem" obscena em detrimento da reflexão, da análise sóbria e realista.

Terceiro, o fato de que a dinâmica fundamental das redes sociais é a disputa pelo mercado de "likes", "retuítes" etc. – o que novamente favorece o superficial em detrimento do profundo, bem como cria um incentivo para que indivíduos e grupos reforcem aqueles aspectos de seu "perfil" que é mais "recompensado" pelos outros através de "likes", "retuítes" etc. Ou seja: há um mecanismo intrínseco às redes sociais que tende a estabelecer um feedback positivo que conduz à radicalização.

Caio Almendra – Temos dois elementos distintos, jovens e Bolsonaro⁹, e precisamos entender como eles se relacionam.

Tenho um imenso receio de algumas análises sobre a popularidade do Bolsonaro entre jovens que colocam a "rebeldia da juventude" como o elemento central. Para tais análises, os jovens seriam automaticamente mais propensos a serem a favor de mudanças. Como boa parte da vida dos jovens foi com o PT no poder, os jovens se rebelariam votando em um crítico feroz do PT, no caso, o Bolsonaro.

Ora, toda a noção de que juventude é sinônimo de rebeldia política, e a construção de um caminho único para que essa rebeldia política se mobilize, é fruto de um preconceito, uma análise rasa do discurso.

Não é incomum a juventude ser apoiadora do partido que está no governo. Antes de presumir algo intrínseco à juventude, devemos pensar como as pautas políticas que mais afetam os jovens se desenvolveram nos últimos 13 anos. Os precos do aluguel dispararam. o custo de vida urbana cresceu, não houve progresso no campo dos costumes (como legalização de drogas, em especial da maconha, ou avanços em pautas feministas e direitos reprodutivos). Não houve democratização ou qualquer mudança significativa na mídia, o que tornou nossa televisão pouco interessante ao jovem frente à chegada

9 **Jair Bolsonaro** [Jair Messias Bolsonaro] (1955): militar da reserva e deputado federal nascido em Campinas (SP). De orientação política de direita, cumpre sua sexta legislatura na Câmara Federal, eleito pelo Partido Progressista. Foi o deputado mais votado do estado do Rio de Janeiro nas eleições gerais de 2014. Ficou conhecido pela luta contra os direitos LGBT, pela defesa da ditadura e da tortura. (Nota da **IHU On-Line**)

do audiovisual via internet. Hoje, fica claro que, apesar de apoiar a direita na economia, boa parte da mídia rejeita o autoritarismo de Bolsonaro. Houve redução das perspectivas salariais dos mais jovens, fenômeno que tem componentes globais, mas que foram mais sentidos durante o governo PT. Os críticos ferozes ao petismo têm, portanto, uma boa possibilidade de crescimento na juventude.

Para entendermos por que Bolsonaro cresce entre os setores mais jovens, temos que ver, também, como se dá a difusão das ideias e, principalmente, da imagem do Bolsonaro. Bolsonaro e seus satélites são extremamente eficientes na internet, mobilizando afetos a partir de discursos rasos, ufanistas e sensacionalistas. Em especial, não se trata da internet pela internet, mas da atual formatação das redes sociais, que privilegiam circulação rápida de informação e esquecimento da informação via soterramento. E qual o perfil do usuário de internet? Mais jovem e com mais acesso à educação. Por isso, é nessa faixa que ele está forte hoje, a meses da campanha, antes das atividades de rua e do tempo de TV.

Não se trata de afirmar que não há uma energia específica da juventude em torno das pautas das mudanças. Mas, ela não é necessariamente hegemônica e nem necessariamente é canalizada para o Bolsonaro em outros meios de difusão de ideias e informações. No próprio estado onde o Bolsonaro atua politicamente, parcela significativa da crítica ao PT entre os jovens é expressa pelo fortalecimento do PSOL, partido no extremo oposto do espectro político das ideias do Bolsonaro.

IHU On-Line – A mesma pesquisa do Datafolha aponta o fato de que Lula lidera as intenções de votos nos primeiro e segundo turnos, mesmo condenado pelo juiz Sérgio Moro e sendo réu em outros processos da Operação Lava Jato. O que isso significa?

Moysés Pinto Neto – Como disse Celso de Barros¹⁰, o "companhei-

10 Celso Rocha de Barros: doutor em sociologia

ro" impeachment" fez um favor ao PT. Em vez de deixar o governo Dilma sangrando na própria catástrofe, ceifou precocemente o governo, legitimou a ideia de golpe parlamentar e acabou formando uma unidade precária no campo organicamente petista e no "apoio crítico", que é basicamente aquele segmento que, embora não se defina como petista, sempre termina ao lado do PT em nome da esquerda unida. O grupo que desequilibrou a balança a favor de Dilma em 2014 de certo modo se reaglutinou.

Além disso, o rumo impopular do governo Temer provoca inequivocamente o efeito comparativo. O período lulista trouxe avanços sociais e melhorias econômicas que não serão apagadas tão rapidamente. O período Temer traz a supressão de direitos e investimentos para a população pobre. Em meio a um sistema apodrecido como um todo, Lula acaba soando como uma liderança que saberia resolver os problemas.

Finalmente, não somente pelo restante também estar envolvido, mas também porque boa parte da população – apesar de tudo – ainda é impermeável às redes sociais digitais e não se deixa, por isso, tocar pela narrativa radical que costuma permear a bipolarização brasileira. No caso, Lula aparece ainda como um nome razoável, sem o mesmo escândalo que isto costuma provocar online.

Lamentavelmente, a posição de Lula também significa nossa incapacidade de formar novas lideranças, renovar os quadros políticos e estabelecer um novo projeto para o país. Ela nos congela no mesmo momento insuportável que vivemos, prorrogando-o de modo a até colocar em risco a democracia.

Rodrigo Nunes – Há algum tempo eu faço a provocação de que os mais pobres (a maioria do eleitorado lulista) são os eleitores mais racionais do Brasil: eles votavam no PT porque era bom para eles e passaram a questionar

pela Universidade de Oxford, com tese sobre as desigualdades sociais após o colapso de regimes socialistas no Leste Europeu. É analista do Banco Central e colunista da Folha de São Paulo. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ Artigo publicado na Folha de São Paulo, disponível em https://goo.gl/Wkm4GX. (Nota da **IHU On-Line**)

este voto a partir do momento que a economia comecou a desandar. Minha impressão é que este fato indica que muitos entre aqueles que votariam em Lula acreditam que ele esteve envolvido em corrupção, mas, ao mesmo tempo, o comparam com as outras opções disponíveis e pensam, primeiro, que entre todos estes, ele é o único que pode ser associado a um período de beneficios reais à maioria da população; e, segundo, que se outros tantos, politicamente até mais nefastos, seguem e possivelmente seguirão à solta, cobrar a prisão de Lula seria apenas confirmar nossa tendência de distribuição desigual da justica. Em resumo: em todos os seus aspectos, o voto em Lula, como tudo mais que tange a 2018, em última análise é menos prova dos méritos de Lula que sintoma da gravidade da crise política e dos deméritos do sistema como um todo.

Caio Almendra – Um grave erro ao analisarmos cenários políticos é concentrarmos toda a aferição de preferência como um resultado da vontade do povo. Uma eleição é uma escolha entre determinados candidatos, e uma pesquisa eleitoral visa a simular essa eleicão. Não se trata, portanto, de "saber como o povo pensa", apenas de saber como o povo votaria entre determinadas pessoas. Da mesma forma, precisamos entender que Lula tem algo na casa dos 20% no primeiro turno, dependendo do cenário, e 50 e poucos por cento o querem preso. É numericamente possível, e até comum, que políticos vençam eleições majoritárias com rejeição na casa dos 50%.

Segundo a pesquisa, 54% da população querem que Lula seja preso. A pesquisa aponta que 5% das pessoas querem Lula preso, mas ainda assim, perante os atuais candidatos, votariam nele. São as pessoas que querem Lula preso sem rejeitá-lo. Parece estranho, mas notem, não é. Não sabemos quantas pessoas querem todos os políticos presos, não sabemos quantos de fato sabem quais são as acusações contra Lula etc. Simplesmente não sabemos quantas pessoas acham que todo o sistema político é corrompido por completo, mas que, ainda assim, acham melhor participar dele com o voto do que se abster. Mesmo com esse dado tímido e com baixa carga de informação dá para perceber uma coisa: a prisão é relevante na escolha entre cenários possíveis, mas pode não ser determinante. Como? Por quê?

Desde a redemocratização, jamais passamos um governo inteiro sem graves denúncias de corrupção. A corrupção é endêmica a nosso sistema político e econômico. Durante a ditadura, não havia denúncias, mas havia corrupção. A restrição à imprensa, a censura, impedia a realização de denúncias. Durante os governos petistas, a imprensa intensificou levemente as denúncias de corrupção, como forma de domesticar a base social do petismo, em especial os movimentos camponês e sindical. Os segmentos dos jornais destinados a tais tipos de notícia se alongaram.

O resultado desse processo não é linear, igualmente distribuído. O ingresso do Judiciário no cotidiano do noticiário político fez reduzir a confiança do público no Judiciário. As parcelas desagradadas por uma decisão passaram a desgostar do Judiciário, a informação mais difundida sobre suas decisões aumentou a rejeição ao Judiciário como um todo. Esse é o processo de longo prazo. O processo mais recente deveria tratar da confiabilidade do juízo da Lava Jato¹². Infelizmente, a coisa é personalizada na figura do juiz Sérgio Moro¹³.

12 Operação Lava Jato: investigação em andamento pela Polícia Federal do Brasil, que deflagrou sua fase ostensiva em 17 de março de 2014, cumprindo mais de cem mandados de busca e apreensão, prisão temporária, prisão preventiva e condução coercitiva, visando apurar um esquema de lavagem de dinheiro suspeito de movimentar mais de R\$ 10 bilhões, podendo ser superior a R\$ 40 bilhões, dos quais R\$ 10 bilhões em propinas. De acordo com investigações e delações recebidas pela força-tarefa da Lava Jato, estão envolvidos os maiores partidos do Brasil, como PP, PT, PMDB e PSDB, além de empresários e políticos de diversos partidos. A secção Notícias do Dia, do sítio do ÍHU, vem publicando textos e análises sobre os movimentos realizados em cada uma das fases da Operação, que ainda segue em andamento em ihu.unisinos.br/noticias. (Nota da

IHU On-Line)

13 Sérgio Fernando Moro [Sérgio Moro] (1972):
juiz federal brasileiro que ganhou notoriedade
por comandar o julgamento dos crimes identificados na Operação Lava Jato. Formou-se em direito pela Universidade Estadual de Maringá em
1995, tornando-se juiz federal em 1996. Também
cursou o programa para instrução de advogados
da Harvard Law School em 1998 e participou de
programas de estudos sobre lavagem de dinheiro promovidos pelo Departamento de Estado
dos Estados Unidos. É mestre e doutor em Direito pela Universidade Federal do Paraná. Além
da Operação Lava Jato, também conduziu o caso
Banestado. No caso do Escândalo do Mensalão,
a ministra do Supremo Tribunal Federal Rosa
Weber convocou o juiz Sergio Moro para auxi-

Recentemente, algumas pesquisas começaram a tratar da questão da popularidade de Moro. E o que descobrimos? Que o discurso do PT sobre "mera perseguição política", apesar de ineficiente na tarefa de gerar a sensação de inocência de Lula, foi capaz de reduzir a confiança na Lava Jato, em especial diante de um cenário de impunidade de outros quadros políticos renomados, como o atual presidente (Dilma Rousseff¹⁴ deixou de ser presidente, mas o noticiário político continuou repleto de denúncias, algumas completamente novas e com potencial escandaloso, como a relação entre JBS e Temer¹⁵). Essa redução de confiança foi muito mais sentida entre os setores mais próximos ao petismo, eleitores usuais etc., mas difunde-se um pouco mais.

Com a redução da confiabilidade na Lava Jato como procedimento capaz de encerrar a corrupção por completo, com a redução da confiança nos demais políticos nesse pós-PT permeado de escândalos, fica mais fácil vislumbrarmos melhor como o espectro da prisão de Lula não significa um afastamento completo da possibilidade de ele ser eleito, como é comum e usual. Não chega a ser um cenário onde fica claro que havia inocência e perseguição política, mas é suficiente para descolar a possibilidade da prisão da esperada morte política.

liá-la. Em 2014, Moro foi indicado pela Associação dos Juízes Federais do Brasil para concorrer a vaga deixada por Joaquim Barbosa no STF, porém, em 2015, a vaga foi preenchida por Luiz Fachin. (Nota da **IHU Ön-Line**)

14 Dilma Rousseff (1947): economista e política brasileira, filiada ao Partido dos Trabalhadores-PT presidente do Brasil de 2011 (primeiro mandato) até 31 de agosto de 2016 (segundo ano de seu segundo mandato). Em 12 de maio de 2016, foi afastada de seu cargo durante o processo de impeachment movido contra ela. No dia 31 de agosto, o Senado Federal, por votação de 61 votos favoráveis ao impeachment contra 20, afastou Dilma definitivamente do cargo. O episódio do impeachment foi amplamente debatido nas Notícias do Dia no sítio do IHU, como, por exemplo, a Entrevista do Dia com Rudá Ricci intitulada Os pacotes do Temer alimentarão a esquerda brasileira e ela voltará ao poder, disponível em http://bit.ly/2bLPiHK. Durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assumiu a chefia do Ministério de Minas e Energia e posteriormente da Casa Civil. Em 2010, foi escolhida pelo PT para concorrer à eleição pre sidencial. (Nota da **IHU On-Line**) 15 Michel Temer [Michel Miguel Elias Temer Lulia]

15 Michel Temer [Michel Miguel Elias Temer Lulia] (1940): político e advogado nascido em Tietê (SP), ex-presidente do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). É o atual presidente do Brasil, após a deposição por impeachment da presidenta Dilma Rousseff naquilo que inúmeros setores nacionais e internacionais denunciam como golpe parlamentar. Foi deputado federal por seis legislaturas e presidente da Câmara dos Deputados por duas vezes. (Nota da IHU On-Line)

Moradas de Santa Teresa de Jesus: um itinerário de Amor

eresa aparece como uma mulher ousada, dinâmica, que se atreveu a discutir com as autoridades do seu contexto (teólogos, intelectuais), sobre o processo do que é verdadeiramente se encontrar com o Deus. O seu modo de atuar, bem como a leveza de encarar a vida e a espiritualidade são uma rica contribuição para os nossos dias", escreve **Assunta Romio**, doutoranda de teologia na Escola Superior de Teologia – EST, São Leopoldo, RS.

Segundo ela, "encontramos muitas pessoas que dão sinais evidentes de terem feito a experiência do itinerário teresiano até a sétima Morada. São os orantes, comprometidos com a causa de Jesus Cristo, especialmente com os mais necessitados e sofridos da sociedade; não se cansam de trabalhar pelo Reino de Deus, na construção de uma humanidade nova".

O artigo foi publicado nas Notícias do dia de 15-10-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2gcERRH.

Eis o artigo.

Introdução

Teresa de Jesus escreve o livro das Moradas, com a preocupação de narrar a sua experiência de vida espiritual¹. Ela o faz de forma pedagógica, conduzindo o leitor a entrar na dinâmica do encontro com o Sagrado. Desde o início dessa magnífica narração, deixa claro que, quando alguém deseja fazer a experiência de encontro com Jesus Cristo, a porta da entrada é a oração. Para isso deve deixar-se conduzir por esse Deus que se revela apaixonado pela pessoa humana.

Na narrativa das Moradas, **Teresa** apresenta um caminho que conduz a pessoa ao centro do Castelo², onde mora Deus. Ela se coloca como alguém que percorreu este caminho. Deixa clara a necessidade de se colocar em atitude de caminhante, errando e acertando, mas com clareza de horizonte, sabendo onde quer chegar. Ela insiste que é preciso aprofundar o autoconhecimento, a autoaceitação, a acolhida da própria realidade e a interiorização.

O livro das **Moradas** ou **Castelo Interio**r é repleto de simbologias, que ajudam a compreender a beleza da pessoa humana. A partir da concepção antropológica unitária, criada no amor e para o amor, **Teresa** apresenta um caminho, um itinerário de amor, a ser percorrido rumo ao centro do Castelo. Este processo gradativo, leva a pessoa a um encontro consigo, com os outros, com a criação, com Deus.

2 SANTA TERÉSA DE JESUS. Obras Completas: Tomás Alvarez (Ed.). Introduções e notas. Tradução de Vasco Dias Ribeiro. Arcos, Portugal: Carmelo, 2005. p. 642. Livro das Moradas, cuja abreviatura será usado M (1M1). Teresa utiliza a simbologia do Castelo, que representa a pessoa humana e faz alusão ao Evangelho de João 14,2. (Nota da autora)

Teresa de Jesus: trata-se de Teresa de Cepeda y Ahumada, Teresa de Ávila, Teresa de Jesus, nascida em Ávila, Espanha (1515-1582). Os espanhóis, carinhosamente a chamam de Teresa, a Santa, ou ainda, a Santa de Ávila. Teresa de Jesus escreveu o livro das Moradas ou Castelo Interior em 1577 aos 62 anos de idade. O livro das Moradas relata a experiência mística, fazendo uma síntese de sua vida espiritual e de monja. A estrutura da obra está dividida em VII Moradas. (Nota da autora)

Decidir entrar no castelo: primeiras Moradas

Ao iniciar a descrição das primeiras Moradas, Teresa afirma que é preciso tomar uma decisão firme: entrar no Castelo. Desta forma inicia uma relação de amizade com Quem sabemos que tanto nos ama³. Esta experiência exige da pessoa um autoconhecimento em perceber a dinâmica interna do encontro com a Transcendência, o sagrado. O encontro com Jesus Cristo e sua humanidade a transforma interiormente: da fraqueza e debilidade à fortaleza de saber-se amada e agraciada. A experiência se dá numa relação de amizade e de diálogo, com Jesus Cristo e assim, experimenta o amor apaixonado de Deus pela sua criatura⁴.

Teresa expressa a plenitude da experiência de encontro com Deus, com o símbolo da antropologia Teresiana: a pessoa é como o Castelo habitado com muitas moradas⁵ No delinear da narração utiliza-se do símbolo de morador e morada, expressando o encontro entre Deus e a pessoa, de entrar e tornar a entrar no Castelo. A porta é a oração como relação de amizade⁶.

Nas primeiras Moradas, Teresa enfatiza que a história do ser humano, é uma biografia de amizade, de reencontro, solidariedade radical, onde descobre a sua dignidade, percebe o sentido de ser para o outro. Se não existir diálogo, não acontece o encontro com Ele. Dialogar é prazeroso, uma relação deliciosa⁷.

Nestas Moradas, a Santa descreve que Deus que se comunica com a pessoa, não com palavras internas ou externas, mas uma compreensão mais profunda, na qual ela verbaliza como uma voz interior. Um sinal evidente de um encontro profundo relacional são os efeitos nas palavras e obras. A pessoa vai identificando esta voz interior que a chama, e aos poucos se torna cada vez mais familiar e não perde uma silaba do que se ouve, pois fica na memória e jamais se pode esquecer8.

Impressiona perceber que **Teresa**, em seu caminho de oração constantemente pede luz para o momento que está vivendo. Insiste que o importante é descobrir a motivação de continuar o processo de amar e dialogar com este Alguém que nos transcende, que dá sentido ao nosso viver. Diz que escutou claramente – "Não tenhas medo, filha, Sou Eu e não te desampararei, não temas". Assim, ela se sente segura e amparada ao começar uma nova caminhada, acreditando estar no caminho certo. Os sinais são evidentes como: a quietude, paz, certeza, segurança, alegria interior. Ela faz um convite ao seu leitor, colocar os olhos somente n'Ele. A relação com Ele é uma aventura de amor. A linguagem é única, a do Amor. Pedimos a Teresa que nos acompanhe nesta caminhada de entrar no Castelo Interior e encontrar ali, a verdadeira felicidade.

Encontro com Deus: segundas e terceiras Moradas

Nas segundas Moradas, Teresa dá ênfase à necessidade de ter coragem para reconhecer os dinamismos interiores, principalmente àqueles com os quais, temos dificuldade de lidar e aceitar. Ela orienta ao leitor a fazer um exercício de entrar em si, acolher o mistério da própria vida, escutar a Palavra animadora de acolhida, que Deus faz a cada momento. Incentiva o leitor, a partir da experiência de encontro com Deus, a organizar um programa de vida: de oração, de seguimento e de encontro consigo. É evidente, na sua narrativa, a forma como anima as pessoas a continuarem o processo iniciado, e se for necessário buscarem algum grupo ou amigos onde possam partilhar as experiências de oração.

Na reflexão destas Moradas, **Teresa** resgata o significado da prova do amor. O amor é capaz de gerar no ser humano a necessidade de ir ao encontro do outro e lançar-se à missão. Ela descreve em detalhes a experiência como superou os momentos de aridez e impotência. Através da descoberta de sentir-se amada e acolhida, foi percebendo como Deus é misericordioso, revelando-lhe as verdades mais profundas do significado do amor. Usa muita criatividade em vislumbrar estas duas Moradas. Destaca que, neste estágio o ser humano se percebe num desconforto físico

³ SANTA TERESA DE JESUS, 2005, p. 56. Livro da Vida, cuja abreviatura será usado V (V8,5). (Nota da autora)
4 SANTA TERESA DE JESUS, 2005, p. 85. (V 12, 2). (Nota da autora)
5 TERESA DE JESUS. Obras completas. (Coord.) Frei Patrício Sciadini. Tradução do texto estabelecido por Tomás Alvarez, 5. ed. São Paulo: Carmelitas/Loyola, 2013. p. 442. (1M1,3). (Nota da autora)
6 SANTA TERESA DE JESUS, 2005, p. 646. (1M1,7). (Nota da autora).
7 TERESA DE JESUS, 2013, p. 501. (5M3,8). (Nota da autora)
8 TERESIANAS STJ. Teresa de Jesús exploradora, itinerante y guía: taller de lectura Teresiana Las Moradas. In Proyetonudo: Curso formativo on-line de espiritualidad teresiana. Disponível em: http://www.proyectonudo.com/>. Acesso em: 15 maio 2013. (Nota da autora)
9 SANTA TERESA DE JESUS, 2005, p. 208. (V25,18). (Nota da autora)

e espiritual, mas, ao mesmo tempo, vive um espaco de liberdade. O orante experimenta uma mescla de sentimentos de alegrias, desconforto, certezas, dúvidas, verdades, mentiras. Por outro lado, são experiências que provocam profunda tensão interior, porque entra em contato com a sua própria realidade como criatura humana, pois nem sempre consegue lidar com o medo da crise, ou o vazio existencial.

A Santa tem um modo peculiar e simples de escrever suas experiências espirituais. Tem como objetivo animar e orientar as pessoas. Percebe-se, nas entre linhas destas duas Moradas uma descrição objetiva e direta, ao mesmo tempo um especial cuidado de orientar com leveza e suavidade. Ela é clara, quando escreve que, para caminhar, se faz necessário ter uma firme decisão. Sugere que seja com dignidade, maturidade, respeitando o seu ritmo e acolhendo a própria realidade interior. Porém, é importante tomar consciência, de que não se está sozinho. É necessário ter a coragem de permitir que Deus entre na sua vida¹⁰.

Teresa é por natureza uma mulher pedagógica no seu modo de ser, agir e atuar. Evidencia-se que, sua preocupação com o leitor é que ele possa entender a própria dinâmica de superação de si mesmo. Pelo acima dito, sabemos que a história humana está cheia de paixões, desejos infantis, às vezes gratificantes, frustrações, compensações. Teresa define este momento como único, andar na verdade". Esta é uma atitude de clarividência interior, de uma mirada real de si mesmo. A presença d'Ele irradia transformando a pessoa a focar o princípio do amor. Por isso, deixa de lado tudo, ao descobrir a presença amorosa de Deus na vida, pois esta a conduz ao verdadeiro amor.

No entanto, nas **segundas Moradas**, ela se lembra do processo de sentir-se ferida, mas precisa ter cuidado para não desanimar, alimentando o desejo de voltar¹². Nesta confusão se sente chamada por Deus, apesar de suas quedas, rupturas, temores. Ao mesmo tempo recomeca o caminho com novas possibilidades. Na sua pedagogia, Teresa fala, por experiência, que é necessário fazer o esforço para compreender a realidade existencial e acreditar que é possível mudar. Ela descreve como chegou à maturidade humana e à libertação das suas amarras. Nas terceiras Moradas, **Teresa** dedica um bom espaco para falar da mistagogia, ou seja, de como orientar a outros no caminho espiritual de encontro com o Senhor. Aqui, o exercitante é acompanhado no processo de entrar e perceber as contradições, as verdades, os enganos e discernir por qual trilha seguirá.

Ao ler estas duas **Moradas** percebe-se que Teresa aponta os passos para percorrer e avançar no caminho, rumo ao centro do Castelo Interior. É próprio destas Moradas, em alguns momentos, o caminhante perceber que avança e, ao mesmo tempo, faz a experiência de um retrocesso. Isso faz parte da dinâmica do itinerário humano-espiritual. O que chama atenção, na descrição destas Moradas, é que a oscilação faz parte da própria estrutura humana no seu processo de amadurecimento espiritual.

Compreender o mistério de amor: quartas Moradas

Nas quartas **Moradas**, **Teresa** utiliza a simbologia de uma fonte, para explicar o que acontece no interior da pessoa. A experiência relatada expressa o quanto foi sofrido superar a autosuficiência. Com esta conquista compreendeu que Deus a amava acima de tudo e que podia deixar-se conduzir por Ele.

Teresa narra nestas Moradas, como percorrer um caminho pedagógico de estar com Jesus, pois Ele é a fonte da água viva! Este é um passo rumo à experiência mística. A pessoa vive, por alguns momentos, no recolhimento da mente, no amor místico e na quietude da vontade, até chegar a unificação interior. Relata que Deus começa, nesta Morada, a dar algumas alegrias interiores13.

A narrativa teresiana destas Moradas enfoca a transcendência como mistério, não por este estar além da realidade que se vive, mas pela capacidade que a pessoa adquire em relação a

¹⁰ SANTA TERESA DE JESUS, 2005, p. 88. (V13). TERESIANAS STJ. En el camino del amor: un tiempo para dejarse atraer por Jesús y su reino. In Teresa de Jesús exploradora, itinerante y guía: taller de lectura Teresiana Las Moradas. In Proyetónudo: Curso formativó on-line de espiritualidad teresiana. Disponível em: http://www.proyectonudo.com/. Acesso em: 15 maio 2013. Ficha de trabajo tema 4. (Nota da autora)

¹¹ SANTA TERESA DE JESUS, 2005, p. 210. (V25,21). (Nota da autora) 12 SANTA TERESA DE JESUS, 2005, p. 649. (2M2,4). (Nota da autora). 13 SANTA TERESA DE JESUS, 2005, p. 690. (4M1,4). (Nota da autora)

transcender as dimensões do humano. O mistério da presença de Deus potencializa a pessoa a viver e atuar. A transcendência vivida como presença misteriosa é capaz de desinstalar e romper barreiras e provoca a compreensão do mistério da vida e as transformações que ocorrem na pessoa. Aqui acontece a oração como encontro no Amor, para o Amor. Por isso, a súplica, a oração e preces fazem parte do ritual da experiência que acontece lentamente, provocando assim, verdadeiros milagres.

É essencial tomar contato com a própria condição humana e da riqueza que o encontro oracional pode provocar. Esta oração pode ser pessoal, individual ou comunitária. Como consequência desta experiência, a pessoa irradia luz, verdade, confiança. Sente-se perdoada e amada pelo Senhor, que a faz entrar nesta Morada para estar com Ele, a sós.

Conhecedora da fragilidade do ser humano, Teresa apresenta, nestas quatro primeiras Moradas, o movimento de iniciar o processo de travessia da fronteira. É necessário experimentar-se, deixar-se moldar pela Transcendência. Estrategicamente Teresa começa a mudar a linguagem. Introduz a imagem do "silvo do Pastor", o assobio que chama para o redil, para estar com Ele. Relata o empenho, o trabalho que teve para entender este processo de aproximar-se de Deus, entrar em si e chegar ao centro do Castelo, ter **intimidade com o Amigo** de todas as horas. A pessoa experimenta um amor muito grande de Deus que a transforma, impulsionando-a à missão. Teresa lembra que o Senhor dá a graça, quando quer, como o quer e a quem o quer, como dom e tesouro no coração.

Interessante é a advertência da Santa que, para aproveitar muito deste caminho e avançar nas Moradas, não está em pensar muito, senão em amar muito. Não resta dúvida, que a pessoa humana precisa passar pela prova do crisol, para se autoafirmar e desejar, com veemência, seguir rumo ao interior do Castelo, e ali se encontrar com Deus. Ele nos dá a conhecer a sua luz, diz ela, que nos faz ficar absortos. Ela convida para a entrega, deixar-se nos braços do Amor.

Podemos observar que os efeitos citados por Teresa, ocorrem tanto na vida pessoal, comunitária e social. Na verdade são efeitos significativos, pois a pessoa acaba tendo um novo olhar sobre si. Aqui nasce uma nova pessoa, a qual não se apoia sobre obras boas, mas sustentada por uma Presença suave que lhe dá leveza no seu modo de ser e agir. E então contagia outras pessoas na busca deste caminho. Hoje, mais do que nunca, o mundo precisa de pessoas enamoradas, confiantes e esperançosas, que amem e valorizem a vida, sendo presença do amor de Deus.

Certeza de estar na presença de Deus: quintas Moradas

Nas quintas **Moradas**, **Teresa** se utiliza de recursos da natureza, para dar a entender as transformações que a pessoa passa quando se deixa moldar por dentro, isto é, quando decide deixar que Deus atue nela. É uma narrativa rica de símbolos, iniciando com transformação metamorfósica de uma borboleta, comparada com as etapas da vida mística e uma profunda união com Deus, refletindo no amor ao próximo. Um convite a entrar na dinâmica da vida mística, com a oração de união com Deus. Os sinais desta união são evidentes, ou seja, sentir-se plenificada interiormente e a certeza de estar na presença de Deus. Porém, é necessário fidelidade e perseverança.

O interessante desta **Morada** é a forma como Teresa descreve a pessoa, quando esta decide buscar a vida além dela mesma, apesar de todas as dificuldades enfrentadas. A afetividade vai se configurando na medida em que conhece Jesus Cristo, e, quando se desvia deste processo, fica sem referência, tudo se torna ilusão e acaba. Neste caso é possível acreditar que a ação do Espírito provoca mudanças no ser humano. Neste movimento, a pessoa percebe um novo chamado, porque o Espírito do Senhor sussurra aos ouvidos e grita constantemente: podes sair, coloca-te a caminho, não importa onde estás, segue em frente. Teresa deixa claro que, no processo espiritual, Deus sempre toma a iniciativa. Na experiência da oração de união, Deus vai atuando como presença amorosa e permanente na pessoa.

Aqui Teresa continua usando diversas simbologias para se fazer entender sobre o que passa entre Deus e o ser humano. Por exemplo, ela faz menção do bicho da seda, que, embora aparentemente esteja dentro do casulo sem vida, ele se transfigura numa linda borboleta. Com este exemplo, Teresa mostra o resultado da transformação que ocorre na pessoa, que faz a experiência de se encontrar e estar com Deus; não se reconhece mais como a mesma de antes. Outro sinal da experiência é que provoca profundos desejos de se dedicar a uma causa, isto é, fazer algo pelos outros mais necessita-

dos. Ela se utiliza também de outro recurso para explicar a união. Compara a **experiência mística** como se fosse um profundo olhar de comunicação entre duas pessoas enamoradas, antes de seu compromisso definitivo do casamento. Utiliza também o símbolo do selo com a cera para verbalizar a experiência de união. É o que deixa a alma selada com seu selo de filhos e filhas de Deus, a tem tal certeza que de nenhuma maneira pode duvidar, que esteve com Deus e Deus nela.

É interessante perceber como Teresa emocionada narra o processo de crescimento e conhecimento de **Jesus Cristo** e sua humanidade. Fala da união do humano com o divino em sua pessoa: esta é sua expressão suprema - Jesus Cristo. Porém, esta união entre Deus e a pessoa passa pela morte. Neste processo surge o novo horizonte, com nova abertura ao transcendente, com desejo de estar mais perto de Deus vivendo a união: união, morte, mística e vida nova.

O sinal da presença de Deus na alma, nesta Morada, é evidente, pois deixa na pessoa a experiência impressa do encontro com Ele. Este encontro com o Sagrado é tão forte que a pessoa se esquece de si mesma, vive uma profunda paz interior e a certeza de ser possuidora de um grande tesouro, que deseja partilhar com outros. A imagem de Deus fica gravada tão profundamente no interior da pessoa que, ainda que passem anos, mantém a certeza total desta presença divina.

O encontro com o Sagrado transforma: sextas Moradas

Nas sextas **Moradas**, Teresa prioriza os efeitos que acontecem no corpo e no interior da pessoa, quando faz a experiência de encontro com o sagrado. Ajuda o leitor a perceber e detectar quando a experiência é verdadeira e quando o fruto é da imaginação. Lembra das tensões interiores que a pessoa experimenta quando percebe a grandiosidade de Deus em sua vida, conduzindo-a a uma missão.

O estudo desta **Morada** mostra, como **Teresa** convida o leitor a acompanhar e compreender o processo de uma pessoa que experimenta profundamente a Deus. É normal passar por situações, que muitas vezes, não se conseguem entender: dificuldades de não aceitação da própria realidade de vida; necessidade de olhar um horizonte maior e buscar novas luzes; desejo de ter um encontro com Jesus Cristo no centro do Castelo.

Nas **sextas Moradas**, a pessoa já entrou num estágio oracional, em que nada vê, nem experimenta com os sentidos ou a imaginação, porém, tem certeza que está cada vez mais a sós com Deus. No entanto, percebe que o sofrimento faz parte da própria experiência de vida. Fica claro nesta Morada, a presença constante de **Deus Trindade**. O interessante é que a pessoa não consegue ficar sozinha com tantas graças, sentindo necessidade de partilhar as experiências com alguém muito espiritualizado. Neste sentido, Teresa faz um alerta importante: procurar alguém que já tenha trilhado por caminho semelhante e que compreenda o processo.

Ela narra com detalhes o significado da experiência profunda de encontro com o sagrado e como consequência natural, o grande desejo de estar com Ele, a sós, por longos tempos. Ela simplifica dizendo, que a imagem do Amado fica esculpida com aquela visão, que todo o seu ser deseja tornar a reviver para gozar. E diz que a alma já está bem determinada a não tomar outro esposo. No entanto, a pessoa se sente segura porque está junto d'Ele, e, é donde lhe vem a fortaleza, tudo por Ele. Como consequência, vive um processo de plenificação, se esquece de si mesma e empenha-se em estar fazendo sempre o bem.

Na narrativa, **Teresa** insiste que o Senhor se utiliza de várias maneiras para despertar a pessoa para o encontro: pela oração vocal e com a repetição parece que, lhe vem um deleitoso abrasamento; uma comunicação que parece vir do exterior, outras do mais íntimo da alma. O critério é claro para Teresa. Se a comunicação é de Deus, a pessoa experimenta uma profunda paz interior, um desejo de fazer algo específico de boa ação e fica uma marca profunda que jamais esquece. Com esta experiência ela se torna atenta aos movimentos interiores, para as coisas de Deus. O entendimento e sentidos se acalmam de tal forma que entendem os segredos mais profundos, pois ficam registrados na memória para sempre. Tenta, também explicar o que acontece com a pessoa, utilizando uma série de analogias, como o surgir do sol, raios fortes que podem queimar, o sol da justiça, o voo do espírito que passa rapidamente. Porém, ficam as sequelas, como conhecimento da grandeza de Deus, autoconhecimento, não quer mais ofender com as transgressões no pecado, perceber a grandeza do Criador.

No entanto, Teresa lembra, que ao estar nesta Morada a pessoa vislumbra o caminho para a sétima Morada, onde naturalmente deseja estar completamente com o Amado para louvar e agradecer constantemente, em atitude de encontro com Ele. É uma alegria tão excessiva que a pessoa quer estar sozinha com Jesus Cristo e sua humanidade. No entanto, a Santa adverte insistentemente que esse tipo de oração não deve ser considerado definitivamente superado, porque será necessária a ajuda do entendimento para inflamar a vontade. Esta é uma preparação imediata para chegar ao cume da vida da Graça, possível de ser alcançada na terra. A profunda experiência interior de encontro leva à transformação, que repercute no modo de ser e de agir da pessoa, no dia a dia.

Deixar-se tocar pelo amor leva a amar: sétimas Moradas

Ao descrever as sétimas **Moradas**, **Teresa** afirma que este é o momento ápice da experiência mística. Relata as graças recebidas do conhecimento profundo de Jesus Cristo e sua humanidade e a percepção clara da Trindade. Ela verbaliza, nesta Morada, a plena configuração com Cristo, que a conduz à vivência, em plenitude, do mistério na missão, onde Marta e Maria sempre andam juntas.

Na leitura do texto percebe-se como Teresa, desde o epílogo, alerta sobre a importância de uma atitude de decidir entrar no Castelo. Mas, ao mesmo tempo, afirma sobre a certeza de que Deus faz morada no interior do ser humano. E desde este lugar estabelece a relação da união transformante de sua vida em ação permanente. Teresa convida a abrir um espaço para entender que o processo de purificação interior de uma alma, bem como as graças sobrenaturais, estão ligadas aos êxtases. É necessária a contemplação da humanidade de Cristo, para chegar aos últimos graus da vida mística.

A contemplação, para **Teresa**, não é subjetiva, mas transcende a pessoa, levando-a a esquecer-se de si e a entregar-se a Cristo e à missão eclesial. Impressiona quando Teresa fala da grande companhia e como entende as coisas, porém, ela nem sempre a vê com a mesma claridade como da primeira vez, que se colocou nas mãos de Deus, que a conduz a uma contemplação plenificada. Apresenta também os efeitos do matrimônio espiritual, como sendo um esquecimento de si e não esquece o que escutou dentro de si. Ali, afirma ela, nasce o desejo de fazer unicamente a vontade de Deus. Com esta experiência Teresa deseja viver muitos anos para servi-Lo e amá-Lo. Deseja dedicar tempo para estar a sós com Ele em oração. Tudo isso se passa na alma com muita quietude e silêncio.

Teresa de Ávila retoma um texto bíblico significativo para a síntese de sua vida: Maria a contemplativa e Marta, a trabalhadora. Porém, diz Teresa, Marta e Maria hão de andar juntas para bem hospedar o Senhor, e tê-lo sempre consigo. Marta e Maria são facetas de uma mesma pessoa. O verdadeiro místico não se limita a contemplar, mas se empenha em tornar o mundo melhor. Contemplação e trabalho se unem na personalidade do místico. Da mesma forma como a fé sem obras é morta, a contemplação sem a ação perde o seu valor. Santa Teresa tem a preocupação de fazer entender que Marta e Maria sempre andam juntas. O Senhor quer hospedagem, mas é necessário que o acolhamos, lhe demos de comer e em seus pés nos coloquemos à escuta. Assim seremos verdadeiros discípulos, fiéis na contemplação e na ação. Nesta dinâmica, Teresa diz se lembrar de São Paulo, que depois da conversão, não deixou de trabalhar, enfrentando perigos e tormentas para pregar a boa nova, além de prover o próprio sustento, como tecelão. É o encontro com Deus que gera um grande desejo de amá-Lo e servi-Lo. Por fim, a necessidade de uma dedicação total à obra de Deus, transformar a humanidade semelhante a Jesus Cristo. O segredo é colocar os olhos fixos no Senhor. Ali, olhando a Jesus Cristo que deu a vida por amor, descobrir a grandiosidade da nossa opção por uma causa maior, a entrega total a Jesus Cristo, sendo continuadores da Sua missão.

Conclusão

No caminho das **Moradas**, **Teresa** partilha um itinerário de amor. Um caminho de muitas oscilações, superações e possibilidades de autoconhecimento, do outro, de Jesus Cristo e sua Humanidade. A dinâmica apresentada por **Teresa** ajuda a acolher e compreender a realidade que nos envolve, isto é, o contexto social, político, religioso e espiritual. Anima para não desanimar na caminhada, mas confiar em Deus, pois Ele é uma presença constante na nossa vida e nos ama com infinito amor.

Teresa aparece como uma mulher ousada, dinâmica, que se atreveu a discutir com as autoridades do seu contexto (teólogos, intelectuais), sobre o processo do que é verdadeiramente se

encontrar com o Deus. O seu modo de atuar, bem como a leveza de encarar a vida e a espiritualidade são uma rica contribuição para os nossos dias.

Com criatividade, a **Santa de Ávila** utiliza alegorias para explicar as Moradas, uma forma pedagógica e agradável de apresentar um itinerário espiritual tão complexo. Ela o faz com serenidade, alegria, transmitindo paz e confiança. Mostra que é possível, sim, seguir este itinerário das sete moradas. Para isso, é necessário colocar-se em atitude de caminhante, errando e acertando, mas com clareza de horizonte: pelo caminho do autoconhecimento, autoaceitação, acolhida da própria realidade, interiorização rumo ao centro do Castelo Interior, lá onde está "o Rei".

Por que **Teresa** enfatiza a importância de entrar no **Castelo Interior**? Ela parte da sua experiência, pois é ali que ela encontrou o profundo sentido existencial, que lhe deu coragem e força para se integrar, ser missionária do Reino de Deus, ajudando as pessoas a também se encontrarem com o Deus da vida. Assim, ela escreve narrando com detalhes, a sua caminhada de encontro com o Senhor, com o objetivo de que outros possam também seguir este caminho.

Portanto, as **Moradas** teresianas apontam que Deus se comunica com a pessoa e a transforma. Esta dimensão mística de **Teresa** é acessível. Encontramos muitas pessoas que dão sinais evidentes de terem feito a experiência do itinerário teresiano até a sétima Morada. São os orantes, comprometidos com a causa de Jesus Cristo, especialmente com os mais necessitados e sofridos da sociedade; não se cansam de trabalhar pelo Reino de Deus, na construção de uma humanidade nova. O que alimenta a jornada destas pessoas? Com certeza, é o encontro com o Deus amigo, no mais profundo do **Castelo Interior**, que impulsiona à ação, à missão de serem testemunhas do Seu **Amor**.

Referências

SANTA TERESA DE JESUS. *Obras Completas:* Tomás Alvarez (Ed.). Introduções e notas. Tradução de Vasco Dias Ribeiro. Arcos, Portugal: Carmelo, 2005.

TERESA DE JESUS. Obras completas. (Coord.) Frei Patrício Sciadini. Tradução do texto estabelecido por Tomás Alvarez, 5. ed. São Paulo: Carmelitas/Loyola, 2013.

TERESIANAS STJ. Teresa de Jesús exploradora, itinerante y guía: taller de lectura Teresiana Las Moradas. In Proyetonudo: Curso formativo on-line de espiritualidad teresiana. Disponível em: http://www.proyectonudo.com/>. Acesso em: 15 maio 2013.

TERESIANAS STJ. En el camino del amor: un tiempo para dejarse atraer por Jesús y su reino. In Teresa de Jesús exploradora, itinerante y guía: taller de lectura Teresiana Las Moradas. In Proyetonudo: Curso formativo on-line de espiritualidad teresiana. Disponível em: http://www.proyectonudo.com/>. Acesso em: 15 maio 2013. Ficha de trabajo tema 4.

TERESIANAS STJ. En el camino del amor:un tiempo para 'ordenar el amor. In Teresa de Jesús exploradora, itinerante y guía: taller de lectura Teresiana Las Moradas. In Proyetonudo: Curso formativo on-line de espiritualidad teresiana. Disponível em: http://www.proyectonudo.com/. Acesso em: 15 maio 2013. Ficha de trabajo tema 5.

TERESIANAS STJ. *En el camino del amor:* un tiempo de prueba para el amor. In *Teresa de Jesús exploradora, itinerante y guía:* taller de lectura Teresiana Las Moradas. In Proyetonudo: Curso formativo on-line de espiritualidad teresiana. Disponível em: http://www.proyectonudo.com/. Acesso em: 15 maio 2013. Ficha de trabajo tema 6.

TERESIANAS STJ. *El 'tesoro escondido'del camino del amor.* la unión que transforma. In *Teresa de Jesús exploradora, itinerante y guía:* taller de lectura Teresiana Las Moradas. In Proyetonudo: Curso formativo on-line de espiritualidad teresiana. Disponível em: http://www.proyectonudo.com/>. Acesso em: 15 maio 2013. Ficha de trabajo tema 7.



IX Colóquio Internacional IHU

A Biopolítica como teorema da Bioética

Programação -17 e 18 de outubro de 2017 Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Unisinos | Campus São Leopoldo

17 de outubro | Tema: BIOPOLÍTICA

9h – Gênero e biopolítica. **Profa. Dra. Penelope Deutscher** – Northwestern University – EUA

10h45min - A era do homem endividado.

Prof. Dr. Maurizio Lazaratto – França

14h30min – A biopolítica e a declaração universal de bioética e Direitos Humanos (Unesco). Prof. Dr. Fermin Roland Schramm – Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz – RJ 16h – Apresentação e debate do livro Biopolítica: Um mapa conceitual. Prof. Dr. Alfredo Veiga Neto – UFRGS,

Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz – Unisinos e Prof. Dr. José Roque Junges - Unisinos

18h30min – Apresentação de Trabalhos

18 de outubro | Tema: BIOÉTICA

9h – A bioética e o cuidado da vida no contexto das sociedades mercantilistas. Prof. Dr. Agustín Domingo Moratalla – Universidad de Valencia e Universidad Internacional Menéndez Pelayo (UIMP) – Espanha 10h45min – Videoconferência: Os direitos humanos e a bioética global. Profa. Dra. Lori P. Knowles – University of Alberta – Canadá

14h30min – Conferência: Ética e Genética. Prof. Dr. Victor
 B. Penchaszadeh – Universidad Nacional de Tres de
 Febrero – Argentina
 16h – Encerramento

ihu.unisinos.br

Uma política de vida ao invés de uma política sobre a vida. A biopolítica afirmativa de Nietzsche

Vanessa Lemm aponta a exterioridade radical da existência, que precisa ser pensada em conjunto com a comunidade; autossuperação é distintivamente humana e inerente à natureza

Márcia Junges | Tradução: Luísa Flores Somavilla

á algum tempo Roberto Esposito sugeriu que a filosofia de Nietzsche "deve ser lida como formando e informando o paradigma da biopolítica", argumenta Vanessa Lemm na entrevista concedida à IHU **On-Line** por e-mail. Um dos quatro significados do termo que emergem a partir de leituras do filósofo italiano acerca de Nietzsche é aquele de uma biopolítica afirmativa, "orientada para a transformação em comunidade e justiça. A partir da perspectiva da biopolítica afirmativa, a comunidade só é possível pelo que é diferente e plural, singular e impessoal." E acrescenta: "Penso que Nietzsche pode ser considerado um pensador da comunidade na medida em que sua filosofia demonstra um esforço na direção da pluralização e da diversificação, em que a última sempre pode ser pensada apenas dentro e através da relação com o outro."

Vanessa Lemm é doutora em Filosofia pela New School for Social Research, Estados Unidos, mestra pelo Kings College University of London, Inglaterra, e graduada pela Universidade de Paris I Panthéon-Sorbonne. Leciona e dirige a Escola de Humanidades da Universidade de New South Wales, em Sydney, Austrália. Suas pesquisas se concentram na filosofia de Friedrich Nietzsche, pensamento político contemporâneo e biopolítica, bem como filosofias da cultura, teorias da justiça e dom. Entre outros é autora de Nietzsche's Animal Philosophy: Culture, Politics and the Animality of the Human Being (Fordham University Press 2009), Nietzsche y el pensamiento político contemporáneo (Fondo de Cultura Economica 2013) e Nietzsche y el devenir de la vida (Fondo de Cultura Economica 2014).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – No que consiste a "filosofia animal" de Nietzsche'? Como essa filoso-

1 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes Assim falou Zaratustra (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), O anticristo (Lisboa: Guimarães, 1916) e A genealogia da moral (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema

de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em http://bit.ly/Hl7xwP. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada O pensamento de Friedrich Nietzsche, e pode ser acessada em http://bit.ly/HdcqOB. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-5-2010, disponível em http://bit.ly/162F4rH, intitulada O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHÚ: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista IHU On-Line, de 24-5-2010, leia a entrevista Nietzsche, o pensamento trágico e

fia entrelaça cultura, política e animalidade humana?

Vanessa Lemm – A "Filosofia Animal" de Nietzsche consiste em uma série de elementos: em primei-

afirmação da totalidade da existência, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em https://goo.gl/zuXC4n, Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista O amor fati como resposta à tirania do sentido, com Danilo Bilate, disponível em http://bit.ly/HzaJpJ. (Nota da IHU On-Line)

ro lugar, pode-se dizer que a filosofia de Nietzsche é darwinista, pois Nietzsche entende o ser humano como animal, ou seja, uma forma de vida que se mantém em continuidade direta com a vida animal. Em Assim falou Zaratustra, Nietzsche emprega a metáfora da corda para descrever o status especial do ser humano como uma ligação entre o animal e o sobre-humano. Ao contrário de Darwin2, no entanto, Nietzsche não é biólogo, mas filósofo. Ele não compreende a vida animal humana em termos biológicos ou naturalistas. Em vez disso, a filosofia de Nietzsche pergunta qual a natureza do ser humano como um animal que produz cultura, política, moralidade, história e filosofia. O que é interessante sobre a concepcão de cultura de Nietzsche é que a cultura não pode ser reduzida à autocriação humana. Pelo contrário, o que distingue a vida animal humana é a sua capacidade de autossuperação, entendida como um movimento inerente à natureza e que não transcende a vida animal.

IHU On-Line – Em que aspectos a filosofia de Nietzsche abre espaço à liberdade, baseada na restauração da animalidade humana?

Vanessa Lemm – A questão da liberdade em Nietzsche é uma questão difícil e complexa. Uma maneira de abordá-la é talvez através de sua concepção de autossuperação como uma experiência que abre um espaço de liberdade. O que é libertador nesta experiência é a superação de certas normas e valores que incorporamos, mas que são antinaturais. Como tal, Nietzsche prevê a superação da moral cristã, suas normas, valores e visão de mundo, como inerentemente libertadora.

Quando Nietzsche fala da retradução do ser humano à natureza, não penso que ele queira dizer a restauração da animalidade humana ou da natureza humana como uma origem, uma substância ou um dado. Na minha opinião, precisamos entender a natureza, incluindo a natureza humana, em relação ao futuro. A questão da natureza animal do ser humano vem com a tarefa de definir não quem somos e de onde viemos, mas quem mais poderíamos nos tornar. Ao abrir a natureza (animal) ao horizonte da transformação futura e da metamorfose, a filosofia de Nietzsche abre espaço para a liberdade e a criatividade.

"A forma como
Nietzsche problematiza a
vida e como
essa problematização é
assumida pela
política é a característica distintiva da sua
filosofia política"

IHU On-Line – Com base nas categorias contrastantes de cultura e civilização, por que a esfera da vida animal é tão importante em seu pensamento?

Vanessa Lemm – Fico intrigada com a forma como Nietzsche

conceituou os processos de cultura e civilização através de suas diferentes relações com a animalidade do ser humano. No entanto, pode-se dizer o mesmo a respeito de seu pensamento sobre a natureza e outras formas de vida, como a das plantas. Em meu trabalho recente, tentei aplicar algumas dessas ideias ao pensamento de Nietzsche sobre as plantas. Pode-se argumentar que a filosofia de Nietzsche é uma filosofia vegetal. A respeito dessa questão, veja, por exemplo, as recentes obras de Michael Marder³, em que fala de Nietzsche como defensor do reconhecimento do íntimo parentesco do ser humano com a vida vegetal.

IHU On-Line – Qual é a crítica de Nietzsche à política em geral e à democracia liberal do século XIX em particular?

Vanessa Lemm - Não tenho certeza se eu diria que Nietzsche formula uma crítica geral da política. Vale ressaltar que Nietzsche tem muitas coisas positivas a dizer sobre as polis gregas e as instituições romanas. No entanto, ele critica certas instituições políticas, como o Estado-nacão moderno; movimentos políticos como o anarquismo, o nacionalismo, o socialismo e o comunismo; a "pequena política", que contrasta com "grande política" etc. Como tal, sua crítica à política talvez seja mais bem compreendida dentro da crítica mais geral à modernidade europeia. É por isso que entendo Nietzsche sobretudo como um filósofo da cultura, e não como um filósofo político. Isso não significa que sua crítica à política ou sua filosofia política seja irrelevante ou insignificante.

Como muitos comentaristas apontaram, em relação à sua crítica à democracia liberal do século XIX, não há nada particularmen-

² Charles Darwin (Charles Robert Darwin, 1809-1882): naturalista britânico, propositor da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro A Origem das Espécies. Organizou suas principais ideias a partir de uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a professora Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a palestra obra Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida, de Charles Darwin, no evento Abrindo o Livro, o do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Sobre o assunto, confira as edições 300 da IHU On-Line, de 13-7-2009, Evolução e fé. Ecos de Darwin, disponível em http://bit.ly/UsZlrR, e 306, de 31-8-2009, intitulada Ecos de Darwin, disponível em http://bit.ly/1tABfrH. De 9 a 12-9-2009, o IHU promoveu o IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. (Nota da IHU On-Line)

³ Michael Marder: filósofo, professor na Diego Portales University, no Chile. Especialista em filosofia política, também se ocupa das questões relativas à ética acerca da vida das plantas. De suas obras, citamos Energy Dreams: Of Actuality (Columbia University Press, 2017) e The Philosopher's Plant: An Intellectual Herbarium (Columbia University Press, 2014). (Nota da IHU On-Line)

te original na visão de Nietzsche. O que ele tem a dizer sobre a democracia liberal do século XIX é muito semelhante ao que os pensadores tipicamente associados à tradição liberal, como John Stuart Mill⁴ e Alexis de Tocqueville⁵, têm a dizer sobre os perigos da democracia e o surgimento das sociedades de massa. Todos esses pensadores do século XIX, entre outros, estavam preocupados com o conformismo social, por um lado, e com a demagogia, por outro. Isso pode explicar por que alguns veem Nietzsche como um pensador liberal. No entanto, nem Stuart Mill nem Tocqueville pareciam estar cientes do que Foucault⁶ referia como biopolítica, um novo paradigma de poder político. A forma como Nietzsche problematiza a vida e como essa problematização é assumida pela política é a característica distintiva da sua filosofia política.

IHU On-Line – Em que aspectos essa crítica representa uma possibilidade de pensar outra política e outro tipo de comunidade?

Vanessa Lemm – Durante o século XX, a recepção das ideias políticas de Nietzsche centrou-se principalmente em se a sua filosofia é a-, não- ou antipolítica, se o seu pensamento pode ser assimi-

4 **John Stuart Mill** (1806-1873): filósofo e economista inglés. Um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX, defensor do utilitarismo. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Alexis Carlis Clerel de Tocqueville (1805-1859): pensador político e historiador francês, autor do clássico *A democracia na América* (São Paulo: Martins Fontes, 1998-2000). (Nota da **IHU**

On-Line)
6 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a História da sexualidade (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em http://bit.ly/ihuon119; edição 203, de 6-11-2006, disponível em https://goo.gl/C2rx2k; edição 364 de 6-6-2011, intitulada 'História da loucura' e o discurso racional em debate, disponível em https://goo.gl/wjqFL3; edição 343, O (des)governo biopolítico da vida humana, de 13-9-2010, disponível em https://goo.gl/M95yPv, e edição 344, Biopolítica, estado de exceção é vida nua. Um de bate, disponível em https://goo.gl/RX62qN. Confira ainda a edição nº 13 dos Cadernos IHU em formação, disponível em http://bit.ly/ihuem13, Michel Foucault – Şua Contribuição para a Educa-ção, a Política e a Ética. (Nota da **IHU On-Line**)

lado à democracia moderna ou se é antimoderno, elitista e reacionário. Em contraste com essas leituras tradicionais, o filósofo italiano Roberto Esposito⁷ recentemente apresentou a tese de que a filosofia de Nietzsche deve ser lida como formando e informando o paradigma da biopolítica. Com base na leitura de Esposito, podem-se distinguir pelo menos quatro significados diferentes do termo biopolítica e, portanto, também quatro leituras diferentes de Nietzsche como pensador da biopolítica. Primeiro, temos a leitura de Esposito segundo a qual Nietzsche descobre o paradigma imunitário. A ideia de imunidade é crucial para Esposito, porque resolve a questão de como uma política para a vida pode se transformar em uma tanatopolítica, uma política de morte.

Em segundo lugar, temos a ideia de Nietzsche como um representante da biopolítica tanatopolítica ou totalitária, associada à ideia nietzschiana de grande política entendida como uma forma de racismo com o intuito de produzir uma nova humanidade.

Em terceiro lugar, Nietzsche pode ser interpretado como um precursor da biopolítica liberal e neoliberal, em que a crítica de Nietzsche ao Estado moderno está de mãos dadas com a defesa do individualismo e a figura nietzschiana da Übermensch reflete a encarnação de uma espécie de superempreendedor, concebido como um sujeito econômico ativo.

Finalmente, Esposito apresenta Nietzsche como um pensador da biopolítica afirmativa, em que a concepção nietzschiana da vida como vontade de potência reflete a luta pela comunidade e pela justiça. Esta também é a posição que defendi no meu trabalho sobre

Nietzsche, a animosidade e a filosofia política contemporânea.

"A vida sempre está em devir e, como tal, é a exterioridade radical"

IHU On-Line – Pode-se dizer que a filosofia política de Nietzsche pode dar origem a uma visão biopolítica afirmativa? O que isso significa?

Vanessa Lemm – A biopolítica afirmativa é uma política orientada para a transformação em comunidade e justiça. Como aponta Esposito, a comunidade representa uma experiência do comum, em que este não designa uma identidade compartilhada ou experiência comum baseada em algum tipo de sentimento nacionalista ou de pertença que elimine as diferenças, mas designa a comunalidade do que é inerentemente plural e singular. Em outras palavras, a partir da perspectiva da biopolítica afirmativa, a comunidade só é possível pelo que é diferente e plural, singular e impessoal, como afirma Esposito. Penso que Nietzsche pode ser considerado um pensador da comunidade na medida em que sua filosofia demonstra um esforco na direcão da pluralização e da diversificação, em que a última sempre pode ser pensada apenas dentro e através da relação com o outro.

Este esforço orientado à comunidade vem com um esforço à justiça, onde ela não se refere a uma relação recíproca e contratual entre iguais com base em uma economia de troca de acordo com o melhor interesse de ambas as partes, mas designa uma relação assimétrica dadivosa que é inerentemente a-econômica e na qual o que nos liga um ao outro é o fato de que devemos um ao outro. Somos vinculados por uma mútua

⁷ Roberto Esposito: (1950) filósofo italiano, nascido em Nápolis, especialista em filosofia moral e política. É reconhecido principalmente pelas contribuições ao debate acerca da biopolítica. De sua vasta produção bibliográfica, citamos Pensiero vivente. Origine e attualità della filosofia italiana (2010), Bios. Biopolítica e Filosofia (Edições 70: 2010), Lorigine della política. Hannah Árendt o Simone Weil? (Donzelli: 1996). Termos da política: comunidade, imunidade, biopolítica (Curitiba: Ed. UFPR, 2017) (Nota da IHU On-Line).

responsabilidade infinita, uma dívida infinita que nunca se esgota, e é à luz dessa dívida que recai sobre nós que somos iguais. Em outras palavras, na perspectiva da biopolítica afirmativa, a justiça é baseada na dádiva e despesas. É a-liberal e antiutilitarista. A concepção de Nietzsche sobre a dádiva, como articulada em Assim Falava Zaratustra, entre outros textos, exemplifica essa segunda característica da biopolítica afirmativa de Nietzsche.

Até aqui e em termos muito gerais, podemos dizer que essa concepção de comunidade e justiça é compatível com as ideias de comunidade encontradas na filosofia contemporânea, desde Bataille8 e Blanchot9 a Nancy¹⁰ e Agamben¹¹. O que dis-

8 **Georges Bataille** (1897-1962): escritor, antropólogo e filósofo francês. O erotismo, a transgressão e o sagrado são temas abordados em seus escritos. Sua correspondência foi publicada em 1 pela Gallimard sob o título *Choix de lettres 1917-1962.* (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Maurice Blanchot** (1907-2004): filósofo, romancista, crítico literário e jornalista francês, autor de O espaço literário (Rio de Janeiro: Rocco, 2000). Pena de morte (Rio de Janeiro: Imago, paso (no) más Allá (Barcelona: Paidós, 1994). (Nota da IHU On-Line)

10 **Jean-Luc Nancy** (1940): é um filósofo francês. A obra de Nancy é marcada pelo grande tamanho de publicações é pela heterogeneidade de temas. Datam da década de 1960 o início de suas reflexões, que atravessam desde a leitura de filósofos clássicos (Descartes, Kant, Hegel), ao envolvimento com figuras essenciais para a filosofia francesa do século 20 (Nietzsche, Heidegger, Bataille, Merleau-Ponty, Derrida etc.), assim sobre arté e literatura. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Giorgio Agamben** (1942): filósofo italiano. É professor da Facolta di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris, Formado em Direito, foi professor da Universitá di Macerata, Universitá di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo estadunidense. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras estão Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), A linguagem e a morte (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), Înfância e história: destruição da experiência e ori-gem da história (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); stado de exceção (São Paulo: Boitempo Editorial) 2007), Estâncias – À palavra e o fantasma na cultura ocidental (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e Profanações (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007 Em 4-9-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em http://bit.ly/jasson040907. A edição 236 da **IHU** 17-9-2007, publicou a entrevista Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em https://goo.gl/zZRChp. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado* de exceção e a vida nua: a lei política moderna, disponível para acesso em http://bit.ly/ihuon81. Em 30-6-16, o professor Castor Bartolomé Ruiz proferiu a conferência Foucault e Agamben. Implicações Ético Políticas do Cristianismo, que pode ser assistida em http://bit.ly/29j12pl. De 16-3-2016 a 22-6-2016, Ruiz ministrou a disciplina de Pós-Graduação em Filosofia e também validada como curso de extensão através do IHU intitulada *Im-* tingue, digamos, essas compreensões pós-modernas tradicionais de comunidade é que o vínculo comum é provido principalmente pela linguagem, independentemente de se por língua entendemos um determinado idioma prático, falado e vivido, ou se a entendemos como uma entidade ontológica, como a casa do ser, conforme Heidegger¹². Em contraste, em uma biopolítica afirmativa, é uma vida compartilhada que funciona como a força unificadora entre diferentes formas de vida. Como tal, oferece uma maneira de pensar a comunidade e a vida em conjunto. Penso que a concepção de Nietzsche de vontade de potência fornece uma resposta à questão de como pensar a comunidade e a vida em conjunto.

É importante ressaltar aqui que em uma biopolítica afirmativa em que a vida e a comunidade são pensadas em conjunto, vida não designa algo predeterminado, dado e identificável, como uma substância ou essência fixa e estável. Pelo contrário, a vida é aquilo que é ine-

plicações ético-políticas do cristianismo na filosofia de M. Foucault e G. Agamben. Governamentalidaeconomia política, messianismo e democracia de massas, que resultou na publicação da edição 241ª dos **Cadernos IHU Ideias**, intitulado *O poder* pastoral, as artes de governo e o estado moderno que pode ser acessada em http://bit.lv/1Yv07S7 Em 23 e 24-5-2017, o IHU realizou o VI Colóquic Internacional IHU — Política, Economia, Teologia. Contribuições da obra de Giorgio Agamben, com base sobretudo na obra O reino e a glória. Uma genealogia teológica da economia e do governo (São Paulo: Boitempo, 2011. Tradução de: Il regno e la gloria. Per una genealogia teológica dell'ecc-nomia e del governo. Publicado originalmente por Neri Pozza, 2007). Saiba mais em http://bit.ly/2h-CAore. Confira, ainda, a edição 505 da revista **IHU On-Line**, de 22-5-2017, intitulada *Giorgio Agam*ben e a impossibilidade de salvação da modernida*de e da política moderna,* disponível em http://bit ly/2yWq6kf. (Nota da **IHU On-Line**)

12 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é O ser e o tempo (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que* é *Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada O século de Heidegger, disponível em http://bit.ly/ihuon185, e 187, de 3-7-2006, intitulada Ser e tempo. A desconstrução da metafísica, disponível em http://bit.ly/ihuon187. Confira, ainda, Cadernos IHU em formação nº 12, Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica, que pode ser acessado em http://bit.ly/ihuem12, entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em https://goo.gl/dn3AX1, intitulada O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado, na qual discute ideias de súa conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHÚ: O (des) overno biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line

rentemente plural e pluralizante. A vida é múltipla, diversa, fluida. Segundo Nietzsche, a vida é algo que está em "eterno fluxo" e, como tal, resiste ao "uso". A vida é aquela que resiste e escapa à instrumentalização da vida.

A vida sempre está em devir e, como tal, é a exterioridade radical. Mas a exterioridade radical também é o que define a ideia de comunidade e, portanto, podemos dizer com Esposito que a vida é munus, a vida é relação, conexão, é o entre. Resumindo: é comunidade.

A vida como devir forma-se e transforma-se continuamente, cria e recria-se nos e entre seus múltiplos encontros com outras formas de vida. A vida é criativa, dá-se uma forma e ativamente cria e recria seus vários formatos ou formas de vida. Como tal, a vida não é apenas excedente, plenitude e superabundância, mas também criatividade, normatividade e criação de valor. Nietzsche contesta a visão de que existe uma perspectiva externa e superior da vida, que dá valor a ela ou concede o direito de viver. Em vez disso, vida e valor, vida e norma, vida e forma são inseparáveis. Ou, em outras palavras, a produção de valor, norma e forma estão inscritas e são inerentes à vida.

Forma de vida inter-relacional

Assim, a biopolítica afirmativa supera a separação entre o que é cultural e o que é natural, o que é técnico e biológico, o que é bios e zoé. Do seu ponto de vista, a natureza é sempre cultura e a cultura é sempre natureza. É a superação dessa separação que penso estar envolvida na afirmação da vida de Nietzsche.

A vantagem de uma concepção afirmativa e biopolítica de comunidade é que nos permite pensar formas de vida comuns e compartilhadas entre humanos e outras formas de vida. No Antropoceno, tornou-se evidente que os seres humanos precisam criar comunidades e aprender a estar nelas com outras formas de vida. Essas comunidades, obviamente, não podem mais se basear no pressuposto de que todos os participantes compartilham a mesma linguagem humana e, portanto, parece que ficou claro que as concepções tradicionais de comunidade baseadas na linguagem são como moedas que perderam seu valor de uso.

Em contraste com as concepções tradicionais de "comunidade humana, muito humana", a ideia de comunidade encontrada na biopolítica afirmativa é sobre-humana. Reflete uma tentativa de pensar a vida comum a partir de uma perspectiva que não é antropocêntrica, nem antropomórfica. Destaco que isso é uma tentativa, porque não tenho certeza se essa perspectiva é realmente possível. Lembremos que, para Nietzsche, todo conhecimento é inerentemente perspectivo, e ele amplia esse perspectivismo além do humano, para outras formas de vida. Para Nietzsche. também o animal e a planta veem o mundo a partir de suas perspectivas, uma perspectiva que é certamente diferente da nossa, mas tão valiosa quanto a nossa quando se trata de captar uma imagem mais completa da vida. Numa biopolítica afirmativa, o humano é pensado no contexto da totalidade da vida e, além disso, como uma forma de vida que é alterada por sua relação com outras formas de vida de que é profundamente dependente. Assim, afirma a inter-relação radical entre formas de vida.

Conflito produtivo

Essa ideia de inter-relação radical me leva à concepção de política subjacente à biopolítica afirmativa. Numa biopolítica afirmativa, a política já não designa o domínio dos assuntos humanos. Pelo contrário, como defende Esposito, é a própria vida que é sempre política. Dado que, de acordo com a biopolítica afirmativa, a vida é uma força pluralizadora e diversificadora, a política da vida e a vida da política refletem uma relação em contínua alteração e modificação, que não se acomoda em um fundamento jurídico-político da política. É essa relação antifundacional entre a vida e o poder político que leva Esposito, depois de Nietzsche, a contestar as categorias jurídico-políticas da sociedade moderna, como a liberdade negativa e a igualdade formal, bem como o discurso autolegitimativo sobre o contrato social, segundo o qual o poder político é resultado de indivíduos livres que concordam com um pacto fundacional. Nessa visão, a biopolítica afirmativa faz uma crítica radical à sociedade democrática moderna e a suas ideologias liberais.

No entanto, de acordo com a concepção do poder de Nietzsche, não existe uma superação final de luta, competição e guerra, nenhuma solução definitiva para o equilíbrio final das forças da vida, mas, em vez disso, há conflito e disputa contínuos, produtivos e abertos. Nietzsche acredita que o conflito e a competição só podem ser produtivos e frutíferos quando as relações de poder refletem um equilíbrio — não pode haver competição entre fracos e fortes, mas sempre somente entre forcas mais ou menos iguais. Aqui, equilíbrio e igualdade são o ponto de partida do conflito produtivo, a constituição de uma ordem jurídica que não se instala em uma forma final e absoluta.

Finalmente, como "teoria crítica" e "desconstrução", a biopolítica afirmativa procura responder à questão do totalitarismo, em particular, o que Foucault chamou de tanatopolítica. Onde este vê uma distinção e hierarquia entre as espécies, uma biopolítica afirmativa pensa a unidade e a continuidade da totalidade da vida em que, como afirma Esposito, "nenhuma parte pode ser destruída em favor de outra: toda vida é uma forma de vida e toda forma se refere a uma vida" (Esposito 2008, 194, traducão livre). Não existe uma hierarquia entre formas de vida e todas as formas de vida são afirmadas indiscriminadamente. A afirmacão da inter-relação e da interconectividade de todas as formas de vida e sua equivalência é tão importante para a biopolítica afirmativa porque contraria tanto o racismo como o especismo encontrado na base da tanatopolítica.

A biopolítica afirmativa responde à criação espúria de espécies dentro da humanidade e entre seres humanos e outros animais, caracterizando a biopolítica totalitária e liberal através da afirmação da continuidade entre a vida humana, a animal e outras formas de vida. contribuindo assim para a pluralização de formas de vida inerentemente singulares. O desafio é criar novas políticas que promovam e aprimorem formas de vida compartilhadas e em comum com outros animais. Em suma, uma política de vida ao invés de uma política sobre a vida.■





A política de guerra da dívida

Maurizio Lazzarato analisa como a "política da dívida" se tornou o imperativo biopolítico na era do homem endividado

Ricardo Machado | Tradução: Vanise Dresch

ara o professor e pesquisador italiano Maurizio Lazzarato, a verdadeira biopolítica é a política da dívida. Sem meias palavras, ele vai ao ponto quando se trata de definir as categorias políticas que orientam a vida contemporânea. "Prefiro falar de política da dívida, por ser um termo mais exato no que se refere à nossa sociedade. A dívida, isto é, a moeda como capital financeiro, é uma abstração de ordem superior àquela do trabalho, da representação democrática e do poder político que se constituíram dentro do Estado-Nação", destaca Lazzarato em entrevista por e-mail.

De acordo com Lazzarato, esse modo de organização da vida a partir das dinâmicas da dívida produz um tipo muito particular de "liberdade", em que a população fica à deriva dos humores do financeirismo. "Enquanto na fase expansiva da 'valorização' a governamentalidade insufla liberdades aos governados, no momento em que a crise impõe a necessidade de encontrar novas fontes de lucro, o capital entra numa fase de 'desvalorização', isto é, de destruição do capital constante e do capital variável (a população)", explica.

Maurizio Lazzarato é sociólogo independente e filósofo italiano que vive em Paris, onde realiza pesquisas sobre trabalho imaterial, ontologia do trabalho, capitalismo cognitivo e movimentos pós-socialistas. É cofundador da revista Multitudes com o filósofo Antonio Negri. Escreve também sobre cinema, vídeo e as novas tecnologias de produção de imagem. Lazzarato participa de ações e reflexões sobre os "intermitentes do espetáculo" no âmbito da CIP-idf (Coordination dês Intermittents et Précaires d'Île-de-France), onde coordena uma importante "pesquisa-ação" sobre o estatuto dos trabalhadores e profissionais do espetáculo e do mundo das artes, além de outros trabalhadores precários. É autor de diversos livros, dos quais destacamos *Experimental Politics: Work, Welfare, and Creativity in the Neoliberal Age* (Massachusetts: MIT Press, 2017), e *La fábrica del hombre endeudado: Ensayo sobre la condición neoliberal* (Buenos Aires-Madrid: Amorrortu Editores/2013).

Em português, podem ser lidos os livros Trabalho Imaterial - Formas de Vida e Produção de Subjetividade (Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004 - Escrito com Antonio Negri), Governo das Desigualdades Crítica da Insegurança Neoliberal (São Carlos: Editora Edufscar, 2012) e As Revoluções do Capitalismo (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, (2006) e Signos, Máquinas, Subjetividades (São Paulo: n-1 edições/Edições Sesc São Paulo, 2014).

O professor Maurizio Lazzarato apresenta a conferência *A era do homem endividado*. O evento ocorre na terça-feira, 17-10-2017, às 10h45, na sala Ignácio Ellacuría e Companheiros – IHU e integra a programação *do IX Colóquio Internacional IHU. A Biopolítica como teorema da Bioética*. A programação completa pode ser acessada no link http://bit.ly/programacoloquio.

A entrevista foi publicada nas Notícias do Dia de 12-10-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2idoxBn.

Confira a Entrevista.

34

"A única democracia que os liberais conceberam foi a censitária, a democracia dos proprietários. A democracia 'para todos' nunca foi um objetivo do capitalismo nem dos liberais"

IHU On-Line – De que forma podemos compreender a estratégia biopolítica dos ciclos das crises financeiras na sua relação com a emergência do homem endividado?

Maurizio Lazzarato – A política da dívida afeta diferentemente todas as camadas sociais e todas as dimensões da vida. Ela atinge o emprego, a aposentadoria, os cuidados médicos, a formação, o auxílio à moradia, todas as políticas sociais etc. A política da dívida é a "verdadeira" biopolítica, ou seja, a modalidade de governamentalidade¹ da sociedade contemporânea em seu conjunto.

IHU On-Line – De que ordem é a figura subjetiva do homem endividado?

Maurizio Lazzarato – O homem endividado é o objeto da *biopolítica*. Todo mundo está endividado por meio da dívida pública, mesmo que, pessoalmente, você não tenha contraído nenhuma dívida. Esse deslocamento da governamentalidade foi feito estrategicamente pelo capital financeiro a partir do início da década de 1970. Em *Nascimento da biopolítica* (São Paulo: Martins Fontes, 2008), Foucault² não percebe

Segundo Foucault, o neologismo governamentalidade designa o conjunto constituido pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer uma forma bem específica de poder. (Nota da tradutora)

a ação estratégica da finança, pois, em seu livro, a questão da moeda não é abordada. Ele trata da moeda apenas em 1971, referindo-se à origem desta na Grécia Antiga, e sua argumentação associa estreitamente a guerra civil, a moeda e a dívida. Penso que é necessário referir-se ao Foucault de 1971, pois a relação entre dívida, guerra e moeda constitui o fundamento da biopolítica contemporânea. A governamentalidade neoliberal é uma governamentalidade da "guerra civil".

IHU On-Line – Como as relações biopolíticas no neoliberalismo produzem a tripla desapropriação do poder político, enfraquecido pela democracia representativa, dos direitos conquistados em lutas históricas dos trabalhadores e a desapropriação do futuro?

Maurizio Lazzarato — A definição de biopolítica é demasiadamente geral, no meu entender. Prefiro falar de política da dívida, por ser um termo mais exato no que se refere à nossa sociedade. A dívida, isto é, a moeda como capital financeiro, é uma abstração de ordem superior

a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em http://bit.ly/ihuon119; edição 203, de 6-11-2006, disponível em https://goo.gl/C2rx2k; edição 364, de 6-6-2011, initiulada 'História da loucura' e o discurso racional em debate, disponível em https://goo.gl/wjqFL3; edição 343, O (des)governo biopolítico da vida humana, de 13-9-2010, disponível em https://goo.gl/M95yPv, e edição 344, Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate, disponível em https://goo.gl/RX62qN. Confira ainda a edição nº 13 dos Cadernos IHU em formação, disponível em http://bit.ly/ihuem13, Michel Foucault – Şua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética. (Nota da IHU On-Line)

àquela do trabalho, da representação democrática e do poder político que se constituíram dentro do Estado-Nação. A moeda/dívida promove a desterritorialização. A captura exercida pelo Capital não ocorre por isolamento, mas pela desterritorialização promovida pela moeda. Ela age além das fronteiras do Estado-Nação, utilizando-o, ao mesmo tempo, para reterritorializar suas políticas, uma vez que o controle do mercado de trabalho, do bem-estar social etc. continua sendo um objetivo do Estado.

IHU On-Line – O que significa ser livre na era do homem endividado? Estamos diante da "liberdade do súdito", como diria Foucault?

Maurizio Lazzarato — As relações de poder requerem "liberdade" para os dois termos da relação. A governamentalidade somente pode funcionar se aos governados for reconhecida uma "liberdade", uma possibilidade de "resistir", de "fugir", que, na realidade, é o modo de funcionamento da biopolítica.

Mas o conceito foucaultiano de liberdade é muito problemático. Os governados são "livres" porque gozam de uma liberdade fabricada, favorecida e incentivada pelos governantes (aquela do "trabalhador livre", do "consumidor livre", do "eleitor livre"), ou então porque se afirmam "livres" na luta e mediante a luta contra as "liberdades" liberais (luta dos operários, das mulheres, dos colonizados, dos estudantes,

² Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a História da Loucura até a História da sexualidade (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições,

lutas dos anos 1950 e 1960 etc.). A primeira forma de liberdade é concedida, já a segunda é conquistada pela luta.

O capitalismo do *New Deal*³ e, depois dele, a Guerra Fria⁴ geraram novas formas de liberdade. As "liberdades" liberais, além de serem uma fabricação do capital, têm outra característica fundamental que nem os liberais nem Foucault evidenciaram: elas são estritamente indexadas pelo ciclo do capital. Sua existência e duração dependem das transformações de processos de valorização.

No capitalismo contemporâneo, o conceito de governamentalidade só é operacional se for compreendido como governo desse ciclo. Articula-se em governamentalidade micropolítica (gestão, empresa, educação, serviços para o bem-estar social etc.) e governamentalidade macroeconômica e macropolítica (gestão da moeda, da dívida etc.), produzindo ou destruindo liberdades conforme a dinâmica da desvalorização do capital.

Enquanto na fase expansiva da "valorização" a governamentalidade insufla liberdades aos governados, no momento em que a crise impõe a necessidade de encontrar novas fontes de lucro, o capital entra numa fase de "desvalorização", isto é, de destruição do capital constante e do capital variável (a população). A destruição pode ir desde o desemprego até a queda do salário, da redução dos gastos sociais ao deslocamento da produção, à guerra civil e à guerra. É no exato momento de reversão do ciclo que a governamentalidade produz justamente o contrário da liberdade e da democracia. Ela gera o empobrecimento e neofascismos.

A sequência neoliberal ilustra perfeitamente essa mudança na governamentalidade. As novas "liberdades" das décadas de 1980 e 1990 reverteram-se em uma guerra contra populações, travada obstinadamente pelas elites liberais desde a "crise" financeira.

Quando a valorização do Capital encontra obstáculos, quando é bloqueada (até mesmo pela própria lógica interna da valorização) ou posta em perigo por uma "revolução", a destruição da população e do "capital humano" se dá com um cinismo irrefreável. Sem falar do destino reservado aos "excedentes". A intensidade da destruição é apenas proporcional à resistência política da população, sem nenhuma relação com sua "qualidade" e sua "ontologia".

Um Foucault um pouco mais aguerrido do que à época de sua aula sobre o liberalismo em 1979 enuncia, com muita clareza, alguns anos depois: "Se a população é sempre a instância pela qual o Estado vela em seu próprio interesse, fica claro que o Estado pode massacrá-la em caso de necessidade. A tanatopolítica é assim o reverso da biopolítica".

A tanatopolítica pode visar tanto uma população analfabeta quanto uma população altamente qualificada, na medida em que não remete à ontologia do "capital humano", mas, primeiramente, a relações estratégicas. A estratégia do capital pode revelar-se absolutamente *indiferente* à "qualidade" da população, principalmente quando o seu poder ou a sua rentabilidade estão em perigo.

IHU On-Line – Em um mundo cujas relações sociais são mediadas pela dívida, ainda faz sentido falar em democracia?

Maurizio Lazzarato — O capitalismo não precisa da "democracia". A única democracia que os liberais conceberam foi a censitária, a democracia dos proprietários. A democracia "para todos" nunca foi um objetivo do capitalismo nem dos liberais. Ela foi imposta, começando pelo sufrágio universal, pelas lutas do movimento operário, no século XIX. O declínio deste, sob os assaltos da finança, provoca uma queda vertiginosa da "democratização".

É preciso reconhecer que o funcionamento do poder a partir da liberdade democrática dos governados não é generalizável no capitalismo. Na China, como em grande parte da Ásia Oriental, o capitalismo pode funcionar precisamente a partir de uma nova elaboração do "modo de produção asiática". Mesmo no Japão democrático, não é nem a liberdade, nem o individualismo que caracterizam o modelo governamental, mas uma máquina de guerra que consegue governar a população por "automatismos", organizando os comportamentos de maneira mais estável e mais previsível do que na Europa ou nos Estados Unidos.

"A dívida, isto é, a moeda como capital financeiro, é uma abstração de ordem superior àquela do trabalho"

IHU On-Line – De que forma podemos compreender o trabalho imaterial na era da Revolução 4.0?

Maurizio Lazzarato – Abandonei o conceito de trabalho imaterial logo após tê-lo forjado. Penso que não é uma categoria útil, mas exigiria muito tempo explicar por quê.

IHU On-Line – Sobrará espaço para a subjetividade humana na era da massiva robotização do trabalho?

Maurizio Lazzarato – A robotização não exclui a subjetividade

³ New Deal: nome dado às reformas executadas por Roosevelt nos EUA, a partir de 1933, que consagrava certa intervenção do Estado nos domínios econômico e social. (Nota da IHU On-Line) 4 Guerra Fria: nome dado a um período histórico de disputas estratégicas e conflitos entre Estados Unidos e União Soviética, que gerou um clima de tensão que envolveu países de todo o mundo. Estendeu-se entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a queda da União Soviética (1991). (Nota da IHU On-Line)

humana; pelo contrário, ela requer o seu deslocamento. Gilbert Simondon⁵ já havia explicado isso a

5 Gilbert Simondon (1924-1989): foi um filósofo e tecnólogo francês com conhecimentos em mecânica, eletrônica, hidráulica e termodinâmica. Nascido em Saint-Étienne, estudou na Ecole Normale Supérieure e na Sorbonne, obtendo nessa última o doutoramento, em 1958. Foi aluno de Georges Canguilhem, Martial Guéroult e Maurice Merleau-Ponty; sua obra perpassa investigações em tecnologia, técnica, estética e individuação. Sua tesse complementar de doutorado Du mode d'existence des objets techniques, publicada em 1958, teve repercussão imediata pelo caráter ousado da proposta antifenomenológica e não tecnofóbica, apresentada por Simondon para se pensar a gênese dos objetos técnicos, exigindo como análise destes o tratamento específico de suas realidades, de seus funcionamentos e utilizações. Conquanto a relevância de sua obra, Simondon é ainda pouco lido, embora esporadicamente citado. Sua tese principal foi dividida em duas partes para publicação: L'individu et sa gênese physico-biologique (1964) e L'individuation psychique et collective à la lumière des notions de forme,

respeito das máquinas automáticas cibernéticas (autorreguladoras). Se, a rigor, o "trabalho" chegasse ao absurdo de ser totalmente robotizado, toda a sociedade trabalharia para o seu funcionamento. Não existe nenhuma possibilidade de eliminar a subjetividade, uma vez que a máquina é sempre um agenciamento, um acoplamento do homem com a máquina.

IHU On-Line – Como subverter a máquina da dívida infinita?

information, potentiel et metaestabilité (1989). (Nota da **IHU On-Line**)

Maurizio Lazzarato - Seria necessário começar pela distinção entre máquina técnica e máquina social (ou máquina de guerra). A dívida é uma máquina de guerra composta por automatismos financeiros, normas sociais e uma estratégia política. Precisaríamos pensar as relações entre máquinas técnicas, máquinas de guerra e estratégia, como tentou fazer Foucault entre 1971 e 1976. Em vez de abandonar a guerra enquanto modelo da relação de poder, como fez Foucault depois de 1976 com o conceito de governamentalidade, deveríamos pensar esta última como articulação de uma estratégia de guerra. Mas estamos longe disso. ■

Leia mais

- Capitalismo cognitivo e trabalho imaterial. Entrevista com Maurizio Lazzarato, publicada nas Notícias do Dia, de 6-12-2006, no sítio do Instituto Humanitas Unsinos IHU, disponível em http://bit.ly/2zfyWni.
- "Atualmente vigora um capitalismo social e do desejo". Entrevista com Maurizio Lazzarato, publicada nas Notícias do Dia, de 5-1-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos IHU, disponível em http://bit.ly/2klQLbk;
- **Subverter a máquina da dívida infinita**. Entrevista com Maurizio Lazzarato, publicada na Notícias do Dia, de 2-6-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos IHU, disponível em http://bit.ly/2kHoj9o;
- **O "homem endividado" e o "deus" capital**: uma dependência do nascimento à morte. Entrevista especial com Maurizio Lazzarato, publicada na revista IHU On-Line nº 468, de 29-6-2015, disponível em http://bit.ly/2hB0bAl;



A transformação do dom na bioética da ecologia integral

Agustín Domingo Moratalla aborda como o humanismo integral pode converter a bioética em biopolítica

Lara Ely | Edição: Ricardo Machado | Tradução: Henrique Denis Lucas

á que se desconectar da velocidade dos dias correntes para se conectar a uma ética humanista integral. É por esse caminho que o professor e pesquisador Agustín Domingo Moratalla conduz sua entrevista por e-mail à IHU On-Line. "Hoje, os espacos públicos estão orientados pela aceleração, a pressa, a urgência e a simplificação das mensagens. O Twitter nos obriga a usar 140 caracteres em nossas argumentações. Precisamos promover deliberações públicas que vão além dos 140 caracteres, e por isso é importante facilitar as informações, aprender a escutar os argumentos dos outros e descobrir espaços públicos compartilhados que nos permitam dialogar sobre temáticas comuns", pondera o entrevistado.

Em uma época guiada, principalmente, pelas trocas mercantilizadas das relações humanas, o "dom" emerge como vetor ético importante nas relações biopolíticas. "O dom como doação propriamente dita (dom-ação) se baseia na disponibilidade, na entrega e no des-interesse, no dar sem esperar nada em troca. As éticas do cuidado recuperaram esta ideia de doação que está relacionada com a sensibilidade, o cuidado desinteressado dos outros, a generosidade e, muitas vezes, com o que chamo de 'inteligência maternal'", explica Domingo Moratalla.

"A presença da bioética nas políticas públicas exige que hoje falemos sobre Bioética como Biopolítica. Neste sentido, pensar sobre a condição humana hoje requer uma ecologia integral", avalia o pesquisador. "A ecologia integral, pela qual o Papa Francisco nos convida,

exige um humanismo integral, ou seja, um humanismo de todo o homem e do homem inteiro", complementa.

Agustín Domingo Moratalla é professor na Universidad Internacional Menéndez Pelavo e do Centro Docente e Investigador de Valencia, em Valência. na Espanha. Dedica-se aos temas da Filosofia do Direito e Moral e Política. Foi diretor geral da área de Familia, el Menor y las Adopciones en la Consejería de Bienestar Social de la Generalidad, na cidade de Valência. Trabalhou como professor na Universidad Pontificia de Salamanca e, também, na Universidad Católica de Lovaina. O professor é autor de diversos livros, dos quais destacamos Democracia y caridad. Horizontes éticos para la donación y la responsabilidad (Bilbao: Loyola Grupo de Comunicación, 2014), El arte de cuidar (Madrid: Rialp, 2013), Educación y redes sociales. La autoridad en la era digital (Madrid: Ediciones Encuentro. Madrid, 2013), Ética Para Educadores (Editora P.P.C., 2008) e Educar para una ciudadania responsable (Editorial CCS, 2002).

O professor Agustín Domingo Moratalla apresenta a conferência *A bioética e o cuidado da vida no contexto das sociedades mercantilistas*. O evento ocorre na quarta-feira, 18-10-2017, às 9h, na sala Ignácio Ellacuría e Companheiros – IHU e integra a programação *do IX Colóquio Internacional IHU. A Biopolítica como teorema da Bioética*. A programação completa pode ser acessada no link http://bit.ly/programacoloquio.

Confira a entrevista.

38

"Hoje, os espaços públicos estão orientados pela aceleração, a pressa, a urgência e a simplificação das mensagens"

IHU On-Line – O debate sobre a ética costuma ser árido e distante do grande público. Qual é sua estratégia para popularizar o debate na Espanha?

Agustín Domingo Moratalla -Não se iluda, as questões éticas costumam despertar grande interesse entre os cidadãos e quase todo mundo quer participar. Agora, quando temos participação nas questões éticas, é importante promover a qualidade do juízo que é realizado, ou seja, que as opiniões emitidas estejam bem fundamentadas e argumentadas. Nesta tarefa de melhorar a qualidade dos juízos e argumentos, a ética se compromete como "filosofia moral", isto é, como uma reflexão sobre a vida humana que merece ser bem analisada e examinada para ser vivida plenamente por todos. Delimitar um problema, esclarecer os valores que surgirem, deliberar e ajudar a decidir com responsabilidade.

IHU On-Line – A ética é um conjunto de ferramentas as quais você pode dar às pessoas, para que elas sejam verdadeiramente autônomas. No livro Educar para una ciudadania responsable (Editorial CCS, 2002), você oferece reflexões que instigam os leitores a decidir por si mesmos e protagonizar as mudanças que o mundo aguarda. Como isto se converte em um propósito ético?

Agustín Domingo Moratalla – Em sua tarefa de fornecer ferramentas para que sejam realizados bons julgamentos e tomadas de decisões respon-

sáveis, a ética não se limita ao âmbito pessoal ou individual, mas também tem uma dimensão social e comunitária. Hoje, os espacos públicos estão orientados pela aceleração, a pressa, a urgência e a simplificação das mensagens. O Twitter nos obriga a usar 140 caracteres em nossas argumentações. Precisamos promover deliberações públicas que vão além dos 140 caracteres, e por isso é importante facilitar as informações, aprender a escutar os argumentos dos outros e descobrir espaços públicos compartilhados que nos permitam dialogar sobre temáticas comuns.

IHU On-Line – De onde vem a desilusão pela ética aplicada?

Agustín Domingo Moratalla

 Hoje, a especialização do conhecimento é muito grande e, portanto, os juízos morais públicos requerem a presença de especialistas. Isto não significa que deixemos que especialistas e técnicos tenham a última palavra. Isso significa que somos convocados a gerar espaços públicos comuns de onde os cidadãos compartilhem informação para poderem compartilhar também as responsabilidades. À medida que tomamos conhecimento da gravidade dos problemas que afetam a mercantilização da investigação biomédica, o meio ambiente, a economia cotidiana, as políticas públicas ou qualquer outro âmbito da vida, então a nossa responsabilidade é despertada.

IHU On-Line – No livro El arte de cuidar (Rialp, 2013),

você mostra como a relação humana poderia ser melhor se prestássemos mais atenção no tratamento uns com os outros. Nossas crises éticas são, basicamente, "crises de cuidado"?

Agustín Domingo Moratalla

– Preocupa-me muito a rapidez, a aceleração, a obsessão pelo novo e o esquecimento da vida cotidiana. Meu conceito de cuidado está associado com a atenção às relações com os outros, com a vigilância nos pequenos detalhes, com as responsabilidades mais básicas e sem as quais a vida careceria de sentido. Atender aos demais, ter uma palavra amável com os outros, tomarmos conta de quem temos ao nosso lado e entender a vida não apenas como "atividade" ou transformação, mas como "receptividade" e "dom".

IHU On-Line – De que forma podemos compreender o "dom" na ética contemporânea?

Agustín Domingo Moratalla -Existem duas formas básicas: o dom como devolução ou entrega condicionada e o dom como doação ou entrega incondicional. Há uma ideia de dom relacionada com a reciprocidade, é a base da ordem social e a partir dela são construídas ideias interessantes sobre a justica. O dom como reciprocidade está na base de nossas relações sociais e mercantis, é a ideia de intercâmbio em termos de reciprocidade, o que em latim diríamos "do ut des". O dom como doação propriamente dita (dom-ação) se baseia na disponibilidade, na entrega e no des-interesse, no dar sem esperar nada em troca. As éticas do cuidado recuperaram esta ideia de doação que está relacionada com a sensibilidade, o cuidado desinteressado dos outros, a generosidade e, muitas vezes, com o que chamo de "inteligência maternal". O primeiro dom está ligado ao "interesse", o segundo ao "des-interesse"; o primeiro nos situa na "lógica da equivalência", o segundo nos abre para a "lógica da superabundância".

"O dom como doação propriamente dita (dom-ação) se baseia na disponibilidade, na entrega e no des-interesse"

IHU On-Line – As crises instauradas no campo da política refletem, em alguma instância, a ausência de compreensão e prática de uma bioética comprometida com as questões contemporâneas?

Agustín Domingo Moratalla -

As relações entre política e bioética são complexas. Prefiro falar de bioética nas "políticas públicas" para descrever a forma de introduzir os problemas de bioética na agenda política cotidiana. As diferenças significativas nos programas de políticas públicas estão diretamente relacionadas com questões bioéticas; tudo o que se relaciona com a vida está se tornando o critério para

distinguir e diferenciar um programa político de outro. Como encarar a saúde cotidiana, o envelhecimento, a viuvez, a infância desamparada, o nascimento ou a morte? A presença da bioética nas políticas públicas exige que hoje falemos sobre Bioética como Biopolítica. Neste sentido, pensar sobre a condição humana hoje requer uma ecologia integral.

IHU On-Line – Como a qualidade na educação e na formação ética implica uma maior justiça social?

Agustín Domingo Moratalla -Um dos critérios que usamos para avaliar os níveis de justiça social em uma comunidade política são as instituições de ensino. Existe um falso debate que separa a equidade e a qualidade, como se o acréscimo da equidade acontecesse em detrimento da qualidade e viceversa. Além de investir na educação e aumentar os recursos públicos e privados destinados para a formação básica, é necessário cultivar ideais, ilusões e valores que permitam aos jovens descobrir grandes horizontes na vida. O economicismo, o materialismo e o individualismo dificultam um sentido vigoroso e nobre da educação. Não valorizo o estudo apenas como ferramenta ou caminho para "ter", mas como um recurso ou bússola pela qual se pode "ser". As reflexões de Erich Fromm¹. onde ele traça diferenças entre "ter" e "ser", continuam a ser básicas para qualquer educador.

IHU On-Line – De que maneira a espiritualidade pode nos

1 Erich Fromm (1900—1980): foi um psicanalista alemão, flósofo e sociólogo. Erich Fromm teve sua ascendência em uma família judia extremamente religiosa, da qual se originaram diversos rabinos. Ele mesmo desejava originalmente seguir este caminho. Cresceu em Frankfurt, onde inicialmente estudou direito, mudando depois ao estudo da sociologia em Heidelberg, doutorando-se lá em 1922 junto a Albert Weber sobre lei judaica. (Nota da IHU On-Line)

ajudar no desenvolvimento de uma ética mais integral?

Agustín Domingo Moratalla

 Como minha tradição é inaciana, sempre tenho em mãos a máxima: "contemplativos na ação". Ao contrário de outras espiritualidades desencarnadas e despreocupadas com a justiça social ou com o que acontece no mundo, a espiritualidade à qual me refiro conduz ao compromisso, à militância e à justiça social. A oração e a contemplação facilitam e incentivam a autenticidade no trabalho pela justiça social. A ecologia integral, pela qual o Papa Francisco² nos convida, exige um humanismo integral, ou seja, um humanismo de todo o homem e do homem inteiro. Desenvolvo este conceito de humanismo integral no novo livro Condición humana u ecologia integral. Horizontes éticos para una ciudadanía global, que será lançado em breve.

IHU On-Line – O que é a ética planetária? Como ela inspira o trabalho dos ambientalistas?

Agustín Domingo Moratalla — Eu prefiro falar de ética em geral e não de ética planetária, mundial ou global. Se levarmos a sério a ética, há uma vocação de universalidade e radicalidade que afeta todo o ser humano, porque "nada que é humano pode ser estranho para nós". A era da globalização nos exige ter uma mente aberta. ■

2 Papa Francisco (1936): argentino filho de imigrantes italianos, Jorge Mario Bergoglio é o atual chefe de estado do Vaticano e Papa da Igreja Católica, sucedendo o Papa Bento XVI. É o primeiro papa nascido no continente americano, o primeiro não europeu no papado em mais de 1200 anos e o primeiro jesuíta a assumir o cargo. A edição 465 da revista IHU On-Line analisou so dois anos de pontificado de Francisco. Confira em http://bit.ly/1Xw2tgu. Leia, ainda, a edição Amoris Laetitia e a 'ética do possível'. Limites e possibilidades de um documento sobre 'a família', hoje, disponível em http://bit.ly/1SseNSc e a edição O ECOmenismo de Laudato Si', disponível em http://bit.ly/1S6Luik. (Nota da IHU On-Line)



Genética a favor dos direitos humanos e da preservação da vida

O professor e médico geneticista Victor Penchaszadeh produziu o primeiro estudo de genética a favor dos direitos humanos e contra a ditadura militar na Argentina

Lara Ely | Edição: Ricardo Machado | Tradução: Henrique Denis Lucas

ara o professor e médico geneticista argentino Victor Penchaszadeh, as questões relacionadas à saúde são determinadas antes por questões sociais do que genéticas. Seu trabalho de pesquisa que desembocou no chamado "índice de abuelidad", em 1984, foi pioneiro no uso dos estudos genéticos em favor dos direitos humanos. "Conheci as Avós da Praça de Maio em uma de suas visitas às Nacões Unidas para denunciar o rapto e apropriação dos filhos de dissidentes políticos assassinados e desaparecidos. Eu contribuí para formação de um grupo de trabalho de geneticistas e matemáticos, nos Estados Unidos, para desenvolver uma metodologia de identificação dessas crianças", explica Victor Penchaszadeh em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

"Para estabelecer parentescos, locais específicos do genoma são analisados e comparados com os de possíveis parentes. Se não há nenhuma correspondência, o parentesco é excluído, enquanto que, se houver semelhanças, calcula-se a probabilidade de que as coincidências sejam provenientes da hereditariedade, e não aleatórias", descreve Penchaszadeh. "A genética deve agradecer às Avós por haver dado a esta disciplina a oportunidade de se redimir de seu passado com uma aplicação a favor dos direitos humanos, assim como é a recuperação da identidade dos netos raptados", complementa.

Na sua opinião, os principais problemas relacionados à bioética dizem respeito ao agravamento das injustiças e ao crescimento das desigualdades, por exemplo, com o aumento da concentração de renda. Além disso, pontua ele, "critico as biopolíticas que buscam o controle dos corpos e da reprodução humana, interferindo na autonomia reprodutiva, que deve incluir necessariamente o direito de continuar ou interromper as gestações de uma forma que proteja a saúde das mulheres".

Victor Penchaszadeh é médico especializado em pediatria, saúde pública e bioética. Graduou-se em Medicina pela Universidade de Buenos Aires, fez especialização em Bioethics and Medical Humanities, Columbia University, em Nova Iorque e mestrado em Public Health, School of Higiene and Public Health, Johns Hopkins University, Baltimore, Estados Unidos. É, também, professor do Departamento de Ciências da Saúde da Universidad Nacional de La Matanza. É autor do livro Genética y derechos humanos: encuentros y desencuentros (Buenos Aires: Paidós, 2012).

O professor Victor Penchaszadeh apresenta a conferência *Ética e Genética* no dia 18-10-2017, às 14h30, na sala Ignácio Ellacuría e Companheiros – IHU e integra a programação do *IX Colóquio Internacional IHU. A Biopolítica como teorema da Bioética*. A programação completa pode ser acessada no link http://bit.ly/programacoloquio.

A entrevista foi publicada nas Notícias do Dia de 7-10-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2yoFakD.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que o levou à pesquisa genética? Foi o interesse da interface entre a me-

dicina tecnológica e questões Sociais?

Victor Penchaszadeh – Desde

meus tempos de estudante de medicina, eu me interessava pelos aspectos biológicos da medicina e sua aplicação na prevenção e cura de doenças. Mas, ao mesmo tempo, desde muito jovem, era consciente de que tanto o fenômeno da saúde quanto o das doenças dependem mais de determinantes sociais do que da biologia individual. Isto determinou uma concepção ideológica que eu mantive a minha vida inteira e que considera a justiça social como o principal objetivo para conseguir efetivamente o direito à saúde. Sempre mantive o duplo interesse entre a pesquisa genética e a militância social em medicina social e o direito à saúde.

IHU On-Line – Em dezembro de 1975, três meses antes do golpe militar na Argentina, você estava em seu consultório, quando seu trabalho foi interrompido por um grupo de homens armados com todas as características da Aliança Anticomunista Argentina (Triplo A), um grupo paramilitar organizado pelo governo, que tentou sequestrá-lo. Por que você foi perseguido e por que motivo se exilou em Caracas?

Victor Penchaszadeh - Eu tinha um histórico de militância estudantil e, já como jovem médico de empresas, também tinha demandas por serviços de saúde acessíveis para a população de baixa renda. Além disso, participei de movimentos de protesto contra os golpes de estado que ocorreram no Chile e no Uruguai, e contra a direitização progressiva do governo argentino. Durante 1975, o governo se direitizou ainda mais e começou a perseguir os ativistas, recorrendo à repressão com sequestros e assassinatos, em uma antecipação do que logo seria feito pela ditadura militar. Após a tentativa de seguestro, exileime em Caracas porque meu irmão já havia se exilado lá, assim como alguns de seus colegas e amigos.

IHU On-Line – E como você foi parar nos Estados Unidos?

Victor Penchaszadeh – Na Venezuela tive uma recepção muito boa

no Instituto Venezuelano de Pesquisas Científicas e na Universidade Central, e pude desenvolver uma boa carreira durante cinco anos. No entanto, juntamente à minha família, decidimos que poderíamos desenvolver melhor nossas capacidades nos Estados Unidos, e por isso aceitei uma posição como médico geneticista em um hospital de Nova York, associado com a Escola de Medicina Mount Sinai.

"Desde muito jovem, era consciente de que tanto o fenômeno da saúde quanto o das doenças dependem mais de determinantes sociais do que da biologia individual"

IHU On-Line – Foi lá que o seu caminho se cruzou com o das Avós da Praça de Maio, quando elas tentaram provar o vínculo genético com seus netos, tendo seus filhos desaparecidos. Como você contribuiu nesta investigação?

Victor Penchaszadeh – Efetivamente, em Nova York, além de continuar minha carreira como médico geneticista, ocupei-me de denunciar as graves violações dos direitos humanos que estavam ocorrendo na Argentina. Foi assim que eu conheci as Avós da Praça de Maio em uma de suas visitas às Nações Unidas para

denunciar o rapto e apropriação dos filhos de dissidentes políticos assassinados e desaparecidos. Eu contribuí para formação de um grupo de trabalho de geneticistas e matemáticos, nos Estados Unidos, para desenvolver uma metodologia de identificação dessas crianças.

IHU On-Line – O que a adaptação do índice de paternidade para o "índice de abuelidad" representou em termos de estudos genéticos e políticos? Do que se trata, exatamente? Como vocês chegaram a este resultado?

Victor Penchaszadeh – Para estabelecer parentescos, locais específicos do genoma são analisados e comparados com os de possíveis parentes. Se não há nenhuma correspondência, o parentesco é excluído, enquanto que, se houver semelhanças, calcula-se a probabilidade de que as coincidências sejam provenientes da hereditariedade, e não aleatórias.

Quando em 1982 as Avós da Praça de Maio exigiram da ciência um método para identificar seus netos raptados pela ditadura, ainda não existiam técnicas de análise direta do DNA, nem informática suficiente para calcular as probabilidades de parentesco, e dependia-se da análise menos precisa de marcadores genéticos, tais como os grupos sanguíneos e a histocompatibilidade. Uma vez que os pais dos netos estavam desaparecidos, a fórmula conhecida de probabilidade da paternidade não era aplicável, de modo que o grupo de trabalho teve de adaptar esta fórmula, considerando que, pelas leis da hereditariedade, a probabilidade de compartilhar perfis genéticos entre avós e netos é menor do que entre pais e filhos. A fórmula que foi alcançada por meio de complexos cálculos matemáticos a puro "lápis e papel" foi chamada de "índice de abuelidad", que estabelece a probabilidade de que supostos avós de uma pessoa em particular sejam efetivamente seus avós biológicos. Este índice foi provado com sucesso, pela primeira vez no mundo, na Argentina, em 1984, identificando o primeiro filho com este índice após a restauração da democracia.

Em termos científicos, foi a primeira vez no mundo que foi possível identificar a filiação genética de uma pessoa ao comparar seus marcadores genéticos com os dos avós, e não com os dos pais. Também foi a primeira vez que a genética serviu a uma causa dos direitos humanos, como é o direito à identidade, o que causou um grande impacto científico.

"Isto determinou uma concepção ideológica que eu mantive a minha vida inteira e que considera a justiça social como o principal objetivo para conseguir efetivamente o direito à saúde"

IHU On-Line — Os dados armazenados no Banco Nacional de Dados Genéticos possibilitaram a recuperação da identidade de 122 netos. O que isso significa em termos políticos?

Victor Penchaszadeh – Em termos políticos, significou derrotar o objetivo dos militares de expropriar os filhos dos dissidentes assassinados e proporcionar provas condenatórias nos julgamentos dos militares, que demonstraram que o rapto de crianças foi um plano sistemático concebido a partir dos mais altos escalões do poder, e dos quais foram condenados à prisão perpétua o ex-ditador Videla¹ e vários de seus oficiais.

IHU On-Line – Que tipo de desconforto o campo da genética lhe causava? O fato de ter sido usada muitas vezes para justificar o racismo lhe incomodava?

Victor Penchaszadeh - Eu era consciente de que a genética tinha sido usada no passado por setores reacionários que detinham o poder político em diversos países para estabelecer políticas racistas de discriminação e estigmatização, além de assassinar setores inteiros da população, que foi submetida à restrição de sua reprodução e ao genocídio, em nome da "eugenia", nos Estados Unidos, ou da "higiene racial", na Alemanha nazista. Certamente que dedicar-se a uma disciplina científica que teve um passado tão vergonhoso não era confortável, e era algo que me fazia relembrar permanentemente os meus princípios de justiça, equidade e aderência aos direitos humanos como um guia ético em minha carreira, tanto como geneticista quanto em outras disciplinas que exerço, tais como a saúde coletiva e a bioética. A genética deve agradecer às Avós por haver dado a esta disciplina a oportunidade de se redimir de seu passado com uma aplicação a favor dos direitos humanos, assim como é a recuperação da identidade dos netos raptados.

IHU On-Line – O que significa para você, como médico, fazer este trabalho de recuperação dos vínculos entre os familia-

res separados pela ditadura?

Victor Penchaszadeh – É uma satisfação enorme poder fazer o bem, não apenas para as famílias envolvidas, mas para toda a sociedade. De fato, a sociedade argentina foi totalmente agredida pela política genocida da ditadura. O trabalho de recuperação de identidades ajuda a sanar ou mitigar as feridas graves deixadas pela ditadura no tecido social.

IHU On-Line — Como consultor da Organização Mundial da Saúde - OMS e da Unesco, quais são as principais questões contemporâneas no campo da bioética e da biopolítica?

Victor Penchaszadeh - Os principais problemas bioéticos atuais, a nível global, são a persistência e o agravamento das injusticas e desigualdades no mundo, a concentração imoral da riqueza em cada vez menos mãos, a pobreza crescente, a falta de vigência do direito à saúde, a intolerância às diferenças e a violência alimentada por um sistema capitalista voraz, que só está interessado no lucro econômico, a deterioração acelerada da biosfera e a progressiva degradação da democracia, que está caindo nas mãos dos mesmos comerciantes que Jesus Cristo expulsou do templo há dois mil anos, transformando cidadãos em consumidores.

Na área específica da genética, o reducionismo e o determinismo genéticos que pretendem reduzir o ser humano simplesmente aos seus genes continuam exercendo uma influência muito nociva sobre o desenvolvimento desta ciência, em consonância com o respeito aos direitos humanos. Finalmente, critico as biopolíticas que buscam o controle dos corpos e da reprodução humana, interferindo na autonomia reprodutiva, que deve incluir necessariamente o direito de continuar ou interromper as gestações de uma forma que proteja a saúde das mulheres.

Jorge Rafael Videla (1925 - 2013): militar e ditador da Argentina, presidente entre 1976 e 1981. (Nota da IHU On-Line)

A transformação da bioética na ética do cuidado

Fermin Roland Schramm pensa os desafios da biopolítica e da bioética voltados às populações mais suscetíveis aos desmandos de quem detém o poder político e científico

Lara Ely | Edição Ricardo Machado

bioética é um terreno pantanoso e requer passos cuidadosos. A história testemunha usos absolutamente questionáveis relacionados às experiências genéticas, da eugenia nazista às tentativas de melhoramento genético de pessoas relativamente saudáveis, estes últimos na contemporaneidade. Diante deste complexo cenário, o professor e pesquisador Fermin Roland Schramm propõe a bioética de proteção. "Em meu entender, a bioética de proteção se aplica a indivíduos e a populações humanas que são vulnerados, isto é, que não são meramente vulneráveis. Em outras palavras, a distinção que faço entre vulnerabilidade e vulneração se refere à distinção, já formulada por Aristóteles, entre 'potência' e 'ato'. Mas, para sermos mais completos, deveríamos ainda acrescentar a categoria de suscetível, que se situa entre a mera vulnerabilidade e a efetiva vulneração", explica Schramm, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Para o professor, uma sociedade pluralista deve se basear e respeitar a diversidade, de modo que tanto a bioética quanto a biopolítica devem contribuir de forma complementar e interativa na construção de um meio social mais justo e menos desigual. Segundo Schramm, uma contribuição importante dos campos se dá por meio da "eliminação, redução ou prevenção contra sofrimentos evitáveis (para a bioética); estabelecendo e aplicando leis, diretrizes ou regras de convivência, tolerância e empatia entre cidadãos (não podemos esquecer que "política" vem do grego polis), para a biopolítica", sustenta. "Em suma, bioética e biopolítica possuem uma relação complexa, na qual elas dialogam, argumentam, justificam comportamentos que podem melhorar ou piorar a qualidade de vida de cada um e de todos", completa.

Fermin Roland Schramm é graduado em Letras pela University of Génève, mestre em Semiologia pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales e doutor em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz; realizou estágio pós-doutoral na Universidade do Chile. Atualmente é pesquisador titular da Fundação Oswaldo Cruz e consultor em Bioética do Instituto Nacional de Câncer - Inca/RJ.

O professor Fermin Roland Schramm apresenta a conferência *A biopolítica e a declaração universal de bioética e Direitos Humanos*. O evento ocorre na terça-feira, 17-10-2017, às 14h30, na sala Ignácio Ellacuría e Companheiros – IHU e integra a programação *do IX Colóquio Internacional IHU. A Biopolítica como teorema da Bioética*. A programação completa pode ser acessada no link http://bit.ly/programacoloquio.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como a biopolítica serve de ferramenta frente aos problemas morais contemporâneos?

Fermin Roland Schramm– Dito de maneira muito geral e

abrangente, se se concebe a biopolítica como a aplicação dos dispositivos da política à vida humana amplamente entendida, isto é, incluindo em sua conceituação os corpos dos indivíduos e as populações, as inter-relações com outros seres vivos e os ambientes, e se considerarmos as estruturas de poder (ou biopoder) que ela estabelece e regula entre agentes e pacientes morais, a biopolítica refere-se às formas de

"A biotecnociência visa, em princípio, transformar os sistemas vivos, de acordo com necessidades e desejos humanos que pretendem melhorar sua qualidade de vida"

governo que afetam a qualidade de vida (e a própria vida como tal) de tais pacientes, fornecendo material para a avaliação moral feita pela ética aplicada chamada bioética.

IHU On-Line – O que o senhor define como bioética da proteção? Qual é a aplicação do conceito?

Fermin Roland Schramm -Em meu entender, a bioética de proteção se aplica a indivíduos e a populações humanas que são vulnerados, isto é, que não são meramente vulneráveis (que é uma potencialidade que se aplica a todo ser vivo, visto que pode ser "ferido" - do latim vulnus -, afetado e até morto). Em outras palavras, a distinção que faço entre vulnerabilidade e vulneração se refere à distinção, já formulada por Aristóteles, entre "potência" e "ato". Mas, para sermos mais completos, deveríamos ainda acrescentar a categoria de suscetível, que se situa entre a mera vulnerabilidade e a efetiva vulneração.

IHU On-Line – Quais são as principais implicações éticas no uso da biotecnologia em diferentes áreas?

Fermin Roland Schramm – O uso das biotecnologias é objeto de uma controvérsia que se situa entre dois polos (ou duas faces): seus defensores quase irrestritos e seus críticos, existindo também um meio campo entre eles. Entre os defensores, ela é moralmente aceitável na

medida em que melhoraria a qualidade de vida de seus destinatários (e que estariam sujeitos a um melhoramento ou "aprimoramento" biológico, psíquico e moral, indicado pelo termo polissêmico enhancement); já para aqueles que recusam seu uso, ela constituiria uma interferência indevida no finalismo intrínseco (ou autopoiético) dos sistemas vivos. Penso que o principal problema moral envolvido seja a questão da autonomia do indivíduo em tomar suas decisões sobre si, quando houver uma programação de si da qual ele não participou, e isso se aplica à escolha prévia dos pais (ou de uma comunidade ou um Estado) de características julgadas "melhores" (sexo, cor e outras características físicas e psíquicas como inteligência etc.), que pode implicar formas de preconceito, estigma e discriminacão dos "outros" diferentes.

IHU On-Line – Quais são os maus usos possíveis e os riscos da biotecnociência?

Fermin Roland Schramm – A biotecnociência visa, em princípio, transformar os sistemas vivos, de acordo com necessidades e desejos humanos que pretendem melhorar sua qualidade de vida. Neste sentido é *prima facie* aceitável, por poder ser considerada moralmente correta. Entretanto, podem existir abusos de qualquer tipo de uns sobre os outros, que podem implicar um sofrimento desnecessário e, portanto, evitável, o que constitui um tema caro à bioética laica, preocupada com a qualidade de vida.

IHU On-Line – Na França, o governo de Macron¹ passa por uma reforma que visa garantir a reprodução assistida de mulheres solteiras e homossexuais. O que isso representa?

Fermin Roland Schramm – Pessoalmente não vejo nenhum problema moral sério (a não ser os preconceitos eventualmente envolvidos), pois amplia as possibilidades de vida de tais populações, podendo, inclusive, cuidar melhor de suas crias que muitos casais tradicionais.

IHU On-Line – Em que ponto a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos baliza as ações e tomadas de decisão de lideranças políticas, e a quem ela diz respeito?

Fermin Roland Schramm -

Em seu caráter geral, penso que a Declaração visa vincular as decisões das lideranças políticas aos Direitos Humanos referentes ao indivíduo (identificado como merecedor a priori do respeito a sua "pessoa"), às populações e a sua integração no ambiente amplamente entendido, destacando a necessidade de políticas que sejam justas (com todos os cidadãos) e equitativas (com os indivíduos e grupos suscetíveis e vul-

¹ Emmanuel Macron [Emmanuel Jean-Michel Frédéric Macron] (1977): é um político, funcionário público e banqueiro francês, atual presidente do seu país. Macron estudou filosofia na Universidade de Paris X - Nanterre, concluiu um mestrado em políticas públicas no Instituto de Estudos Políticos de Paris, e depois se formou na Escola Nacional de Administração em 2004. Em seguida, passou a trabalhar na Inspeção-Geral de Finanças antes de se tornar um sócio do banco Rothschild. (Nota da IHU On-Line)

nerados), juntando de fato os direitos ditos de "primeira geração" (contidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos e que destaca os diretos da pessoa humana) com aqueles de "segunda geração" (referentes mais a populações e à sociedade como um todo e que priorizam as questões referentes à justiça entre todos). Deve-se incluir, ainda, os de "terceira geracão", mais referidos aos direitos das gerações futuras e a um ambiente natural sustentável e saudável. Resumindo (e traduzindo em meus termos): a Declaração diz respeito a cada pessoa existente, às relações entre pessoas, à sociedade como um todo (que deve integrar da melhor maneira possível seus agentes e pacientes morais), às gerações futuras e a seus ambientes respectivos.

IHU On-Line – Como está o Brasil em relação à legislação sobre a Bioética?

Fermin Roland Schramm – Diria "atrasado", pois até hoje não temos ainda um conselho nacional de bioética, apesar de este ter sido reivindicado por muitos bioeticistas desde o Milênio passado.

IHU On-Line – Que tipo de ética pode ser evidenciado a partir das políticas públicas de saúde?

Fermin Roland Schramm – A este respeito devo destacar o fato de que a bioética no Brasil surgiu graças não só a médicos preocupados com os aspectos morais de sua profissão e suas relações com os pacientes, mas também a sanitaristas, e que incentivaram a formação de uma "bioética sanitária" (que teve o saudoso Berlinguer² como um de seus inspiradores).

IHU On-Line – As práticas da engenharia genética ainda são vistas com reservas por alguns setores. Como a Declaração universal da bioética ampara essa discussão?

Fermin Roland Schramm -

Destacando a prioridade que deve ter a dignidade humana; os benefícios frente a eventuais danos; a autonomia e a responsabilidade individual do indivíduo; o dar seu consentimento livre e esclarecido para participar de pesquisa e ensaios clínicos; a confidencialidade das informações obtidas dos pacientes morais envolvidos; a não-discriminação e a não -estigmatização; etc. Destacando, que os princípios norteadores dela devem ser considerados como um conjunto formado pelas inter-relações e a complementaridade.

IHU On-Line – Em seu livro Três Ensaios de Bioética, você apresenta a bioética como uma "caixa de ferramentas" para compreender e tentar resolver conflitos de interesses e valores humanos. De que forma podemos pensar isso na prática entre profissionais da saúde e pacientes em uma sociedade tão pluralizada?

Fermin Roland Schramm – Utilizo o termo (ou metáfora) "caixa de ferramentas" (também utilizado, *inter alia*, por Wittgenstein³ e Deleuze⁴) para indicar que a bioética

líder comunista italiano Enrico Berlinguer (1922-1984). (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Gilles Deleuze** (1925-1995): filósofo francês.

pode fornecer argumentos para resolver tais conflitos. Inclusive referindo-se ao "direito à saúde" (e ao correspondente "dever do Estado") de todo brasileiro; às diretrizes do Sistema Único de Saúde - SUS que especificam de que direito se trata e referente a quê. Uma sociedade pluralista deve sempre respeitar a diversidade cultural, desde que ela não implique sofrimentos evitáveis para terceiros (ou "outros").

"Uma
sociedade
pluralista
deve sempre
respeitar a
diversidade
cultural, desde
que ela não
implique
sofrimentos
evitáveis para
terceiros"

IHU On-Line – De que maneira a biopolítica e a bioética podem contribuir na redução das desigualdades?

Fermin Roland Schramm — Biopolítica e bioética podem contribuir de forma complementar e interativa, isto é, argumentando que reduzir desigualdades está de acordo com aquela que considero sua diretriz mais geral e importante: a eliminação, redução ou prevenção contra sofrimentos evitáveis (para a bioética); estabelecendo e aplicando leis, diretrizes ou regras de con-

Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bérgson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos e singularidades. (Nota da **IHU On-Line**)

² Giovanni Berlinguer (1924-2015): médico sanitarista, bioeticista, deputado, senador, membro do parlamento europeu, inspirador da reforma sanitaria brasileira, militante do Partido Comunista Italiano. Berlinguer foi presidente do Comitê Nacional de Bioética e membro do Conselho Nacional de Saúde da Itália. Integrou o Comitê Internacional de Bioética da Unesco e a Comissão sobre Determinantes Sociais da Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS). Era irmão do famoso

³ Ludwig Wittgenstein (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século 20, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, da filosofia da linguagem e da epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, com exceção de seu primeiro livro: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas ideias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russel e Gottllob Frege. Quando o *Tractatus* foi lançado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). A edição 308 da IHU On-Line, de 14-9-2009, apresenta a entrevista O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein, com Luigi Perissinotto, disponível em https://goo.gl/HGR6jZ. A entrevista A religiosidade mistica em Wittgenstein, concedida por Paulo Margutti, consta na edição 362 da revista IHU On-Line, de 23-5-2011, disponível em https://goo.gl/JOKrYa. (Nota da IHU On-Line)

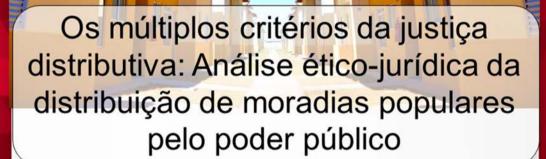
vivência, tolerância e empatia entre cidadãos (não podemos esquecer que "política" vem do grego *polis*), para a biopolítica.

De fato, a bioética se preocupa em afirmar (e quando possível aplicar concretamente) modos de vida com qualidade, e a biopolítica poderá dizer se tais modos de vida são factíveis ou não. Mas isso pode criar um conflito entre bioética e biopolítica, abrindo a possibilidade de a bioética poder se considerar uma forma de resistência à biopolítica, quando julgar que o suposto "realismo" da biopolítica é de fato injusto, pois pode implicar discriminações injustificadas.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Fermin Roland Schramm – Penso que considerar a biopolítica como uma ferramenta da bioética pode ser interpretado de duas maneiras distintas: (a) considerar o dispositivo da biopolítica como instrumento da bioética, a qual o aplicará de acordo com suas ferramentas de análise e de avaliação moral próprias (mesmo que entre

em conflito com as diretrizes da biopolítica): (b) considerar a bioética (e suas ferramentas) como devendo ser subsumida "realisticamente" à biopolítica. Penso que os dois campos (biopolítica, bioética) devam ser pensados como distintos (embora não necessariamente como separados), e como relacionados, sem serem confundidos. Em suma, bioética e biopolítica possuem uma relação complexa, na qual elas diaargumentam, justificam comportamentos que podem melhorar ou piorar a qualidade de vida de cada um e de todos.■



19 de outubro de 2017

(Quinta-feira) | 17h30min às 19h

Conferencista:

Prof. MS Celito De Bona – UNIOESTE

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Unisinos | Campus São Leopoldo

lhu.unisinos.br

Em busca de uma ecogovernamentalidade

Alfredo Veiga-Neto amplia o conceito de gorvernamentalidade de Foucault em busca de novas perspectivas para pensarmos os desafios contemporâneos

Lara Ely e Ricardo Machado

istoricamente a educação é um terreno fértil para o exercício de governo da população à medida que a compreendemos em termos biopolíticos, isto é, como conjunto de ações racionais direcionadas ao planejamento da economia das acões relacionadas ao biopoder. "Note-se que estou usando a palavra economia no seu sentido mais amplo, ou seja, não como uma área do conhecimento - a Economia -, mas como a otimização entre o que entra num sistema e o que sai dele, como ausência de desperdícios e de excessos inúteis", explica Alfredo Veiga-Neto, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Diante dos desafios que as sociedades contemporâneas nos impõem, a emergência de novas categorias pode nos ajudar a compreender melhor a complexidade dos fenômenos atuais. É nesse sentido que Veiga-Neto mergulha ao discutir e propor o termo ecogovernamentalidade. "Na medida em que governamentalidade foi a palavra que Michel Foucault inventou para designar, entre outras coisas, um conjunto de ações, análises e cálculos que possibilitam o exercício de determinadas formas de poder, bem como o campo em que se cruzam as práticas de governamento de cada um consigo próprio com as práticas de governamento sobre os outros, podemos falar em ecogovernamentalidade como uma associação entre a governamentalidade acima resumida e a Ecologia, de modo a pensarmos e problematizarmos politicamente não propriamente a vida em si, mas a vida imersa nas múltiplas condições que a cercam e a tornam possível", descreve. "Pode-se dizer que, no âmbito da criação e da invenção, cabe à educação contribuir para

a inovação, em termos da ampliação dos saberes e conhecimentos sobre a vida e o ambiente", complementa.

Alfredo Veiga-Neto é graduado em Música e História Natural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS. Cursou mestrado em Genética e Biologia Molecular e doutorado em Educação pela mesma instituição, com a tese A ordem das disciplinas. É professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e professor titular (aposentado) do Departamento de Ensino e Currículo, Faculdade de Educação da UFRGS. De sua produção intelectual, destacamos as seguintes obras, por ele organizadas: Crítica pos-estructuralista u educación (Barcelona: Laertes. 1997) e Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzscheanas (Rio de Janeiro: DP&A, 2002). De sua própria autoria, publicou Foucault & a educação (2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005).

O professor Alfredo Veiga-Neto, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, juntamente com o professor Castor Bartolomé Ruiz, do PPG em Filosofia da Unisinos, e o professor José Roque Junges, do PPG em Saúde Coletiva da Unisinos, apresenta e debate do livro Biopolítica: Um mapa conceitual, de Laura Bazzicalupo (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017). O evento ocorre na terça-feira, 17-10-2017, às 16h, na sala Ignácio Ellacuría e Companheiros - IHU e integra a programação do IX Colóquio Internacional IHU. A Biopolítica como teorema da Bioética. A programação completa pode ser acessada no link http://bit.ly/programacoloquio.

Confira a entrevista.

48

"Estou usando a palavra economia no seu sentido mais amplo, como a otimização entre o que entra num sistema e o que sai dele"

IHU On-Line – De que ordem é a dimensão biopolítica na educação?

Alfredo Veiga-Neto - Educação e biopolítica estão intimamente relacionadas. Por um lado, a biopolítica - no sentido desenvolvido por Michel Foucault¹, especialmente nos cursos que ministrou no Collège de France na segunda metade da década de 1970 - racionaliza as ações que visam ao governamento das questões e problemas vitais presentes numa população. Enquanto o biopoder é um poder que age, que atua, sobre a vida individual ou coletiva, a biopolítica é o conjunto das ações políticas que tem como objeto principal a vida numa população. Talvez se possa dizer que a biopolítica organiza racionalmente os biopoderes quando esses tomam a população como seu objeto.

Por outro lado, a Educação pode ser entendida como um conjunto de práticas, institucionalizadas ou não, cujo objetivo principal é a colocação dos recém-chegados — principalmente as crianças — nos "trilhos"

1 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a História da Loucura até a História da sexualidade (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em http://bit.ly/ihuon119; edição 203, de 6-11-2006, disponível em https://goo.gl/C2rx2k; edição 364, de 6-6-2011, intitulada 'História da loucura' e o discurso racional em debate, disponível em https://goo.gl/wigFL3; edição 343, O (des)governo biopolítico da vida humana, de 13-9-2010, disponível em https://goo.gl/M95yPv, e edição 344, Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate, disponível em https://goo.gl/R050.gl/m362nN. Confira ainda a edição nº 13 dos Cadernos IHU em formação, disponível em http://bit.ly/ihuem13, Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética. (Nota da IHU On-Line)

de uma cultura que já estava aí e que, na Modernidade, é a cultura comum a uma determinada população. Assim, é fácil compreender que a biopolítica tem, na Educação, um (digamos) instrumento poderoso para seu exercício de governar uma população, ou seja, de conduzir as ações dos indivíduos que compõem tal população.

Em termos foucaultianos, a emergência da biopolítica, na Modernidade europeia por volta da segunda metade do século XVIII, foi correlata à emergência da noção de população. Nesse caso, é preciso fazer a diferença entre um *aglomerado* qualquer de indivíduos — uma multidão, por exemplo — e uma *população*, pois essa é entendida como sendo um ser vivo coletivo "sobre o qual" se deve promover determinadas políticas que promovam a vida. São tais políticas que chamamos de biopolíticas.

IHU On-Line -Partindo de categorias foucaultianas, como pensar a educação no registro da emancipação e da disciplinarização?

Alfredo Veiga-Neto — Esta não é uma questão simples, pois, no âmbito dos Estudos Foucaultianos, a palavra *emancipação* tem um sentido bem diferente e uma força muito menor do que tem, por exemplo, na Teoria Crítica. De modo semelhante, a palavra disciplinarização também tem um outro sentido, um sentido positivo e principalmente produtivo, isto é, para Foucault a disciplina produz efeitos, em geral positivos

e úteis. Por si só, a disciplina coloca determinados ordenamentos nos grupos humanos que, sem ela, não passariam de uma massa caótica, a ser contida pela força bruta ou pela violência.

Nas palavras do filósofo, o Iluminismo² que inventou as liberdades teve de inventar também as disciplinas. Em outras palavras, nessa perspectiva, a liberdade não tem um sentido abstrato e incondicional, mas é um estado no qual as ações individuais ou coletivas devem seguir, consciente ou inconscientemente, certos padrões e constrangimentos partilhados os quais regulam a vida coletiva e garantem o uso racional dos espaços e tempos de que todos dispõem.

Seguindo de perto os ensinamentos da pedagogia de Kant³, Foucault

2 Iluminismo: movimento intelectual surgido na segunda metade do século XVIII (o chamado "século das luzes") que enfatizava a razão e a ciência como formas de explicar o universo. Foi um dos movimentos impulsionadores do capitalismo e da sociedade moderna. Foi um movimento que obteve grande dinâmica nos países protestantes e lenta porém gradual influência nos países católicos. O nome se explica porque os filósofos da época acreditavam estar iluminando as mentes das pessoas. É, de certo modo, um pensamento herdeiro da tradição do Renascimento e do Humanismo por defender a valorização do Homem e da Razão. Os iluministas acreditavam que a Razão seria a explicação para todas as coisas no universo, e se contrapunham à fé. (Nota da IHU On-Line)

3 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo
dos princípios da era moderna, representante
do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no
romantismo alemão e nas filosofias idealistas do
século 19, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção
entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou
noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o
que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento
científico, como até então pretendera a metafísica
clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo
dos fenômenos, e seria constituída pelas formas
a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas
categorias do entendimento. À IHU On-Line número 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de

insistiu muitas vezes que foi o poder disciplinar colocado em funcionamento a partir do século XVII, principalmente pela educação escolarizada, que permitiu importantes avanços das sociedades europeias, em termos de economia, cultura, qualidade de vida, convivência pacífica, equidade social etc. Nas minhas pesquisas desenvolvidas na primeira metade da década de 1990, sobre a disciplinaridade curricular, fiz um recuo histórico, argumentando que, bem antes do que havia sido descrito por Foucault, no seu magistral Vigiar e Punir (Petrópolis: Vozes, 1987), já no século XVI a disciplinaridade estava sendo "implantada" na teorização e nas práticas pedagógicas. Isso aconteceu primeiro em algumas universidades europeias e, quase ao mesmo tempo, nos colégios católicos, luteranos e calvinistas.

IHU On-Line – Como a biopolítica impacta na subjetividade humana?

Alfredo Veiga-Neto — Ao entendermos que falar em biopolítica é falar num conjunto de ações racionais cujo objetivo é planejar o mais economicamente possível as ações do biopoder — enquanto ações sobre a vida —, entenderemos que as subjetividades estão continuamente sujeitas às ações da biopolítica.

Vejamos um exemplo: uma determinada campanha governamental que, pela mídia, visa alertar uma população para os perigos de uma eventual epidemia e, com isso, convencer o maior número de pessoas a se vacinarem, é parte de uma biopolítica. Ora, tal campanha será tão mais eficiente quanto mais profundamente atingir cada sujeito, modificando-o a ponto de que ele não apenas se deixe vacinar, mas,

capa à vida e à obra do pensador com o título Kant: razão, liberdade e ética, disponível em http://bit.ly/ihuon93. Também sobre Kant, foi publicado o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética, que pode ser acessado em http://bit.ly/ihuem02. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 6-5-2013, intitulada A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios, disponível em https://goo.gl/SIII5H. (Nota da IHU On-Line)

mais do que isso, *queira se vacinar*, procure os serviços de saúde porque passou a sentir necessidade de se vacinar.

Note-se que estou usando a palavra economia no seu sentido mais amplo, ou seja, não como uma área do conhecimento — a Economia —, mas como a otimização entre o que entra num sistema e o que sai dele, como ausência de desperdícios e de excessos inúteis.

"Falar em biopolítica é falar
num conjunto
de ações racionais cujo objetivo é planejar o
mais economicamente possível as ações
do biopoder"

IHU On-Line – Quais lhe parecem ser os principais dilemas éticos do biopoder?

Alfredo Veiga-Neto – Ao entendermos o biopoder como determinadas ações que tomam a vida como alvo de sua ação, logo se verá que sempre o biopoder está envolvido com questões éticas. Para o bem ou para o mal, não há biopoder nem há a sua racionalização política – à qual chamamos de biopolítica – que não estejam implicados com vários dilemas éticos.

O problema que sempre temos pela frente é conseguir a maximização dos ganhos e a minimização das perdas. Dito assim, parece fácil; mas não é... Sempre é preciso determinar o que se entende por ganhos e por perdas; é, também, preciso saber

quem ganha e quem perde, quanto custa essa ou aquela decisão frente a um dilema. Além disso, é preciso ter claro que, no campo dos dilemas éticos, apenas muito raramente se consegue zerar os custos de uma decisão. Aqui, um pequeno alerta: quando falo em "ganhos", "perdas" e "custos", não me restrinjo às racionalidades do mercado. Muito mais do que isso, estou me referindo a ganhos, perdas e custos no âmbito dos saberes, da epistemologia, dos afetos, da moral, dos valores humanos. E é claro que, num mundo pautado pelas racionalidades liberal e neoliberal, gostemos ou não, nada disso dispensa, também, uma avaliação em termos do mercado.

IHU On-Line – Como o senhor compreende a noção de "ecopolítica"? De que forma ela se aproxima e se afasta da noção de biopolítica?

Alfredo Veiga-Neto — Costumase compreender a Ecopolítica como todo o conjunto de ações políticas que tem como objeto principal a Ecologia, ou seja, a condução racional e interessada das questões e problemas decorrentes das relações dos seres vivos entre si e com o ambiente que os "acolhe".

No meu entendimento, a ecopolítica deriva tanto da Ecologia quanto da biopolítica. Afinal, quando falamos em Ecologia, está implícita a vida no seu sentido mais amplo. Na medida em que, no grego, oikos é a casa, a morada, e que lógos é a palavra ou o conhecimento sobre algo — aqui, sobre essa morada —, a Ecologia vem a ser o nosso conhecimento e aquilo que dizemos sobre a nossa morada, sobre os lugares que habitamos, sobre o millieu no qual se desenvolve a vida.

É claro que tais derivações e relações não implicam igualdade nem, muito menos, identidade. Assim como ecopolítica e biopolítica se aproximam — e, às vezes, quase se superpõem —, elas não são a mesma "coisa". "A ecopolítica deriva tanto da Ecologia quanto da biopolítica"

IHU On-Line – De que forma a ecopolítica pode dar fôlego às pautas, por assim dizer, "antidesenvolvimentistas"?

Alfredo Veiga-Neto - Esta é uma pergunta que nos coloca diante de questões complicadas e sensíveis. Tornou-se um lugarcomum associarmos desenvolvimento econômico com destruição do meio ambiente: a História Moderna está repleta de exemplos dramáticos e lamentáveis que confirmam tal associação. Para complicar a situação, costuma-se entender, equivocadamente, que desenvolvimento econômico traz, necessariamente, desenvolvimento social, desenvolvimento humano, felicidade etc. E mais: também aqui é preciso ter claro, em cada situação, do que se está falando: o que se entende por crescimento econômico, desenvolvimento social, desenvolvimento humano e destruição do ambiente?

Resumindo, ainda é forte o mito de que qualquer forma de desenvolvimento acarreta sempre graves problemas ecológicos. Frente a esse estado de coisas, a ecopolítica tem muito a fazer e pode muito fazer. Entre outras coisas, ela pode, por exemplo, atuar no sentido de estimular e apoiar concretamente as muitas modalidades de desenvolvimento sustentável, de modo a não comprometer o ambiente em que vivemos e que deixaremos para as gerações futuras.

IHU On-Line – O que se entende por "ecogovernamenta-lidade"?

Alfredo Veiga-Neto - Frente a esta pergunta, eu me lembro de Alain Touraine⁴, filósofo francês contemporâneo que, entre muitos outros, escreveu o livro Pensar outramente (Rio de Janeiro: Vozes, 2009). Segundo Touraine, diante das múltiplas e inesperadas situações que se abrem à nossa frente, temos de inventar palavras novas. Afinal, tais palavras são a materialidade dos conceitos que funcionam quais ferramentas que nos permitem enxergar, entender e problematizar as novidades de um mundo em permanente mutação. A ecogovernamentalidade é um bom exemplo disso. Seja como for, parece que ainda estamos num momento de clarificar e afiar melhor tais conceitos-ferramenta. Assim, o que segue no parágrafo abaixo não passa de uma proposta provisória; ela não é original, mas serve aos propósitos que tenho em mente.

Na medida em que governamentalidade foi a palavra que Michel Foucault inventou para designar, entre outras coisas, um conjunto de acões, análises e cálculos que possibilitam o exercício de determinadas formas de poder, bem como o campo em que se cruzam as práticas de governamento de cada um consigo próprio com as práticas de governamento sobre os outros, podemos falar em ecogovernamentalidade como uma associação entre a governamentalidade acima resumida e a Ecologia, de modo a pensarmos e problematizarmos politicamente não propriamente a vida em si, mas a vida imersa nas múltiplas condições que a cercam e a tornam possível.

IHU On-Line – Como a categoria da ecogovernamentalidade contribui para o desenvolvimento de alternativas políticas

4 Alain Touraine (1925): é um sociólogo francês conhecido por sua obra dedicada à sociologia do trabalho e dos movimentos sociais. Tornou-se conhecido por ter sido o pai da expressão "sociedade pós-industrial". Seu trabalho é baseado na "sociologia de acção" e seu principal ponto de interesse tem sido o estudo dos movimentos sociais. Touraine acredita que a sociedade molda o seu futuro através de mecanismos estruturais e das suas próprias lutas sociais. (Nota da IHU On-Line)

diante da iminência do colapso civilizacional?

Alfredo Veiga-Neto – Ainda que as perspectivas ambientais, para um futuro a curto e médio prazos, não sejam animadoras, acho que a expressão "colapso civilizacional" é forte demais. Herdamos, das tradições talmúdicas, o mito do catastrofismo. Por isso, sou reticente diante das previsões alarmistas.

É claro que essa minha posição encontra tanto adeptos quanto críticos de múltiplos matizes, competências e intensidades. Trata-se de uma questão que fustiga as mentes e incendeia os corações. E, por mais que se avance numa ou noutra direção, sempre haverá novos caminhos a percorrer; e, enquanto o colapso não chega, mais gente esperará por ele. Estamos diante da típica situação segundo a qual a demora de um acontecimento reforça a certeza de que ele ainda acontecerá... Isso soa como uma (pretensa) demonstração ex contrario sensu...

Temos um exemplo dessa situação na alardeada, explosiva e ideologizada discussão sobre o aquecimento global. Um batalhão de especialistas, liderados por nomes de destaque internacional como James Lovelock⁵ e Al Gore⁶, há mais de 20 anos previram que, até o final do século XXI, bilhões de pessoas morreriam em decorrência do aquecimento do planeta e que apenas uns poucos sobreviveriam, desde que migrassem para os polos. Recentemente, o próprio

5 James Ephraim Lovelock (1919): cientista e ambientalista inglês, conhecido por ser o autor da Teoria de Gaia. Atualmente vive no centro de uma polémica por defender que apenas usinas nucleares podem os livrar de um desastre. É membro honorário da Associaton of Environmentalists for Nuclear Energy (para maiores informações, consulte o sítio www.ecolo.org). A IHU On-Line nº 171, de 13-3-2006, publicou o artigo A vingança de Gaia, de autoria de Lovelock, disponível em http://bit.ly/h7KNw6. De sua bibliografia em português, citamos A vingança de Gaia (São Paulo: Intrínseca, 2006) e Gaia, alerta final (São Paulo: Intrínseca, 2009). (Nota da IHU On-Line)

6 Al Gore: político norte-americano. Confira no site do IHU, editoria Notícias Diárias, o comentário de Luiz Carlos Merten, sobre o documentário *Uma verdade inconveniente*, publicado em 3-11-2006. Em 13-10-2006, reproduzimos uma entrevista com Al Gore intitulada *Este homem quer conter as lágrimas do Kilimanjaro*, também nas Notícias Diárias. O Blog do IHU repercutiu, igualmente, o documentário de Gore. Acesse nossa página, www.unisinos.br/ihu, e confira. (Nota da IHU On-Line)

Lovelock confessou: "eu cometi um erro; deveria ter sido mais cauteloso, porém teria estragado o livro".

Estamos muitíssimos longe de um acordo e de conclusões seguras. De qualquer maneira, não tenho dúvida de que a ecogovernamentalidade pode contribuir muito para nos prevenir de alguns desastres e para o desenvolvimento de alternativas que tornem a Terra mais habitável, o ar mais respirável, as águas menos poluídas, as paisagens mais bonitas, a vida mais segura.

IHU On-Line – Quais são os riscos e as potencialidades da Ecopolítica, nos termos apresentados? E qual o papel da educação nesse processo?

Alfredo Veiga-Neto — Quanto à primeira parte da sua pergunta, acho que ela já está em boa parte respondida até aqui. Falta, apenas, dizer que um dos riscos de eventuais medidas ecopolíticas radicais e extremadas é o imobilismo tecnológico e a pura e simples condenação de qualquer mudança que a ciência e a tecnologia podem promover.

Quanto à segunda parte, a resposta é fácil: a educação tem um papel ou, melhor, vários papéis nesse processo. Resumidamente, pode-se dizer que, no âmbito da criação e da invenção, cabe à educação contribuir para a inovação, em termos da ampliação dos saberes e conhecimentos sobre a vida e o ambiente.

No âmbito da formação, pode-se dizer que, cabendo à Educação o acolhimento, a preparação e a introdução dos recém-chegados no nosso mundo, é sempre ela que poderá direcioná-los "para o bem" ou "para o mal", para um futuro melhor ou para um futuro pior. Quanto mais a educação for diligente e competente para formar novas gerações preocupadas e envolvidas com problemas ambientais, melhor para elas e melhor para todos nós.

Leia mais

- Compreensão e rebeldia sobre nós mesmos. Entrevista com Alfredo Veiga-Neto, publicada na revista IHU On-Line número 203, de 6-11-2006, disponível em http://bit.ly/2kNFN3Z.
- Violência e Poder. A violência viola, o poder seduz. Entrevista com Alfredo Veiga-Neto, publicada na revista IHU On-Line número 293, de 15-5-2006, disponível em http://bit.ly/2ylWt89.
- A escola moderna é controladora. Entrevista com Alfredo Veiga-Neto, publicada na revista IHU On-Line número 281, de 10-11-2008, disponível em http://bit.ly/2xF87vx.
- "Educação e crise são, reciprocamente, causa e conseqüência uma da outra". Entrevista especial com Alfredo Veiga-Neto, publicada nas Notícias do Dia de 27-1-2008, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos IHU, disponível em http://bit.ly/2gh6Wez.
- A biopolítica e a crescente obsessão em torno da norma. Entrevista especial com Alfredo Veiga-Neto e Maura Corcini Lopes, publicada nas Notícias do Dia de 27-1-2008, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos IHU, disponível em http://bit.ly/2gh6Wez.
- "O neoliberalismo situa a educação no mercado da competição, da produção exacerbada". Entrevista com Alfredo Veiga-Neto, , publicada nas Notícias do Dia de 16-11-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos IHU, disponível em http://bit.ly/2zkiAtv.

O avassalador *Silêncio* de Scorsese M medium.com/@_ihu

⁷ Em: http://midiasemmascara.org/artigos/destaques/aquecimento-global-pai-da-hipotese-gaiase-arrepende-do-seu-alarmismo/. Acesso em 8 de outubro de 2017. (Nota do entrevistado)

2º Ciclo de Estudos

A reinvenção política no Brasil contemporâneo.

Limites e perspectivas

25 de outubro de 2017 (quarta-feira)

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

9h às 10h15min – Possíveis caminhos para a reconstrução da esquerda no Brasil

Conferencista: Prof. Dr. Ruy Fausto – USP

11h às 12h15min – Perspectivismo Político e Pragmatismo Radical. Possibilidades para a reinvenção da política.

Conferencista: Prof. Dr. Moyses Pinto Neto – ULBRA

14h às 15h15min – A necessidade da esquerda para além da esquerda.

Conferencista: Prof. Dr. Fábio Luis Barbosa dos Santos – UNIFESP

16h às 17h15min – Movimentos tradicionais e movimentos autonomistas. Possibilidades à reinvenção da política e da esquerda no Brasil

Conferencista: Profa. MS Alana Moraes – Pesquisadora e doutoranda na UFRJ

ihu.unisinos.br

Revolução ecossocialista e o desafio de não ceder à resignação

Michael Löwy propõe repensar o ideário socialista como enfrentamento da distopia tecnocrática do capitalismo de nosso tempo

João Vitor Santos

á 150 anos, Karl Marx publicava o primeiro volume de O Capital, obra que se tornaria uma espécie de leitura basilar do socialismo nos séculos XIX e XX. O sociólogo Michael Löwy destaca que "o mundo de hoie é profundamente diferente do da época de Marx, mas os princípios fundamentais do capitalismo - o fetichismo da mercadoria, a acumulação do capital, a maximização do lucro, a exploração do trabalhador e da natureza - não só se mantêm, como também se intensificaram". Para ele, é justamente nesse ponto que reside a atualidade dos escritos. Segundo o professor, a intensificação do que Marx já previa chega ao ponto de ameaçar o equilíbrio do planeta. Por isso, propõe uma leitura do socialista atualizada com o século XXI. É o que chama de ecossocialismo. "A distopia tecnocrática do capitalismo está levando a uma catástrofe sem precedente na história da humanidade, à crise ecológica, à mudança climática. Sem uma revolução ecossocialista, estamos condenados a um futuro tenebroso", destaca.

Löwy ainda compreende que um modelo de marxismo que dê conta dos desafios e problemas do século XXI passa necessariamente pela inclusão das "propostas dos movimentos sociais: a ecologia, o feminismo, a luta antirracista etc". O professor está divulgando o livro *Centelhas - marxismo e revolução no século XXI*, escrito com Daniel

Bensaïd (São Paulo: Boitempo, 2014). A obra reúne artigos dos dois pensadores. "Considero Bensaïd como um dos pensadores marxistas mais profundos, criativos e inventivos de nossa época", destaca Löwy, na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**. "Daniel Bensaïd dizia, e acho que com razão, que o imperativo do momento é não se dobrar, não renunciar, não capitular, não ceder à resignação passiva", provoca.

Michael Löwy é brasileiro, filho de imigrantes judeus de Viena, hoje radicado na França. É licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e possui doutorado na Sorbonne, sob a orientação de Lucien Goldmann, em 1964. Em Paris, trabalha como diretor de pesquisas no Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS; também já dirigiu um seminário na École des Hautes Études en Sciences Sociales. É autor de livros e artigos traduzidos em 25 línguas. Entre suas publicações, além do livro que está lançando, destacamos Walter Benjamin: aviso de incêndio (São Paulo: Boitempo, 2005), Lucien Goldmann ou a dialética da totalidade (São Paulo: Boitempo, 2009), Afinidades revolucionárias: nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários (São Paulo: Unesp, 2016) e A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano (São Paulo: Boitempo, 2014).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Ainda é possível pensar em revolução na era da distopia tecnocrática do século XXI? Como?

Michael Löwy – A revolução é mais atual e necessária do que nunca. A distopia tecnocrática do capitalismo está levando a uma catástrofe sem precedente na história da humanidade, à crise ecológica, à mudança climática. Sem uma revolução ecossocialista, estamos condenados a um futuro tenebroso...

"Sem uma revolução ecossocialista, estamos condenados a um futuro tenebroso"

IHU On-Line – Neste ano, são comemorados 150 anos da publicação de *O Capital*¹. No que consiste a perenidade dessa obra? E que paralelo podemos traçar entre o contexto em que Marx² lança o primeiro volume com o mundo de hoje?

Michael Löwy — O mundo de hoje é profundamente diferente do da época de Marx, mas os princípios fundamentais do capitalismo — o fetichismo da mercadoria, a acumulação do capital, a maximização do lucro, a exploração do trabalhador e da natureza — não só se mantêm, como também se intensificaram enormemente, chegando hoje a ameaçar a própria vida no planeta, o que não era ainda o caso em 1867. O Papa Francisco³ provavelmente não leu

O Capital, mas seu diagnóstico do caráter perverso do atual sistema econômico é muito próximo do que propõem os ecomarxistas.

IHU On-Line – Qual a atualidade da leitura de Walter Benjamin⁴?

Michael Löwy — Benjamin tentou formular um materialismo histórico desembaraçado da ideologia burguesa do "Progresso". Não há nada mais atual.

IHU On-Line – É possível pensar em marxismo após a queda do muro de Berlim? Como?

Michael Löwy – O que estava atrás do muro – o pretenso " socialismo real" – tinha tão pouco a ver com Marx, como a inquisição⁵ com os ensinamentos de Jesus. Daí o renascimento do marxismo nos últimos anos.

IHU On-Line – De que forma podemos pensar num modelo de marxismo que dê conta dos desafios e problemas do século XXI?

Michael Löwy – Incluindo as propostas dos movimentos sociais: a ecologia, o feminismo, a luta antirracista etc. A obra de Daniel Bensaïd⁶ é um belo exemplo desta renovação do marxismo.

1 **O Capital:** conjunto de livros (sendo o primeiro de 1867) de Karl Marx que constituem uma análise do capitalismo (crítica da economia política). Muitos consideram esta obra o marco do pensamento socialista marxista. Nela existem muitos conceitos econômicos complexos, como mais valia, capital constante e capital variável, uma análise sobre o salário; ou sobre a acumulação primitiva. Resumindo, sobre todos os aspectos do modo de produção capitalista, incluindo também uma crítica sobre a teoria do valor-trabalho de Adam Smith e de outros assuntos dos economistas clássicos. (Nota da **IHU On-Line**) 2 **Karl Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da

sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século 20. A edição 41 dos Cadernos IHU ideias, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título A (anti)filosofia de Karl Marx, disponível em http://bit.ly/173IFhO. Também sobre o autor, a edição número 278 da revista IHU On-Line, de 20-10-2008, é intitulada A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx, disponível em https://goo.gl/7aYkWZ. A entrevista Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem, concedida por Pedro de Alcântara Figueira, foi publicada na edição 327 da IHU On-Line, de 3-5-2010, disponível em http://bit.ly/2p4vpGS. A IHU On-Line preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty

central de *O Capital*, obra de Marx, disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/449. (Nota da **IHU On-Line**) 3 **Papa Francisco** (1936): argentino filho de imigrantes italianos, Jorge Mario Bergoglio é o atual chefe

O Capital no Século XXI, que retoma o argumento

de estado do Vaticano e Papa da Igreja Católica, sucedendo o Papa Bento XVI. É o primeiro papa nascido no continente americano, o primeiro não europeu no papado em mais de 1200 anos e o primeiro jesuíta a assumir o cargo. A edição 465 da revista IHU On-Line analisou os dois anos de pontificado de Francisco. Confira em http://bit.ly/1Xw2tgu. Leia, ainda, a edição Amoris Laetitia e a 'ética do possíve!' Limites e possibilidades de um documento sobre 'a família', hoje, disponível em http://bit.ly/1SseNSc e a edição O ECOmenismo de Laudato Si', disponível em http://bit.ly/1S6Luik. (Nota da IHU On-Line)

Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem. Conhecedor profundo da língua e cultura francesas, traduziu para o alemão impor-tantes obras como *Quadros parisienses*, de Charles Baudelaire, e Em busca do tempo perdido, de Marcel Proust. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagônicas do idealismo alemão, do materialismo dialético e do misticismo judaico, constitui um contributo original para a teoria estética. Entre as suas obras mais conhecidas, estão A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica (1936), Teses sobre o conceito de história (1940) e a monumental e inacabada *Paris, capital do século XIX*, enquanto A tarefa do tradutor constitui referência incontornável dos estudos literários. Sobre Benjamin, confira a entrevista Walter Benjamin e o império do instante, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Za-mora à **IHU On-Line** nº 313, disponível em http:// bit.ly/zamora313. (Nota da IHU On-Line)

5 **Inquisição**: é um grupo de instituições dentro do sistema jurídico da Igreja Católica Romana, cujo objetivo é combater a heresia. Começou no século XII na França para combater a propagação do sectarismo religioso, em particular, em relação aos cátaros e valdenses. A partir da década de 1250, os inquisidores eram geralmente escolhidos entre os membros da Ordem Dominicana para substituir a prática anterior de utilizar o clero local como juízes. O termo Inquisição Medieval cobre os tribunais ao longo do século XIV. No final da Idade Média e início do Renascimento, o conceito e o alcance da Inquisição foi significativamente ampliado em resposta à Reforma Protestante e a Contrarreforma Católica. O seu âmbito geográfico foi expandido para outros países europeus, resultando na Inquisição Espanho-la e Portuguesa. A instituição da Inquisição persistiu até o início do século XIX (exceto dentro dos Esta-dos Pontificios), após as guerras napoleônicas na Europa e depois das guerras hispano-americanas de independência na América. A instituição sobreviveu como parte da Cúria Romana, mas recebeu um novo nome em 1904, de "Suprema Sagrada Congregação do Santo Oficio". Em 1965, tornou-se a Congrega ção para a Doutrina da Fé. (Nota da **IHU On-Line**) 6 Daniel Bensaïd (1946-2010): foi um filósofo francês, teórico do movimento trotskista na França, dirigente da Quarta Internacional - Secretariado Unificado e docente da Universidade Paris VIII (Vincennes - Saint-Denis). Atuou como um dos ani-madores do Movimento 22 de Março, ao lado de Daniel Cohn-Bendit e outros ativistas. Destacou-se como um dos líderes do Maio de 68 guando estudava na Universidade de Paris X (Nanterre), militando na Juventude Comunista Revolucionária, da qual fora um dos fundadores (1966). Em 1969, foi cofundador da Liga Comunista Revolucionária, sendo, durante muito tempo, membro de sua direção. Participou ativamente também da criação do Novo Partido Anticapitalista. (Nota da **IHU On-Line**) **Michael Löwy** – Respondi em parte na questão acima. Todos os marxistas, ecologistas e anticapitalistas deveriam ler e estudar a Encíclica Laudato Si'.

IHU On-Line – Pode-se entender o nacionalismo extremado, por exemplo, nos gestos de Trump⁷, como um tipo de adap-

tação ou de contradição do capitalismo no século XXI?

Michael Löwy – O capitalismo sempre conheceu formas nacionalistas, autoritárias, imperialistas, e até fascistas, em sua história. Trump é mais um exemplo, bastante ridículo, mas extremamente perigoso.

IHU On-Line – Como seu livro Centelhas - marxismo e revolução no século XXI pode ajudar a irrigar a imaginação política e construir alternativas para nossos desafios?

Michael Löwy – O livro Centelhas - marxismo e revolução no sé-

sidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná -lo famoso. (Nota da **IHU On-Line**) culo XXI contém artigos meus e de meu falecido amigo Daniel Bensaïd. Considero Bensaïd como um dos pensadores marxistas mais profundos, criativos e inventivos de nossa época. Aos leitores, cabe decidir se o livro ajuda a construir alternativas.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Michael Löwy — Daniel Bensaïd dizia, e acho que com razão, que o imperativo do momento é não se dobrar, não renunciar, não capitular, não ceder à resignação passiva. E para citar Brecht⁵: quem luta pode perder. Quem não luta, já perdeu.■

8 Bertold Brecht (1898-1956): escreveu poesia, teatro, ensaios e roteiros de cinema, lutando durante toda a sua vida pelos oprimidos. Assumiu uma clara posição de esquerda e procurou colocar a luta de classes no palco, utilizando-se da dialética. (Nota da IHU On-Line)

Leia mais

- Ecossocialismo. Por uma ecologia socialista. Entrevista especial com Michael Löwy, publicada nas Notícias do Dia de 21-2-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos IHU, disponível em http://bit.ly/2zqCHcj.
- "Ecossocialismo, alternativa contra o capitalismo". Entrevista com Michael Löwy, reproduzida nas Notícias do Dia de 3-5-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos IHU, disponível em http://bit.ly/2ygpbXK.
- Michael Löwy: O golpe de Estado de 2016 no Brasil. Artigo do sociólogo, reproduzido nas Notícias do Dia de 18-5-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos IHU, disponível em http://bit.ly/2gb1zgK.
- "Nenhum Papa foi tão longe na condenação ao capitalismo como Francisco". Entrevista com Michael Löwy, reproduzido nas Notícias do Dia de 28-6-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos IHU, disponível em http://bit.ly/2wOswd7.
- O Marxismo oxigenado e a manutenção de sua radicalidade emancipatória. Entrevista com Fabio Mascaro Querido, sobre a obra de Löwy, publicada na revista IHU On-Line número 483, de 18-4-2016, disponível em http://bit.ly/2yaVEz8.

Ficha técnica

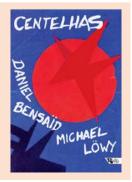
Centelhas - marxismo e revolução no século XXI

Daniel Bensaïd e Michael Löwy

Valor: R\$ 44,00 Páginas: 240

Ano de publicação: 2017

Editora: Boitempo



56

⁷ **Donald Trump** (1946): Donald John Trump é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45° presidente norte americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é pre-

Saúde que vem da terra

Signorá Konrad, professora da Nutrição, usa as aulas como oportunidade para aproximar estudantes do meio ambiente e reconectar saberes que vão da horta à mesa

Lara Ely

Ao caminhar entre amoreiras, goiabeiras e cerejeiras de seu pomar, em Ivoti, a nutricionista Signorá Konrad, 62 anos, uma das criadoras da Ecofeira Unisinos, recorda o ensinamento dos pais, o legado do marido e projeta a contribuição que

quer deixar aos dois filhos e alunos do curso de Nutrição: fazer a biodiversidade ser mais presente na dieta do século XXI. Embora não fossem agricultores (a mãe era professora e o pai lidava com eletrônica), os progenitores tinham horta na casa onde nasceu, em Taquari, capital da laranja e do mel. O assunto, que ocupa suas horas livres desde

menina, move também a trajetória acadêmica de 34 anos na Unisinos – a mesma instituição em que fez a graduação e duas especializações. Na Nutrição, é referência no ensino de Alimentos e Ambiente, nome da disciplina que criou há cerca de cinco anos. É nela que os alunos encontram amparo para entender como o cuidado com a natureza influencia questões de ordem pública. Levar as turmas para conhecer feiras e propriedades rurais é forma de ensinar que saúde começa bem antes da cozinha – vem da terra.

Sua trajetória docente na instituição iniciou em 1983, após um período lecionando na Unijuí. Mas as lembranças vêm ainda do tempo em que era aluna, quando varava madrugadas na fila da matrícula para garantir vaga nas disciplinas pretendidas. "Era muito disputado", recorda. O paraninfo da sua formatura foi o ambientalista José Lutzenber-

ger¹, quando ele recuperava terras arrasadas pela mineração em Pantano Grande para criar o Rincão Gaia (sede da ONG Fundação Gaia) e lutava contra os efeitos da Revolução Verde. Embora não recorde exatamente o que disse no discurso, sabe que foi escolhi-



Signorá se sente em casa meio a frutas, legumes e hortaliças nas feiras orgânicas| Foto: Lara Ely/IHU

do por representar um ícone na luta contra o envenenamento do campo.

De testes em laboratório a entrevistas nas vilas, Signorá foi uma estudante versátil. Atuou como voluntária em pesquisa de histologia, documentação, aplicou questioná-

1 José Lutzenberger (1926-2002): agrônomo e ecologista brasileiro que participou ativamente na luta pela conservação e preservação ambiental. Foi secretário-especial do Meio Ambiente da Presidência da República de 1990 a 1992. Em 1971, depois de treze anos como executivo da Basf, abandonou a carreira para denunciar o uso indiscriminado de agrotóxicos nas lavouras do Rio Grande do Sul. A partir de então, se dedicou à natureza e defendeu o desenvolvimento sustentável na agricultura e no uso dos recursos não renováveis, alertando para os perigos do modelo de globalização em vigor. Participou da fundação da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN) - uma das entidades ambientalistas mais antigas do país - e criou a Fundação Gaia. Leia mais na edição 18 da revista IHU On-Line, intitulada Lutzenberger: uma vida em favor da natureza, publicada em 20 de maio de 2002, disponível em http://migre.me/SuSsx. Leia, também, a entrevista com a jornalista Lilian Dreyer, intitulada A atualidade do legado de Lutzenberger, na edição 395 da revista IHU On-Line, de 04-06-2012, disponível em http://bit.ly/L9KRnY. (Nota da IHU On-Line)

rios. Sua intenção, depois de formada, era entrar no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mas, desaconselhada por um professor, acabou enveredando para a Fisiologia na mesma universidade, onde obteve graus de Mestra e Doutora. Para o primeiro título, estudou uma dieta baseada em glutamato monossódico (realçador de sabor típico da culinária chinesa) e para o segundo, analisou a "dieta de cafeteria". Sua abordagem permitiu concluir que o consumo de fast food é causa de obesidade, hiperglicemia, diabetes e síndrome metabólica.

Foi um pouco antes desse período, na década de 80, que Signorá conheceu o conceito que viria a mover seu interesse como pesquisadora: as Plantas Alimentícias Não Convencionais - Pancs. Quando deparou com o tema, Serralha, dente de leão e caruru ainda eram chamadas de plantas daninhas comestíveis. "Foi aí que caiu a minha ficha de que estudar esse tipo de plantas, e as sementes crioulas, era a forma de trazer a questão ambiental para dentro da nutrição", explica.

Nessa jornada conheceu referências como a agrônoma Ingrid Bergman Inchausti de Barros, a proprietária do Sítio Capororoca Silvana Bohrer e o biólogo Valdely Kinupp. Foi quando viu que não estava só e criou um elo com outros guardiões dos saberes da terra. Nesta caminhada, para construir uma rede de conhecimentos não convencionais, a permacultura e agroecologia tiveram papel fundamental, ajudando a preencher lacunas da academia. Hoje, faz esse diálogo com o objetivo de construir uma transição da nutrição focada na parte química para um enfoque mais ambiental e voltado à saúde coletiva.

Por acreditar que a escolha do alimento é um ato político, procura comprar comida direto dos produtores (sobretudo os que não participam de feiras). Faz isso na ideia de alinhar discurso e prática. "Busco equilíbrio na alimentação, relação com as pessoas e meditação para multiplicar o estado de bem-estar e atrair gente que pulsa na mesma vibração".

Nos anos de 1980 essa forma de ver o mundo passou a fazer sentido quando houve uma espécie de transição nos estudos acadêmicos. Uma preocupação com a desnutrição foi, aos poucos, dando lugar à origem dos alimentos. "A Revolução Verde surgiu nesse contexto, de não deixar faltar comida para todas aquelas pessoas que saíram do campo para morar

nas cidades, como um reflexo da Revolução Industrial. Aí, apareceram os impactos na saúde dos agricultores e os debates sobre o prejuízo do veneno excessivo".

Embora tenha ganhado relevância de uns tempos para cá, sobretudo com o aumento da popularidade de feiras orgânicas, pensar questões sociais e ambientais dentro de uma universidade é tarefa complicada. "Não é o tipo de conhecimento que move o interesse da maioria". Por trazer esses debates, desde os tempos de estudante, já foi taxada de radical, ecochata, natureba. Para os padrões atuais, seu perfil passa longe do estigma. Mesmo que tenha o hábito de comer muitas frutas, verduras, inclusive as não convencionais, e goste de testar substitutivos à carne, como a salsicha vegetariana feita de nozes, sua dieta não é radical (só abdica da carne vermelha, de porco e embutidos).

A influência do marido Helio Konrad, um biólogo com mestrado e doutorado em Ecologia e também professor universitário, foi fundamental para instigar o interesse na área ambiental. Foi das mãos dele que recebeu o livro *Primavera Silenciosa* (São Paulo: Melhoramentos, 1969), da norte-americana Rachel Carson. Apesar do título poético, uma referência ao silêncio dos pássaros mortos pela contaminação dos agrotóxicos, o livro fez eco no mundo todo. Outra obra importante foi *Sugar Blues – O gosto amargo do açúcar*, de William Dufty (Boston: Ground, 1993) que caracteriza o açúcar como a mais dissimulada das drogas.

Seu primeiro desafio profissional foi como nutricionista da Gerdau, indústria do ramo da metalurgia, onde supervisionou por cinco anos a dieta de 3 mil funcionários em uma fábrica que funcionava 24 horas por dia. Lá, foi responsável pela implantação de um cardápio dietoterápico junto à equipe de saúde. Em uma época onde as intolerâncias alimentares não eram comuns, sua principal ocupação foi a educação alimentar. "Às vezes a pessoa não está bem e joga tudo para a comida", diz.

E é verdade. Um ser humano em desequilíbrio come com ansiedade, com pressa ou até mesmo deixa de comer. Segundo a professora, hoje as pessoas estão com um vazio muito grande de identidade e de amor pelo que fazem. E a comida pode ser um escape negativo ou um elo de esperança na busca dessa reconexão. Ela prefere apostar na segunda opção e se apoiar na agricultura ecológica como um retorno às raízes, aos afetos e uma ponte para que a primavera volte a ser sonora.



O blade runner K (Ryan Gosling) observa as imagens gigantescas apresentadas em hologramas

Admirável futuro novo

Em *Blade Runner 2049*, criou-se uma continuação que faz jus ao original e expande o universo de maneira única

Fernando Del Corona¹

Em 2001: uma odisseia no espaço (1968), de Stanley Kubrick, o computador de nave HAL 9000, após quase matar os dois astronautas que planejavam desativá-lo, se vê diante da própria morte. Conforme o único sobrevivente (Keir Dullea) se prepara para desligar HAL definitivamente, este clama, sob a voz robótica de Douglas Rain: "Pare, Dave. Eu estou assustado". A máquina, a quem o homem dera sua própria voz, era consciente do seu fim.

Na ficção científica, a ideia do androide sempre foi de especial interesse: já em 1927 Fritz Lang apresentava uma das figuras mais emblemáticas do cinema no robô que assume a aparência da jovem Maria (Brigitte Helm) em *Metrópolis*. Assim como na vida real, cada vez mais se buscava aproximar o homem da máquina, dando-lhe voz e aparência humana. Em *Blade Runner, o caçador de androides* (1982), de Ridley Scott, a ideia é levada à sua conclusão natural: uma vez que um robô é indistinguível de um ser humano, qual a diferença entre os dois?

Apesar do peso da pergunta-chave — afinal, o que é *ser* humano —, *Blade Runner* não foi uma reflexão existencialista como 2001, mas um noir futurista que se aproximava mais das histórias de Philip Marlowe do que dos mundos fantásticos de *Star Wars*. No futuro dirigido por Scott — e

¹ Fernando Del Corona é mestrando em Comunicação e especialista em Televisão e Convergência Digital pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, graduado em Produção Audiovisual pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Em seu artigo de conclusão da especialização, pesquisou a relação de fãs da série *Game of Thrones* com spoilers no ambiente do site reddit. Em sua dissertação, em fase de desenvolvimento, investiga a presença da imagem-tempo na obra da diretora norte-americana Sofia Coppola.

inspirado pelo livro *Androides sonham com ovelhas elétricas?*, de Phillip K. Dick, lançado em 1968 —, a Terra está se esgotando de seus recursos naturais, e os que têm condições financeiras fogem para morar em outros planetas, enquanto os outros ficam confinados em megacidades claustrofóbicas e sob a constante chuva ácida. Para realizar o trabalho ingrato de colonizar planetas, criaram-se replicantes, androides idênticos a humanos em quase todos os aspectos. Quando um replicante precisa ser aposentado — leia-se: executado —, são blade runners que vão atrás deles, os caçadores de androide do título.

O filme foi um fracasso de bilheteria na ocasião do seu lançamento e passou por uma série de cortes e edições até chegar, em 2007, à versão final. Enquanto isso, ganhou status de cult, sendo valorizado por sua visão do futuro e seu design de produção. Atualmente, é figura certa em listas de melhores filmes de ficção científica ou dos anos 1980 — ou até de todos os tempos. Assim, produzir uma continuação 35 anos depois parecia tarefa dantesca, fadada ao fracasso, especialmente com o histórico recente de Ridley Scott.

O primeiro sinal de luz veio com a revelação do novo diretor escolhido por Scott, o canadense Denis Villeneuve, que chamou atenção internacional em 2016 com *A chegada*, mas que trazia na bagagem uma série de acertos, como *Sicário: terra de ninguém* (2015), *O homem duplicado* (2013), *Os suspeitos* (2013) e o impressionante *Incêndios* (2010). A segunda boa notícia veio com a escolha do diretor de fotografia Roger Deakins, colaborador frequente dos irmãos Coen. Lentamente criou-se esperança.

Blade Runner 2049 conseguiu o que parecia impossível. Não é somente uma continuação que faz jus ao original, mas também funciona bem como obra independente e expande ainda mais o universo desenvolvido em 1982. Com uma duração consideravelmente maior – 166 minutos, quase 50 minutos mais longo do que seu antecessor –, a trama ainda é, no fundo, uma história de detetive: o blade runner K (Ryan Gosling), após aposentar um replicante (Dave Bautista) na sequência inicial do filme, descobre pistas sobre um mistério que sua superior (Robin Wright) não quer que ele investigue e que aponta para seu próprio passado e para Rick Deckard (Harrison Ford), o protagonista do filme original.

Assim como George Miller fizera em 2015 com *Mad Max: estrada da fúria*, Villeneuve não se prende aos detalhes da obra original ou se perde em citações desnecessárias. Quando faz referência, é de maneira discreta ou porque se trata de algo relevante para a trama. O mundo criado parece a evolução daquele apresentando no primeiro filme: as imagens nas telas gigantescas apenas desceram para as ruas na forma de hologramas, e os prédios antigos e decadentes parecem ter sido substituídos de vez por novos pequenos apartamentos mais condizentes com a superpopulação da Terra, cada vez mais esvaziada de qualquer forma de natureza.

Agora, porém, o filme sai da cidade e das trevas, revelando a realidade do planeta, de desertos, lixões e paisagens radioativas. Todas as particularidades desse mundo, dos neons espetaculares de Los Angeles a uma Las Vegas fantasma, são captadas pelos olhos de Deakins, um dos maiores diretores de fotografia da atualidade. *Blade Runner 2049* é um espetáculo visual, entre cores, enquadramentos e jogos de luzes angulares que remetem ao próprio Fritz Lang e ao expressionismo alemão. Uma cena envolvendo K, Joi (Ana de Armas), uma inteligência artificial que surge em forma de holograma e Mariette (Mackenzie Davis), é visualmente uma das mais criativas e envolventes dos últimos anos, materializando com perfeição as ideias de *Ela* (2013), de Spike Jonze, sobre um homem que se apaixona por um aplicativo.

Entre os dois filmes – e muito disso é contado através de três curtas-metragens oficiais lançados como prólogos para o longa –, a Tyrell Corporation, empresa que produzia replicantes no filme original, vai à falência, e a criação de novos replicantes é proibida. O empresário Niander Wallace (Jared Leto), responsável por evitar a fome mundial através



Blade Runner 2049 (2017), de Denis Villeneuve

da criação de comida sintética, consegue reverter a lei fabricando replicantes que obedecem às ordens humanas — mesmo que isso signifique tirar suas próprias vidas. Em um mundo onde árvores estão se extinguindo, Villeneuve demonstra o poder e o dinheiro de Wallace através de seu prédio, repleto de salões elegantes completamente cobertos por madeira.

Ryan Gosling parece feito para o papel principal – supostamente ele fora a primeira e única escolha do diretor –, aperfeiçoando o estoicismo que desenvolveu em filmes como Apenas Deus perdoa (2013) e Drive (2013), ambos de Nicolas Winding Refn. K não é como Deckard, com seu charme agressivo oitentista, mas distante e, na maioria das vezes, impassível. Um momento-chave gira em torno de variações sutis, quase imperceptíveis, na atuação de Gosling que – o filme sugere - seriam percebidas apenas por um computador. Sua maior antagonista no filme é a replicante Luv (Sylvia Hoeks), braço direito de Wallace, que inverte o jogo de caça do primeiro filme, perseguindo K. Wallace, por sua vez, ganha pouco tempo de cena, funcionando mais como uma figura sinistra através do alcance do seu poder e influência. Saindo do fracasso de Esquadrão suicida (2016), em que foi duramente criticado por sua interpretação do Coringa, não é um papel simples para Leto, que usou lentes de contato opacas para simular a cegueira do personagem. Ainda que não chegue a ser uma redenção no nível de sua atuação em Clube de compras Dallas (2013), é uma performance competente, e o personagem, marcante, apesar das poucas cenas – ainda que, em grande parte, isso venha das escolhas estéticas do filme, não apenas da atuação de Leto, Harrison Ford, completando a recapitulação de seus papéis mais populares depois de voltar a viver Han Solo e Indiana Jones, entrega sua melhor performance em décadas, acrescentando algo nescessário à trama, algo que Star Wars: o despertar da força (2015) falhou em conseguir.

A história se desenvolve sem pressa. A trilha de Benjamin Wallfisch e Hans Zimmer reflete sobre a icônica música de Vangelis para o original, mostrando-se sombria e, por vezes, melancólica. Os planos são longos e, em alguns momentos, repletos de silêncios. O mundo parece vivo, fugindo dos limites da tela. Para a continuação de um filme tão querido e analisado por mais de 30 anos, isso já seria um grande feito, mas Villeneuve vai adiante. Em tempos de remakes, reboots e continuações desnecessárias, feitas apenas para lucrar a partir da nostalgia e dos fãs de uma marca, *Blade Runner 2049* é um trabalho realizado com uma visão única de um dos melhores diretores em trabalho na atualidade. Com um orçamento estimado de mais de 150 milhões de dólares e uma bilheteria que vem decepcionando, não se pode esperar muitos filmes como esse: uma obra que consegue mesclar arte e entretenimento em tamanha escala, ação com questionamentos filosóficos – sendo bem-sucedida em ambas as propostas.

Os novos replicantes em *Blade Runner 2049* atualizam as questões morais apresentadas no primeiro filme. Se quando HAL suplica por sua vida, em *2001*, a máquina começou a agir como um humano, em *Blade Runner*, a máquina ganhou a forma deste. O futuro, Villeneuve sugere, será um passo para trás. Os replicantes não devem mais ser tão próximos do homem. Através da sua obediência irrefutável, eles voltarão para mais perto do robô distante, o que deve diminuir qualquer questão moral do abuso deles como mão de obra involuntária, da mesma maneira que se usaria uma ferramenta. Ao remover a capacidade de escolher, se tira uma parte da sua humanidade. O que *Blade Runner 2049* explora é o que resta por trás da escolha, no limite entre o humano e a máquina, se é que existe um.

Ficha técnica

Blade Runner 2049

Direção: Denis Villeneuve

Produção: Andrew A. Kosove, Broderick Johnson, Bud Yorkin, Cynthia Yorkin

Elenco: Ryan Gosling, Harrison Ford, Jared Leto, Robin Wright, Ana de Armas, Sylvia Hoeks,

Mackenzie Davis, Dave Bautista

Estados Unidos, 2017, 166 min.

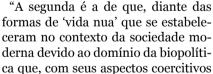
62

Comportamentos normatizados e a noção de profanação na obra de Giorgio Agamben

A edição 125 do **Cadernos Teologia Pública**, publicado pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, traz o texto *Comportamentos normatizados e a noção de profanação na obra de Giorgio Agamben*, de Claudio de Oliveira Ribeiro, doutor em Teologia pela Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro. A obra discute como a Modernidade é constituída por modelos de sociabilidade que levam parte da população à vida nua, isto é, desprovida de quaisquer direitos ou garantias.

"A pesquisa realça, entre a diversidade de aspectos que merecem a atenção no pensamento de Giorgio Agamben, duas ênfases. A primeira é a de que o Estado Moderno foi forjado na violência e por isso se constitui um estado de

exceção permanente. A economia política moderna se apropriou da noção tradicional de providência divina e a transformou em técnicas coercitivas de governo a fim de harmonizar desejos humanos com as políticas voltadas com o controle de condutas. Nesse contexto, estão as formas utilitárias e artificiais de produção de desejos, com as correspondentes normatizações, padronizações e normalização de comportamentos", explica o autor.



e seus dispositivos de controle, retiraram do uso comum todas as dimensões da vida e da liberdade humana, a tarefa política e existencial que se coloca é a de profanar as estruturas políticas e jurídicas", complementa.

A versão completa do artigo está disponível em https://goo.gl/BQgFbY.

Esta e outras edições do **Cadernos Teologia Pública** também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590–8213.



Outras edições em www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-anteriores



Biotecnologias e reprodução humana: limites e possibilidades

Edição 68 - Ano III - 28-7-2003

Esta edição aborda o tema do uso de biotecnologias em reprodução humana. A partir da notícia sobre o nascimento de um bebê selecionado geneticamente para salvar o seu irmão, a revista trouxe esse tema da mais alta importância que se caracteriza por pontos de vista a partir de diversas áreas do saber. Trata-se de uma discussão multidisciplinar em busca da transdisciplinaridade.



Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate

Edição 344 - Ano X - 21-9-2010

Para discutir o tema proposto, foram entrevistados os seguintes especialistas: Oswaldo Giacóia, César Candiotto, Fabián Ludueña, Sylvio Gadelha da Costa, Karla Saraiva, Carlos Noguera, Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Hattge, Vera Portocarrero, José Roque Junges, Márcio Seligmann-Silva e Ricardo Timm.



Cuidado de si e biopolítica. Saberes e práticas na constituição dos sujeitos contemporâneos

Edição 472 - Ano XV - 14-9-2015

Pensar os processos biopolíticos a partir de um paradigma contemporâneo exige abordar a realidade em nível molecular. Quando os biopoderes operam de forma fragmentária, particularizada, o cuidado de si, com todos seus discursos, práticas e procedimentos tecnocráticos, torna-se um tipo de governo descentralizado da vida humana, permeando todos os âmbitos de nossa experiência em sociedade.



CICLO DE DEBATTES

DIREITOS HUMANOS

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

ihu.unisinos.br

Jacques Távora Alfonsin

ONG Acesso, Cidadania e Direitos Humanos

e Ezequiel Morais

Movimento Nacional de Luta pela Moradia Ocupa Prefeitura de Porto Alegre – MNLM

19h30min às 22h | Unisinos - Campus Porto Alegre

ihu.unisinos.br

(terça-feira)



A evolução da internet das coisas e da inteligência artificial e seus impactos na sociedade

Esp. Maurício Francisco Casotti **CPqD**

31 de outubro de 2017 (terça-feira) | 19h30min Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

ihu.unisinos.br



